



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Centro de Letras e Artes – CLA

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

RELICÁRIO DE EMOÇÕES

Caminhos da pedagogia do teatro na ONG Solar Meninos de Luz

CHEILA OLIVEIRA CARREIRO

Orientadora: Prof(a). Dr(a). Marina Henriques Coutinho

RIO DE JANEIRO

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Centro de Letras e Artes – CLA

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

RELICÁRIO DE EMOÇÕES

Caminhos da pedagogia do teatro na ONG Solar Meninos de Luz

CHEILA OLIVEIRA CARREIRO

Dissertação de mestrado, apresentada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, como trabalho de conclusão para obtenção de título de mestre.

Orientadora: Prof(a). Dr(a). Marina Henriques Coutinho

**RIO DE JANEIRO
2024**

C314r Carreiro, Cheila Oliveira
RELICÁRIO DE EMOÇÕES Caminhos da pedagogia do teatro na ONG Solar Meninos de Luz / Cheila Oliveira Carreiro. -- Rio de Janeiro, 2024. 148 f.

Orientadora: Marina Henriques Coutinho .
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2024.

1. Pedagogia do teatro. 2. Sistema musical de atuação - Método MUSA. 3. Rasaboxes. 4. Educação emocional. 5. Comunidade - Educação. I. Coutinho , Marina Henriques , orient. II. Título.

CDD 372.66



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas - PPGEAC -
Mestrado Profissional

RELICÁRIO DE EMOÇÕES


Caminhos da pedagogia do teatro na ONG Solar Meninos de Luz

POR

Cheila Oliveira Carreiro


DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARINA HENRIQUES COUTINHO**
Data: 30/08/2024 16:32:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Marina Henriques Coutinho (orientadora)

Prof(a). Dr(a). Carmela Soares (UNIRIO)

Documento assinado digitalmente
 **CLARISSE MENDES LOPES**
Data: 29/08/2024 09:34:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Ms(a). Clárisse Mendes Lopes (Estácio de Sá)

A Banca considerou a Dissertação: Aprovada

Rio de Janeiro, RJ, em 16 de agosto de 2024

Pensando na vida deles, brinco de pensar a minha vida.

Através da fantasia, lido com emoções que não conseguiria trabalhar se estivesse falando da minha realidade. A fantasia tem aqui o papel de elaboração simbólica da realidade. (Nogueira, 2008, p. 128).

Gratidão aos companheiros de jornada

Quero expressar minha gratidão às pessoas especiais que têm sido os pilares em minha jornada, é com profundo carinho que dedico estas palavras:

Ao meu amor e parceiro de vida, Marcio Carreiro, pelo amor e apoio incondicional. Obrigada por ser o meu porto seguro em tantos momentos de aflição e incertezas, por estar ao meu lado me motivando a seguir adiante e por compartilhar essa jornada comigo.

Ao meu grande amigo e mentor, Sotiris Karamesinis, que tem me acompanhado em todos os grandes momentos da minha formação. Que com alegria e carinho tem me incentivado e encorajado a ir sempre além do que eu acho que sou capaz. Além de ter me possibilitado ser multiplicadora do MUSA, o método que além de ser minha principal ferramenta em sala de aula, é minha ferramenta de treinamento pessoal.

Aos meus amigos da MUSA Cia Teatral, em especial aos professores Jorran Souza e Tauã de Lorena, meus companheiros nessa investigação, bem como a Maria Augusta por traduzir em palavras as ideias dessa mente inquieta. Agradeço também às queridas professoras, que dividem a sala de aula comigo nesses últimos anos, Michelle Guimarães e Stephanie Dourado por serem minha âncora nesse período de escrita.

Aos meus alunos de todos os tempos, obrigada por serem minha fonte de inspiração, meus pequenos provocadores, que me fazem a professora que sou hoje e alimentam a minha esperança e alegria. Em especial a Mirely de Jesus, minha aluna e parceira de trabalho e ao querido Marcos Paulo, por trazerem a arte (e os QR codes) para essa dissertação.

À todas as pessoas que compõem o Solar Meninos de Luz, essa instituição pela qual nutro um enorme carinho, em especial a D. Iolanda (*in memória*) por ter nos recebido com tanto amor e por ter nos permitido ser parte dessa grande família Solar. Alessandra Almeida, Cybelle Borges, Isabella Maltaroli, Raquel Maia, Rose de Araujo, Tatiana Neves, que entre tantas outras contribuições, participaram com entusiasmo das entrevistas e conversas, a fim de elucidar o meu caminho. A Eliana Rodrigues por seu olhar atento na formatação dessa escrita e de tantas outras. A Mayra Andrade, Guilherme Maltaroli, Reginaldo dos Santos, Seu Tarcísio e Adriano Barros, por serem meu apoio em tantos momentos.

Aos pais e responsáveis dos alunos por demonstrarem uma escuta afetiva aos meus contatos.

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas (PPGAC-UNIRIO), Paulo Melgaço, Jacyara de Carvalho, Andreia Bieri, Angela Reis, Liliane Mundim, em especial à Profa. e Dra. Marina Henriques, por me aceitar como sua orientanda e acolher minhas inquietações de forma afetuosa e provocadora.

Às professoras que compõem a banca examinadora deste trabalho, Carmela Soares e Clarisse Mendes Lopes, pelas observações na qualificação e, por agora, compor a banca de defesa.

Às queridas colegas da turma de Mestrado: Andrezza Bittencourt, Beatriz Freitas, Camila Costa, Cássia Reis, Fabianna de Souza e Mello, Luana Csermak, Patricia Pinho, Rosamaria Lirio e o colega Anderson Calabria, pelas trocas e conversas.

Aos meus queridos amigos do início da minha caminhada em Blumenau, obrigada por tanto! Vocês foram e são essenciais nessa jornada.

A todos que de alguma forma contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, minha gratidão.

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada com estudantes da educação infantil ao ensino médio, alunos e alunas da ONG Solar Meninos de Luz, situada nas comunidades do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo no Rio de Janeiro, no ano de 2019. O estudo, apoiado na prática de ensino da autora, professora na instituição, investiga a relação entre a Pedagogia do Teatro e as metodologias MUSA (Sistema Musical de Atuação) e Rasaboxes, ambas focadas no trabalho com as emoções, refletindo sobre suas contribuições para o desenvolvimento artístico, cognitivo, emocional e social dos estudantes.

Palavras-chaves: Pedagogia do Teatro; Método MUSA; Rasaboxes; Educação Emocional; Comunidade.

ABSTRACT

This research was carried out with students from early childhood education to high school, male and female students of the NGO Solar Meninos de Luz, located in the communities of Pavão-Pavãozinho and Cantagalo in Rio de Janeiro, during the year of 2019. The study, supported by the teaching practice of the author who is also a teacher at the institution, investigates the relationship between Theater Pedagogy and the MUSA (Musical System of Acting) and Rasaboxes methodologies, both focused on the exploration of emotions, reflecting on their contributions to artistic, cognitive, emotional and social development of students.

Keywords: Theater Pedagogy; MUSA Method; Rasaboxes; Emotional Education; Community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Espectáculo: "Andar...sem parar...de transformar" - Maria Luíza Lacerda, 2009. Direção Roberto Murphy	17
Figura 2 -	Oficina de confecção de objetos, a partir de material reciclado. Escola de Educação Básica Adolpho Konder - Blumenau - SC. Maio de 2009 .	18
Figura 3 -	Solar Meninos de Luz	19
Figura 4 -	Equipe de professores no primeiro ano na escola, após o espetáculo "Sopa de Pedra", em dezembro de 2015	20
Figura 5 -	Nosso primeiro dia de aula com os alunos do pré 2, março de 2015	21
Figura 6 -	Cartaz do filme documentário ficcional grego "Happy Princes"	22
Figura 7 -	Painel da escola	30
Figura 8 -	Lar Paulo de Tarso	32
Figura 9 -	Creche Lar Paulo de Tarso	32
Figura 10 -	Casas do Solar Meninos de Luz	34
Figura 11 -	Vista do teatro da parte interna superior da plateia	37
Figura 12 -	Camarim em dia de apresentação	38
Figura 13 -	Corredor em frente ao camarim, usado para os dias de apresentação com uma extensão do próprio	38
Figura 14 -	Seleção dos alunos - março de 2022	39
Figura 15 -	Cartaz do espetáculo "Nem tudo está azul no país azul"	46
Figura 16 -	Apresentação de dança, integrando a Cia EsTANGOstoso	46
Figura 17 -	A atriz, idealizadora e autora deste trabalho, junto com a atriz Laura de Castro	47
Figura 18 -	Apresentação do espetáculo: "O arco-íris de todos nós" inspirado em FLICTS, de Ziraldo. Novembro de 2018. Teatro do Solar	48
Figura 19 -	Alunas: Isabella, Alice, Estela e Rebecca. Pré 2	59
Figura 20 -	Alunos do Fundamental 1	60
Figura 21 -	Alunas: Rayssa e Vistoria. Fundamental 1	61
Figura 22 -	Fundamental 2 e Ensino médio	62
Figura 23 -	Elemento ar - Corpo ativo e passivo	63
Figura 24 -	Alunos do Fundamental 1, 2 e EM no paredão das emoções	64
Figura 25 -	Contação da história "O Monstro das Cores", Anna Llenas, para os alunos do fundamental 1	71
Figura 26 -	Alunos do 1º ano, trabalhando a emoção do medo	73

Figura 27 -	Alunas: Alice e Ana Alice, trabalham a emoção da raiva e da alegria	73
Figura 28 -	Alunos: Davi e Ive. 2º ano	74
Figura 29 -	Alunos Fundamental 2 e EM	74
Figura 30 -	Alunos: Diogo e Júlia	75
Figura 31 -	Potes espalhados pela escola	76
Figura 32 -	Funcionária escrevendo seu depoimento	77
Figura 33 -	Aluno Mateus, do fundamental 1, deixando seu depoimento	77
Figura 34 -	Alunas Júlia e Lídia do Ensino Médio, deixando seus depoimentos	78
Figura 35 -	Professora Cheila com o material recolhido	78
Figura 36 -	Alunos: Wanderson e Matheus Hilário	80
Figura 37 -	Alunas: Maryna, Lara e Catarina	80
Figura 38 -	Alunas: Rayssa e Maria Clara	83
Figura 39 -	Aluno Rafael: 1º ano - Fund. 1	86
Figura 40 -	Aluna Ana Júlia, 2º ano - Fund. 1	87
Figura 41 -	Aluna Emanuella: 1º ano - Fund. 1	87
Figura 42 -	Aluna Quézia do Ensino Médio	88
Figura 43 -	Aluno Riquelme, 5ºano do Fundamental 1	88
Figura 44 -	Alunos7 Fund. 1: Lara e Gabriel	89
Figura 45 -	Alunas do Fund. 2: Maria Vitória; Victoria Lorryne e Maria Vitória Firmino	90
Figura 46 -	Alunas do Ensino Médio: Kézia e Samira	90
Figura 47 -	Alunos do Fund. 1. em pesquisa nos elementos	91
Figura 48 -	Alunas: Sofia, Maryna, Vitória e Lara.Fundamental 1 em pesquisa com o <i>rasaboxes</i>	94
Figura 49 -	Aluna: Maria Eduarda, fundamental 2, em pesquisa com o <i>rasaboxes</i> ...	98
Figura 50 -	Frase	101
Figura 51 -	Cartaz de divulgação da Exposição “O que te causa?	102
Figura 52 -	Cheila, Marcelo e Fabiana	103
Figura 53 -	Mirely criando o coração que compunha a exposição	103
Figura 54 -	Aluna Mirely. Ensino médio	107
Figura 55 -	Aluno Mateus. Fund. 1	108
Figura 56 -	Aluno Enzo. Fund. 1	108
Figura 57 -	Aluna: Kézia. Ensino médio	109

Figura 58 -	Aluno Wanderson. Fund. 1	109
Figura 59 -	Aluna Júlia e Maria Clara. Fund. 1	110
Figura 60 -	Alunos Marcos Paulo e Luiz Fernando. Fund. 2	110
Figura 61 -	Aluno Mateus I. Fund. 1	111
Figura 62 -	Aluno Diogo. Fund. 1	111
Figura 63 -	Aluna Sophia, Alice, Artur. Fund. 1	112
Figura 64 -	Alunos Catarina e Gabriel. Fund. 1	112
Figura 65 -	Aluno Mateus II. Fund. 1	113
Figura 66 -	Aluna Érica. Ensino Médio	113
Figura 67 -	Aluno Mateus III. Fund.1	114
Figura 68 -	Aluna Victória – 4. ano - Fund. 1	114
Figura 69 -	Alunas: Maryna e Manu se reconhecendo nas fotos	115
Figura 70 -	Benjamin, Sophia, Victória Lorrayne, Sandra e Nilson Soares	116
Figura 71 -	Espetáculo “No Ritmo do Coração” (2019)	118
Figura 72 -	Personagens da mitologia grega	119
Figura 73 -	Zeus e Pandora	120
Figura 74 -	Coreografia o nascimento das emoções	121
Figura 75 -	Núcleo do medo	122
Figura 76 -	Núcleo da calma	122
Figura 77 -	Emoções	123
Figura 78 -	Coreografia da tristeza em ritmo de bossa nova, criada por Elana Vitória da turma de ballet avançado	124
Figura 79 -	Coreografia da tristeza executada pelas alunas do Fund. 1	124
Figura 80 -	Samba representando a alegria, criado pelo professor de dança de salão, Fernando Barbosa	125
Figura 81 -	Onde as emoções afetam as relações humanas	126
Figura 82 -	Na cena os pais "resolvem" suas diferenças de pensamento através da violência. Alunos: Jhonatan e Vitória	127
Figura 83 -	Aqui temos as filhas do casal, que repetem as atitudes de seus pais, replicando a violência. Alunas: Maria Vitória e Vitória Lima	128
Figura 84 -	Coreografia criada pelo aluno Jhonatan, praticante do candomblé, fazendo o chama "Alujá" um toque para Xangô, o orixá do trovão e do fogo	129

Figura 85 - Coreografia do Hip Hop criada pelo Professor de matemática da escola: Victor Lima I	130
Figura 86 - Coreografia do Hip Hop criada pelo Professor de matemática da escola: Victor Lima II	130
Figura 87 - Cena onde a personagem do amor, descobre sua identidade	132
Figura 88 - Publicações sobre o projeto Emoções que transformam	133

LISTA DE QRCODES

QRcodes 1 -	Pesquisa no MUSA - CIA (2015)	20
QRcodes 2 -	Teaser Happy Princes (2017)	22
QRcodes 3 -	Teaser Espetáculos com temática do bullying (2018)	48
QRcodes 4 -	Pesquisa no MUSA - elementos da natureza (2022)	58
QRcodes 5 -	Pesquisa no MUSA - Exercício da bexiga (2019/2022)	59
QRcodes 6 -	Pesquisa no MUSA - Exercício da corda (2019/2021)	61
QRcodes 7 -	Pesquisa no MUSA - Exercício da Torção (2019/2024)	62
QRcodes 8 -	Pesquisa no MUSA - Exercício ar ativo/passivo (2024)	63
QRcodes 9 -	Exercício da máquina das emoções (2019)	74
QRcodes 10 -	Pesquisa no MUSA - Instrumentos Isolados (2019)	83
QRcodes 11 -	Pesquisa no MUSA - Instrumentos Isolados fase 2 (2019)	86
QRcodes 12 -	Pesquisa no MUSA - Espelho com música (2019)	89
QRcodes 13 -	Pesquisa no MUSA - Elementos da natureza (2019)	92
QRcodes 14 -	Pesquisa no MUSA - Partitura Corporal “Olhar/Inclinar/Pegar/ Reconher (2019)	95
QRcodes 15 -	Pesquisa no MUSA - Partitura Corporal 3 movimentos (2019)	95
QRcodes 16 -	Exposição “O Que te Causa?” (2019)	104
QRcodes 17 -	Teaser espetáculo “No Ritmo do Coração” (2019)	117
QRcodes 18 -	Live “Nos Bastidores de “Príncipe Feliz” (2020)	135
QRcodes 19 -	Curta Metragem “O Príncipe Feliz” - Oscar Wilde (2020)	136
QRcodes 20 -	Teaser “Por Trás do Sonho” (2021)	136
QRcodes 21 -	Espetáculo “Por Trás do Sonho” (2021)	137
QRcodes 22 -	Teaser “O Nariz” Nikolai Gógol (2022)	137
QRcodes 23 -	Espetáculo “O Nariz” Nikolai Gógol (2022)	138
QRcodes 24 -	Teaser “O Renascer da Esperança - Uma História de Luz (2023)	139
QRcodes 25 -	Espetáculo “O Renascer da Esperança - Uma História de Luz (2023)	139

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO: NAVEGANDO EM MARES DESCONHECIDOS ..	16
1	RECONHECIMENTO DE TERRITÓRIO	28
1.1	O Porto Seguro	31
1.2	O caminho do tesouro	35
1.3	A Escavação	41
2	CHEGADA AO NORTE	51
2.1	O método MUSA - Musical System of Acting@2008 (Sistema Musical de Atuação)	52
2.2	O método MUSA dentro da sala de aula	56
3	DESVENDANDO O ENIGMA	65
3.1	1° Pista: Aprenda a nomear as emoções	71
3.2	2° Pista: Investigue as situações que despertam as emoções	74
3.3	3° Pista: Lide com as emoções	93
3.4	4° Pista: Desenvolva a empatia	101
3.5	Fragmentos do tesouro	102
3.5.1	<i>A exposição</i>	102
3.5.2	<i>Espetáculo teatral</i>	117
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TESOIRO PARA ALÉM DO ARCO-IRÍS	140
	REFERÊNCIAS	145
	ANEXO: PEDRA PRECIOSA.....	149

INTRODUÇÃO: NAVEGANDO EM MARES DESCONHECIDOS

Sento-me para escrever e não sei por onde começar, mas logo eu que sempre tive tudo muito definido, "que nasci com uma linha do tempo no lugar do cordão umbilical" como dizia uma antiga professora minha. Pois bem, tudo que tange o meu "eu-professora" foi assim, as coisas aconteciam como um em uma grande tempestade, uma ação ia desencadeando em outra, sem ter sido programada. Diferente do meu "eu- atriz". A primeira vez que pisei em um palco, na 7ª série, quando a professora de artes dedicou um semestre para dar aulas de teatro, tive a certeza de que era isso que eu queria fazer da minha vida.

Daquele momento em diante, a menina de 12 anos de idade, traçou sua linha do tempo em busca de viver da arte. Formada, no agora ensino médio, enchi a mala de sonhos, coragem e incertezas, e dei início a minha jornada, rumo aos novos mares, sai de Pinhalzinho, uma cidadezinha lá do interior de Santa Catarina, para cursar o bacharel em teatro da Universidade Regional de Blumenau - FURB. A menina da cidade pequena chega à cidade grande, e na universidade com 16 mil alunos matriculados. Minha cidade inteira cabia ali!

Blumenau virou minha cidade do coração, foram 4 anos estudando e trabalhando com teatro. Além do curso em si, eu participava do grupo de teatro de extensão da universidade, o Phoenix, e tão logo conheci aquele que viria a se tornar um dos meus mestres e grande amigo, Roberto Murphy, entrei para o seu grupo de teatro "Elementos em Cena".

Com esse grupo, mesmo em uma região que carece de incentivo à prática teatral, pude viver na prática a minha tão amada profissão. O grupo tinha 4 núcleos distintos, eu fazia parte de 2 deles: O teatro empresa, com pesquisa destinada ao universo do trabalhador, prioritariamente industrial e o núcleo teatro escola, que desenvolve trabalhos para escolas em suas mais diferentes graduações. Posso supor que aqui começou o meu trabalho com educação, coisa que só me veio à consciência, anos depois.

O núcleo empresa tinha parceria com o SESI, o programa "Lazer Ativo"¹. Passávamos semanas viajando por cidades do estado de SC, levando teatro para o chão das fábricas, para pessoas que nunca haviam assistido uma peça de teatro, para muitos que nem sabiam o que era

¹ Peça e esquetes que compunham o programa: "Altivos e Ativos - Resultados positivos", espetáculo de 40 minutos, sobre a saga da família Solidão para tentar ter hábitos saudáveis. Esquetes: "A história de uma Bicicleta", "Melhor prevenir, se caso for o caso", "A opção é sua", "Equilíbrio", "Enigma: ninguém é uma ilha", cada uma com 10 minutos de duração, abordando temas como a importância da atividade física, do comportamento preventivo, de se ter uma alimentação saudável, bem como temas sobre a importância de uma vida equilibrada para o gerenciamento de estresse e a importância das relações saudáveis entre os colegas de trabalho. Todas escritas e dirigidas por Roberto Murphy.

isso. Como meus pais, que assistiram a um espetáculo pela primeira vez, em uma dessas apresentações.

O fato de eu, desde o final da minha adolescência poder "viver" do meu trabalho com teatro, conhecendo lugares, pessoas e realidades distintas, foi um fator determinante na formação do meu eu. Apresentar espetáculos, ser, junto com o grupo, responsável por acessibilizar e muitas vezes, apresentar essa arte para centenas de pessoas, teve uma importância muito significativa para o meu "eu-atriz" que hoje reverbera no meu "eu-professora".

Mas, atualmente, questiono essa prática utilitária a que reduzem o teatro nas empresas, através de uma ação apaziguadora ao sistema capitalista vigente, onde normalmente o funcionário é visto simplesmente como mais uma peça daquela engrenagem que não pode parar, a não ser nesses pequenos momentos de pausa/alento, para potencializar suas energias produtivas para logo na sequência voltarem a produzir.

No núcleo de teatro escola, fui capturada por aqueles olhinhos cheios de curiosidade e amor, sempre fui apaixonada por criança, me encantava a possibilidade de fazer teatro para elas.

Figura 1 - Espetáculo: "Andar...sem parar...de transformar" - Maria Luíza Lacerda, 2009.

Direção Roberto Murphy



Foto: Acervo Pessoal.

Apresentávamos o espetáculo "Andar... sem parar... de transformar" de Maria Luíza Lacerda em diversas escolas de Blumenau - SC. Como os personagens eram feitos de material reciclado, após as apresentações mostrávamos eles para as crianças e conversávamos sobre a importância de separar o lixo adequadamente, ação essa que, além de ajudar o planeta, pode estimular a criatividade e imaginação, temas abordados na peça, onde o lixo limpo, pode se transformar em outras coisas, como porquinhos, jacaré, chocalho, objetos que fazíamos com eles em oficina, aliando assim nosso discurso à prática. Aqui estava eu, mais uma vez, sendo professora, sem me dar conta.

Figura 2 - Oficina de confecção de objetos, a partir de material reciclado. Escola de Educação Básica Adolpho Konder - Blumenau - SC. Maio de 2009



Foto: Acervo pessoal.

Foi com esse grupo, com essas pessoas que ainda me são tão raras e especiais, que eu aprendi o que hoje mais tento propagar em minhas aulas, o amor, o respeito, o trabalho em comunhão. Acredito que a sala de aula também seja esse espaço onde partilhamos sonhos e desejos. Afinal, o que é esse espaço, se não um grande palco, onde todos os dias somos convidados a representar a melhor versão da nossa personagem? Como já dizia o educador Rubem Alves:

As escolas: imensas oficinas, ferramentas de todos os tipos, capazes dos maiores milagres. Mas de nada valem para aqueles que não sabem sonhar. Os profissionais da educação pensam que o problema da educação se resolverá com a melhoria das oficinas: mais verbas, mais artefatos técnicos, mais computadores (ah! O fascínio dos computadores!). Não percebem que não é aí que o pensamento nasce. O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes dos sonhos. (Alves, 2012, p. 93).

Nessa linha do tempo, estava uma próxima parada para aquela moça do interior, que continuava com sua mala cheia de sonhos, coragem e agora, com muitas incertezas, a cidade do Rio de Janeiro e sua tão famosa escola de atores, Casa das Artes de Laranjeiras (CAL). Foi lá, naquele casarão no alto de uma longa escadaria, mal sabia eu que escadaria iria fazer parte da minha vida profissional, que eu conheci meu outro grande mestre e amigo, Sotiris Karamesinis, um diretor grego que estava de passagem pelo Brasil e que foi convidado para dirigir a minha formatura.

Em 2012, fui cativada pela sua metodologia de ensino, o método, hoje conhecido como MUSA - Musical System of Acting@2008 (Sistema musical de atuação). A identificação foi tanta, que no ano seguinte da minha formação, comecei a trabalhar com o Sotiris, primeiro

como sua assistente de direção e depois como preparadora corporal em outras 3 montagens que ele dirigiu na CAL e em outros cursos e oficinas, além de atuar como atriz convidada nos seus espetáculos.

Em 2013, criamos o grupo Ex Máquina, hoje a MUSA Cia Teatral, foram inúmeras as dificuldades de manter o grupo, falta de patrocínio, componentes que precisaram sair do grupo e trabalhar em outros empregos, falta de um espaço para podermos dar segmento na nossa pesquisa. Quando parecia que todas as portas haviam se fechado, Sotiris com seu desejo de trabalhar em projeto social, no final de 2014 subiu o morro do Pavão-Pavãozinho e se deparou com 5 casas verdes, eis que inúmeras janelas se abriram e nos impulsionam a seguir velejando.

Figura 3 - Solar Meninos de Luz



Foto: Acervo Solar.

Em 2015, a Musa Cia Teatral, ocupa as instalações, da ONG/ Escola Solar Meninos de Luz, uma organização civil, filantrópica, que promove educação integral, cultura, esportes, apoio à profissionalização, cuidados básicos de saúde e assistência social às famílias com maior nível de desestruturação dos complexos do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, comunidades do Rio de Janeiro.

Agora tínhamos um espaço para fazermos nossa pesquisa e ministrar cursos de interpretação para outros atores, pesquisadores, interessados no método e na arte teatral:

QRcodes 1 - Pesquisa no MUSA - CIA (2015)



Como contrapartida pelo espaço cedido, as integrantes, Cheila Oliveira, Flávia Bittencourt, Marcelo de Paula, Rosana Barros, Viviane Cataldi e Yndara Barbosa, que conseguiram permanecer na Cia, sob a coordenação artística do nosso diretor Sotiris, começaram o trabalho voluntariado na educação, oferecendo às crianças da instituição, aulas de teatro e pesquisa de iniciação ao método MUSA, estimulando neles a formação e expressão de suas opiniões, através do teatro.

Figura 4 - Equipe de professores no primeiro ano na escola, após o espetáculo "Sopa de Pedra", em dezembro de 2015



Fonte: Taru Juurikko Photography.

O método MUSA pela primeira vez entra em uma sala de aula da Educação básica, foram 75 alunos atendidos pelo grupo neste ano, e é aqui que meu "eu-professora" entra em

cena, sem entender o que estava acontecendo direito, me vejo dentro da sala de aula, com mais 2 colegas da Cia, Flávia Bittencourt e Yndara Barbosa, dando aulas de teatro semanais para 52 crianças da educação infantil.

Figura 5 - Nosso primeiro dia de aula com os alunos do pré 2, março de 2015



Fonte: Acervo pessoal.

A partir daqui minha travessia foi desviada. No ano seguinte a Cia continuou com o trabalho voluntariamente, porém o grupo de 05 pessoas acabou virando uma dupla, e o número de alunos atendidos foi reduzido para um única turma mista com 25 alunos do fundamental 1, que desejavam estudar teatro. Infelizmente, eu não fazia parte dessa dupla, assim como alguns dos meus colegas, precisei de um trabalho remunerado, me dedicando ao grupo somente em momentos específicos. Mesmo com todas as intempéries do caminho, no final desse ano foi gravado o filme documentário ficcional grego "Happy Princes" (Príncipes Felizes), dirigido por Panos Deliagiannis, que explora as aulas de teatro da turma de 2016, as preparações e os ensaios para encenar a peça "O Príncipe Feliz" de Oscar Wilde.

QRcodes 2 - Teaser Happy Princes (2017)



Sobre esse processo nos conta Sotiris²:

O filme narra a jornada de um ano dessas crianças e seus professores, encapsulando um diário de experiências, pensamentos e emoções. Eles se aventuram da favela para a cidade deslumbrante do Rio, vivenciando as frenéticas preparações para a estreia, a energia pulsante nos bastidores e a ansiedade da pré-apresentação. O processo teatral, serve como catalisador para transformações profundas e o filme registra exatamente como as crianças se percebem e percebem o ambiente ao seu redor, marcado por uma cidade cheia de contrastes marcantes. O filme emprega uma mistura única de gravação realista e uma autorrepresentação pelas próprias crianças, que atuam como protagonistas e narradores de suas próprias histórias.

Esse filme conta com mais de 15 prêmios em países da Europa, América do Norte, América Latina e Ásia, que tive o prazer de acompanhar e auxiliar em dias de gravações.

Figura 6 – Cartaz filme documentário ficcional grego “Happy Princes”



Fonte: Cartaz oficial do filme

Em 2017, quatro projetos do Solar foram aprovados na Secretaria Municipal de Cultura, pela Lei do ISS, entre eles a Escola de Teatro, e desde então os professores são remunerados para desenvolver esse trabalho na formação dos alunos. Com esse novo cenário ampliou-se o número de turmas, as aulas de teatro são desde a educação infantil até o ensino médio, atendendo por ano, em média 200 dos mais de 430 alunos da escola, que além das aulas, no final do ano letivo apresentam um espetáculo teatral.

² Depoimento pessoal dado à autora, no dia 05 de novembro de 2023, em videoconferência.

Minha história como professora poderia ter sido somente um pequeno capítulo, mais uma vez porém, Sotiris me convidou para compor o quadro de professores de teatro. Quando percebi a moça formada atriz, dava lugar a mulher professora e estava oficialmente dentro da sala de aula, dando aulas de teatro para 3 turmas. Eram dezenas de olhinhos curiosos me olhando, agora não mais apresentando um espetáculo, mas “ensinando” a esses alunos, técnicas para eles fazerem um espetáculo. Perguntei-me: mas como fazer isso, se minha formação é somente como atriz? Se a metodologia que eu me identifico e trabalho, é somente para atores? Me vi na mesma encruzilhada que em 2015, no primeiro ano na escola, porém com um olhar e um desejo diferente. Comecei então a rever meus materiais de estudo com "olhos de professora", estudando como aplicar esses jogos para ter o resultado que eu só conhecia como atriz, foi aqui que me debrucei nas propostas metodológicas para ensino do teatro nos livros e vídeos de Augusto Boal e Viola Spolin, cheguei aos princípios educacionais de Paulo Freire, que me fizeram ver a educação como uma prática da liberdade:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (Freire, 1987, p. 27).

Me encantei por esse modo de pensar e me perguntei: será que conseguiria estimular essa prática através de aulas de teatro, promovendo o pensamento crítico, para uma possível transformação da realidade, em sua busca constante pela liberdade? A forma que eu pensava a minha sala de aula iria a esse encontro, que permite ao aluno ter ferramentas para interferir no mundo, sendo agente transformador e dono do seu destino? Ainda era muito cedo para ter essas respostas, mas tive a certeza de que se era para eu ser professora, eu precisava pensar a educação para além das paredes da escola, para além das técnicas de atuação e espetáculos, concordando que "[...] a ação pedagógica acontece na sala de aula, mas também para além dela" (Melo; Urbanetz, 2012, p. 23).

Nessa missão continuei tendo o apoio incondicional de Sotiris, que com todo o carinho, paciência e sua forma amorosa de ver o mundo e a arte, foi me mostrando possibilidades. Porém, Sotiris retorna para a Grécia e deixa comigo a missão de coordenar e dirigir a escola de teatro, mais um momento de pânico e incertezas. Estaria eu preparada para pensar o teatro na educação nessa forma tão ampla? Não tinha embasamento teórico, pedagógico, além do que, será que era isso mesmo que eu queria, trabalhar com teatro na educação, sendo professora e coordenadora de uma escola? Como uma mulher branca, vista como alguém diferente perante

aos olhares dos alunos, na sua maioria negros, que não conhece a realidade da comunidade, das questões sociais, raciais, poderia contribuir para essa utópica prática da liberdade? Será que a minha cor implicaria na educação deles? Como entender suas questões e colaborar para juntos pensarmos uma educação de oportunidade para todos? Eram muitas questões sem respostas, eram muitas frentes de dúvidas e incertezas. O que senti à época, aproximava-se muito do que bell hooks relata, ao se ver professora dentro de uma sala de aula. Contudo:

Quando entrei pela primeira vez na sala de aula multicultural e multiétnica, eu estava desesperada. Não sabia como lidar eficazmente com tanta “diferença” (...) nunca havia sido obrigada a trabalhar num contexto verdadeiramente diverso e não tinha as habilidades necessárias. É o caso da maioria dos educadores. (hooks, 2017, p. 58).

Eu vim do interior, onde a imagem massiva da mídia do Rio de Janeiro é violência, crime, tráfico, morte nas comunidades e em lados opostos, as belezas das praias de Copacabana, Ipanema e Leblon estampando as novelas de Manoel Carlos, será que eu encontraria beleza e leveza no meio do tráfico, da fome, da violência, da discriminação, aspectos tão enfatizados pela mídia e narrativas dominantes? Como driblar o meu medo de ali estar? Conheci a favela através das aulas de teatro e nos 2 primeiros anos, com as inúmeras operações policiais, foram muitos os momentos de insegurança, medo, semanas sem aulas, comércio fechado, me vi, levando meus alunos em meio a tiroteio para um “lugar seguro”, ouvindo o choro de desespero deles, relatos de uma aluna que na semana anterior tinha perdido um tio, jogado do penhasco e sofria agora pelo seu primo. Será que eu iria dar conta? Será que uma licenciatura me habilitaria? E se, o meu “eu-professora/coordenadora” ocupasse mais tempo e dedicação do que meu “eu- atriz”, eu estava preparada para isso?

Mesmo com tantas incertezas e com tudo acontecendo fora do que eu tinha planejado, eu me percebi feliz e realizada, dar aulas para esses alunos é algo que me preenchia talvez mais do que qualquer outra coisa. Enfrentar o novo com confiança e determinação não apenas nos fortalece, mas também nos permite velejar por novos mares. E foi através dessa perspectiva que em 2019, iniciei minha licenciatura em teatro, na UniPlena Educacional, junto com um curso de especialização em metodologia no ensino de artes, com pesquisa intitulada, “MUSA: A Contribuição do Método MUSA (Musical System of acting) na Educação Escolar³”.

Neste estudo, baseado na prática desenvolvida até então na escola, observando, aplicando e experimentando os exercícios do método, identifiquei quais os jogos mais

3

https://www.academia.edu/43394770/MUSA_A_Contribui%C3%A7%C3%A3o_do_M%C3%A9todo_MUSA_Musical_System_of_Acting_na_educac%C3%A7%C3%A3o_escolar

adequados para cada faixa etária, uma vez que a metodologia até aquele momento, era aplicada somente com atores profissionais e/ou em formação, me possibilitando assim, ter uma didática que eu pudesse seguir de guia para nortear as demandas das minhas aulas e seus objetivos, e assim nascia meu "eu-pesquisadora".

Acho que o "bichinho" da pesquisa é igual ao do teatro, uma vez picado por ele, não tem mais volta. Aprofundar os meus estudos na metodologia do MUSA para a sala de aula, me fez ver nele uma importante ferramenta para a formação do eu, desse ser integrado, percebi no método, o que nele havia de mais potente, o trabalho nas emoções. Despertando assim o meu interesse em dar seguimento nesta pesquisa, não mais destrinchando os jogos e sua faixa etária, mas sim, focando em como usar esses jogos para contribuir para o desenvolvimento da educação emocional, concordando com o pensamento de Duarte, sobre a importância de uma abordagem que valoriza o sensível:

Investir-se numa educação do sensível significa não somente o desenvolvimento de pessoas mais plenas e inteiras em seu contato (pessoal e profissional) com o mundo, mas também a criação daquelas bases humanas sobre as quais poder-se-á erigir novos parâmetros do conhecimento, sejam eles chamados de transdisciplinares ou holísticos. (Duarte Jr, 2006, p. 34).

E nesse anseio por uma educação como prática da liberdade, pensar a educação do sensível, no meu ponto de vista, se tornou algo atrelado, afinal durante muitos anos, as habilidades linguísticas e lógico-matemática (QI)⁴, foram sempre supervalorizadas em detrimento do conhecimento subjetivo, do intuitivo, mas cada vez mais percebemos a necessidade de encontrar um equilíbrio entre ambos.

E na tentativa de construir possibilidades para essa educação em que acredito, é que cá estou apresentando o estudo que desenvolvi no meu mestrado profissional em Ensino de Artes Cênicas, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As perguntas centrais que incentivaram as reflexões aqui presentes são: Se a emoção é parte integrante do ser humano e o ator é um atleta das emoções⁵, através das aulas de teatro, posso desenvolver nos alunos uma consciência e quiçá organização delas? Como tornar consciente essa aprendizagem sobre as emoções, como algo que integra o ser humano, que vai além da construção de uma personagem, que faz parte da concepção do seu eu?

⁴ QI significa **Quociente de Inteligência**, um fator que mede a inteligência das pessoas com base nos resultados de testes específicos. O QI mede o desempenho cognitivo de um indivíduo comparando a pessoas do mesmo grupo etário. <https://www.significados.com.br/qi/>

⁵ Termo empregado por Paula Murray Cole e Michele Minnick, ambas co-criadoras do Rasaboxes junto a Richard Schechner em "O Ator como Atleta das Emoções: O Rasaboxes". (Martins, 2019, p. 14).

Para refletir sobre essas perguntas, será apresentado um estudo qualitativo, com base nas minhas experiências como educadora em teatro na escola, em alguns depoimentos coletados dos alunos, responsáveis e coordenadores de cada setor pedagógico, (educação - infantil, fundamental 1, 2 e ensino médio), sobre quais foram os impactos, das aulas de teatro, com esse viés de contribuir para o desenvolvimento da educação emocional através do fazer teatral. Será levado em consideração o tempo em que o aluno faz aula de teatro, a sua faixa etária e o envolvimento dos familiares no seu acompanhamento pedagógico, bem como o contexto social em que a escola está inserida.

Após essa coleta de dados, as informações foram analisadas, com base nos principais autores que contribuíram para essa pesquisa e análise da minha prática, aqui metaforicamente retratado como um mapa do tesouro, que no seu decorrer vai nos revelando caminhos e pistas, para se chegar ao grande tesouro. Considerando isso, nomeei esta fase introdutória como "Navegando em Mares Desconhecidos" na qual compartilho a minha trajetória e minha perspectiva sobre a investigação, suas circunstâncias e seus objetivos.

No primeiro capítulo, intitulado: "Atracamos! Reconhecimento de Território" descrevo o momento em que depois de passar por tantos mares desconhecidos, enfrentando inúmeras incertezas e muitas expectativas, chegamos a terra firme, onde no primeiro momento precisamos fazer um reconhecimento territorial das comunidades do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, para chegarmos ao nosso "Porto Seguro", a ONG/Escola Solar Meninos de Luz, que além de levar esse nome por ser um lugar onde as famílias dessas comunidades "deixam" seus filhos, tem sido o meu próprio porto seguro, para desenvolver essa pesquisa. No decorrer do capítulo discorro sobre a origem dessa instituição, destacando seu papel fundamental neste território. "O caminho do tesouro", aqui é revelado através da educação atrelada ao teatro, faço um apanhado geral das aulas e turmas, onde o foco não é apenas possibilitar o aprofundamento, através das técnicas de formação do ator, mas o enriquecimento cultural, a inserção da arte na área educacional como ferramenta para o desenvolvimento integral do aluno, acreditando que o acesso à educação de qualidade não deveria ser luxo, nem privilégio, mas sim uma realidade para todos, inclusive para quem nasce e cresce na comunidade.

Em "A escavação", o ato de escavar, nos possibilitou entender mais a fundo os alunos que compõem essa escola e traçar a abordagem que iríamos seguir: A educação como prática da liberdade (Freire), através da exploração do sensível (Duarte). Neste contexto, compreendemos que a liberdade está intrinsecamente ligada à compreensão também das nossas emoções e a maneira em que nos relacionamos socialmente, entendendo a emoção como algo individual, mas que reverbera no coletivo. Além disso, discutimos a importância dos

espetáculos que ali acontecem, apresentados pelos próprios alunos para seus familiares ou mesmo por grupos parceiros. Essa ação não é apenas uma maneira de formar plateia e proporcionar o fruir teatral, mas também uma forma de reflexão e possíveis tomadas de consciência/ação (Boal), tanto para quem assiste como para quem o pratica. Através do teatro temas que eram individuais passam a ser de caráter coletivo.

Em "Chegada ao Norte", nosso segundo capítulo, apresento o método MUSA - Musical System of Acting@2008 (Sistema musical de atuação) a partir da concepção do seu criador, Sotiris Karamesinis. Além disso, faço um apanhado geral de como essa metodologia se tornou o fio condutor do meu processo em sala de aula. Também discorro brevemente sobre as demais metodologias que se entrelaçam nesse percurso de desenvolver a educação emocional através do fazer teatral, em especial o *Rasaboxes*, que exerceu uma influência significativa na construção da minha abordagem de trabalho.

Em "Desvendando o Enigma", o terceiro capítulo, faço um recorte para o ano de 2019, ano em que essa pesquisa começou a ser elaborada, é o momento de apreciar a jornada, estamos perto de chegar ao tesouro. Discorro sobre o processo de investigação, a partir da pergunta: "É possível educar as emoções?" seguindo o conceito de António Damásio de Emoção e Sentimento. Apresento os itinerários que percorremos, através de quatro pistas que revelam um passo a passo de como aplicamos essas metodologias com os alunos e reflito sobre a experiência das aulas de teatro na perspectiva de aprender a lidar com as emoções e como aplicar esse entendimento no cotidiano, entendendo sua dimensão através de depoimentos de pais, alunos e responsáveis pelos setores pedagógicos, em busca de desvendarmos o grande enigma: É possível desenvolvermos a educação emocional através do fazer teatral? Trago sugestões de resposta através de dois objetos valiosos realizados a partir dessa pergunta. E por último, trago um breve apontamento dos desdobramentos que esse trabalho vem tendo ao longo dos anos.

Ao fim do percurso chegamos no X da questão, afinal segundo a lenda irlandesa, "No final de todo arco-íris existe um pote de ouro". Mas será que existe um fim quando se trata de uma jornada de autoconhecimento? Opto por um final em movimento, que nos impulsiona a agir, a mudar e a evoluir. Portanto aqui temos "O tesouro além do arco-íris", que busca trazer uma análise sobre as questões que discorremos nesta pesquisa, a partir de importantes autores que, colocados em diálogo com a abordagem das emoções, contribuiriam para elucidar os trajetos percorridos no desenvolvimento de meu processo de ensino. Almejo com este estudo, também ir além do arco-íris e alcançar um melhor entendimento e direcionamento das minhas aulas de teatro a fim de contribuir para encontrarmos um caminho para a elaboração desse grande tesouro, as emoções.

1 ATRACAMOS! RECONHECIMENTO DE TERRITÓRIO

Chegamos em um dos tantos complexos de favelas do Rio de Janeiro, o complexo do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. As favelas estão no mesmo espaço rochoso e são vistas como uma coisa só, porém a origem e história de sua formação são distintas.

(...) a ocupação local teve início, ainda em 1910, com a chegada de alguns poucos primeiros ocupantes ao Cantagalo. Pouco depois, a ocupação se estendeu pela encosta do morro, com o começo da formação da favela do Pavão-Pavãozinho. Conforme contam, os primeiros moradores a ocuparem o Cantagalo eram do estado de Minas Gerais ou do interior do estado do Rio de Janeiro e, em sua maioria, eram negros. Para o Pavão-Pavãozinho também foram algumas dessas famílias, porém, a partir da década de 1950 e, de maneira mais intensa, a partir da década de 1980, tal local passou a receber um fluxo significativo de migrantes da região Nordeste do país, que ali se concentrou, expandindo a favela em direção ao Cantagalo. Esses migrantes do Nordeste, com algumas exceções, não se fixaram no Cantagalo, que permaneceu ocupado, predominantemente, pelas antigas famílias de negros vindas de Minas Gerais e do interior do Estado. Atualmente, portanto, os nordestinos são maioria no Pavão-Pavãozinho, ao passo que no Cantagalo é notável a presença de uma grande maioria negra. (Cunha, p. 196-197).

As comunidades estão situadas há apenas algumas quadras das internacionalmente famosas praias de Copacabana e Ipanema, na Zona Sul do Rio de Janeiro, bairros mais valorizados no mercado imobiliário da cidade, ressaltando um grande contraste em relação às favelas aqui citadas, que contam com uma população total de 10.338 habitantes, sendo 5.567 do Pavão-Pavãozinho e 4.771 do Cantagalo, segundo o censo do IBGE (2010), que na sua grande maioria, vivem em situações precárias, o aspecto racial e de gênero aumentam o peso da desigualdade econômica e social, com maiores índices de desemprego, baixos salários, violência, miséria, entre tantos outros, aspectos esses que gritam aos nossos olhos, principalmente visualmente, uma vez que essas comunidades são separadas fisicamente somente por uma linha territorial invisível, como exposto pela professora Marina Coutinho:

O caso do Rio de Janeiro é curioso. Diferente das cidades cuja população mais pobre concentra-se nas periferias, à margem, mantendo-se a distância física e social entre pobres e ricos, aqui, embora se mantenha a distância social, há uma proximidade espacial entre algumas favelas e os bairros mais "nobres" Talvez isso explique, em parte, porque elas têm sido vistas ao longo de sua existência como um verdadeiro incômodo à urbanidade da cidade, o *estigma territorial* é acentuado, porque a *anomalia social* está bem ao alcance de nossa vista, basta virar uma esquina do Leblcn ou de Ipanema. O aspecto comum entre as favelas brasileiras; os *slurns* vitorianos; o bairro russo; as ruelas e becos do mundo todo é, além da exclusão socioeconômica, o peso simbólico que esses lugares e seus moradores carregam. (Coutinho, 2012, p. 61).

Com base nos dados coletados pela equipe do programa Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), durante o mapeamento dos territórios dos morros do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, podemos observar essa desigualdade mencionada pela professora Marina, nos

questos mais básicos de políticas públicas, como abastecimento de água, saneamento básico, coleta de lixo, entre outros. Temos aqui o levantamento de alguns desses dados, como o abastecimento de água:

As informações oficiais indicam que quase toda população é atendida pela rede oficial de abastecimento de água, apesar disso, tal rede tem período de interrupção do abastecimento de acordo com cada localidade, que seriam as subáreas que compõem as comunidades. Dessa forma, cada local costuma ser abastecido de dois a três dias por semana pela água oriunda da rede oficial, e os moradores precisam armazenar em caixas d'água um volume suficiente para o resto da semana. No verão, com aumento do consumo de água, o sistema dá sinais de sobrecarga e os períodos de interrupção do abastecimento ficam maiores. (Velloso; Pastuk, 2013, p. 26).

No que diz respeito ao saneamento básico, os dados apontam que: "Tanto a comunidade do Pavão-Pavãozinho quanto o morro do Cantagalo tem praticamente 100% dos seus domicílios com esgotamento sanitário considerado adequado". Porém, o mesmo estudo alega que: "na comunidade do Pavão-Pavãozinho, ao caminhar pelas vielas escadarias e em alguns locais entre as casas é possível observar muitos pontos com esgoto a céu aberto e pequenas valas". Quanto à coleta de lixo, os dados do IBGE indicam que: "praticamente a totalidade dos domicílios desta área tem coleta de lixo avaliada como adequada (99,9%)", (Velloso; Pastuk, 2013, p. 30). No entanto, é importante ressaltar que esses dados se referem às localidades próximas a UPP, se adentrarmos pelas comunidades veremos que a situação da coleta de lixo é precária. Quanto ao serviço de energia elétrica, temos os seguintes dados:

[...]73,4% dos domicílios da região utilizam energia de companhia distribuidora, no entanto, dentre eles, 26% não possui medidor instalado, com destaque para comunidade do Pavão-Pavãozinho, onde mais de 1/3 dos domicílios se enquadram nessa categoria. Além disso, 26,6% dos domicílios da área da UPP utilizam energia de outras fontes e, novamente neste caso, a comunidade do Pavão-Pavãozinho tem percentual bem mais elevado (32,3%) que o morro do Cantagalo (19,7%). (Velloso; Pastuk, 2013, p. 30-31).

As informações a seguir tratam do percentual de pessoas alfabetizadas (capaz de ler e escrever um texto simples) e não alfabetizadas, em diferentes faixas etárias nas comunidades que compõem o Pavão-Pavãozinho e o Cantagalo. Para fins de comparação, o estudo foi feito com dados das regiões administrativas de Copacabana, Lagoa e do município do Rio de Janeiro.

Crianças entre 8 e 9 anos: "Na área da UPP, 90,7% das crianças nessa faixa etária estão alfabetizadas. Esse percentual é inferior ao observado nas regiões administrativas de Copacabana (96,4%) e Lagoa (96,6%) bem como na cidade do Rio de Janeiro (92,7%)".

Crianças de 10 a 14 anos: "Na área da UPP, 97,4% das crianças são alfabetizadas, percentual ligeiramente abaixo da média de Copacabana (98,8%), Lagoa (99,1%) e do município do Rio de Janeiro (98,0%)".

Pessoas com 15 anos de idade ou mais: Na área da UPP Pavão-Pavãozinho-Cantagalo, 93,6 % das pessoas nesta faixa etária são alfabetizadas. (Velloso; Pastuk, 2013, p. 35).

Esses dados são correspondentes a uma parcela dessas comunidades, que ficam próximas ao perímetro da unidade da UPP, onde foram realizados os estudos, não necessariamente abrangem a realidade da maioria da população que ali vive. Mensurar o grau de escolaridade nos ajuda a entender o grau de vulnerabilidade social que essas comunidades enfrentam, evidenciando a importância de investir na educação e garantir que todas as crianças tenham acesso a ela. E nesse desafio de promover dignidade e igualdade social, de nos deixarmos afetar ativamente pelo que está ao alcance dos nossos olhos, que uma educação de qualidade na sua base, torna-se a principal aliada nesse combate, criando condições necessárias para que todos se desenvolvam e tenham as mesmas oportunidades e quem sabe, contribuam para diminuir essa desigualdade social, como já dizia Paulo Freire:

Figura 7 - Painel da escola



Fonte: Acervo pessoal.

1.1 O Porto Seguro

E é neste caminho da educação, que vamos guiá-los pela Rua Saint Roman, até chegarmos ao nosso Porto, o Solar Meninos de Luz, instituição que completou 40 anos de serviços de assistência às famílias e apoio às comunidades (dezembro de 2023) e 32 anos de educação integral em agosto do mesmo ano.

Para entendermos que escola é essa e o porquê dela ser o porto seguro ao qual atracamos, vamos voltar lá para o ano de 1983, mais precisamente para a véspera de Natal, onde uma chuva de verão, rompeu a caixa d'água comunitária que ficava no alto do morro do Pavão e levou consigo muitos barracos, deixando 12 pessoas mortas. Os gritos por socorro ecoaram até o “asfalto”, tocando o coração de uma jovem mulher que transformaria a história dessa comunidade.

Quando o meu trabalho começou, eu já vivia na Rua Sá Ferreira (em Copacabana) há cinco anos. Nunca havia entrado em uma comunidade. Tudo começou há 35 anos, quando ouvi gritos durante a madrugada. A TV noticiou que uma caixa d'água tinha caído e matado 12 pessoas, destruindo todos os barracos que ficavam na trajetória por onde o objeto passou. Ao chegar na Associação para prestar solidariedade, vi alguns moradores deitados chorando. Eu conversei com um por um, toda aquela turma. Perguntei se queriam que eu fizesse uma prece, e fiz. Atendendo a pedidos deles, voltei no dia seguinte, com meus filhos. (Entrevista com Iolanda Maltaroli, Jornal do Brasil, 2018).

No dia seguinte ela retornou à comunidade, com seus filhos a tiracolo e por dois anos prestou um trabalho de assistência e acolhimento às famílias afetadas, mesmo depois da associação de moradores ser devolvida, ela não desistiu, junto com seus filhos, continuou fazendo o trabalho de evangelização, recriação, musicalização com as crianças, em cima de uma pedra plana que havia no morro.

A fim de dar apoio filosófico, administrativo, financeiro e de voluntariado às ações do Solar Meninos de Luz, foi criado, em Ipanema, em 05/03/1985 o Lar Paulo de Tarso – Instituição Espírita de Estudos e Assistência Social, pela mesma fundadora do Solar Meninos de Luz, Iolanda Maltaroli, com ajuda de familiares. (Solar Meninos de Luz, 2023, online).

Quase 7 anos após a tragédia e do trabalho incessante, Iolanda, através de doações, shows beneficentes e bazares, conseguiu comprar um pequeno prédio para dar continuidade ao seu trabalho, ampliando o atendimento, com cursos de corte e costura e alfabetização para adultos.

Figura 8 - Lar Paulo de Tarso



Fonte: Acervo Solar Meninos de Luz.

Paralelamente ao desenvolvimento das atividades do Lar Paulo de Tarso em sua sede em Ipanema e na Comunidade, surgiu do contato com as famílias do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho a definição do trabalho futuro, pela grande demanda: elas suplicavam que criássemos uma Creche. Dessa maneira, poderiam deixar seus filhos em segurança e ir trabalhar em paz, melhorando a renda familiar. Além disso, por essa época, houve na região um agravamento dos problemas de drogas, corrupção e violência, que acabavam por atingir pacatos moradores, incluindo até adolescentes e crianças. (Solar Meninos de Luz, 2023, online).

Depois de bater de porta em porta pedindo para que alguém doasse os fundos da sua casa para construir uma creche e de obter inúmeros não, o humorista e chargista Jaguar disponibilizou a casa 142, o antigo jornal Pasquim, desde que conseguissem remover os invasores que na época viviam em precárias condições no local. Ela conseguiu ajudar aquelas pessoas. Encaminhou os doentes para hospitais, comprou passagens para aqueles que desejavam retornar aos seus estados de origem, e depois de dois anos e meio de reformas, convênios, seleção, treinamento e capacitação de funcionários, todos moradores da comunidade, no dia 18 de agosto de 1991 nascia a Creche Lar Paulo de Tarso.

Figura 9 - Creche Lar Paulo de Tarso



Fonte: Acervo Solar Meninos de Luz.

Mas ainda tinha muito trabalho a ser feito, as crianças cresciam e não podiam ser desamparadas, mais uma vez, arregaçou as mangas e fez do seu ofício uma missão. Como pedagoga, D. Iolanda se dedicou à comunidade oferecendo-lhes educação, cuidado e esperança.

Passamos a oferecer Ensino Fundamental 1 até o 5 ano. Só que os alunos não queriam deixar o Solar e ir para a rede pública de jeito nenhum. Fomos nos esforçando e passamos a oferecer também o fundamental 2. Na época, o Colégio Cidade nos fornecia os professores através de uma parceria. Depois, passamos a oferecer também o Ensino Médio. Hoje, atendemos 418 crianças e adolescentes, do berçário ao Ensino Médio, em tempo integral e com diversas atividades extra-classe. Graças ao nosso trabalho, todos da comunidade nos respeitam muito. (Entrevista com Iolanda Maltaroli, *Jornal do Brasil*, 2018).

E assim, uma simples casinha da rua Saint Roman foi ganhando espaço, se multiplicando, se transformando em 5 casas verdes, duas quadras poliesportivas, um salão multimeios, uma biblioteca comunitária, salas de música, uma galeria de artes, um teatro profissional para 200 pessoas e um centro de Bem-Estar.⁶

No momento de definir uma linha de ação, optamos pela prevenção: iniciar um paciente trabalho, cuidando da criança desde o seu nascimento. A ela ofereceríamos a melhor educação para que, ao crescerem, fossem grandes transformadores da vida na favela. As ações deveriam propiciar as mesmas oportunidades sociais que tinham as crianças do asfalto e um excelente nível de ensino, para que tivessem instrumentos de competição normal para empregos e universidades no futuro. (Solar Meninos de Luz, 2023, online).

Na imagem abaixo, onde vemos três casas, galeria de artes: portão branco, frente a rua. Lado esquerdo portão oval: biblioteca; janela acima aberta: sala de música; entre as duas casas verde atrás de concreto temos uma quadra poliesportiva; ao lado da grande árvore, construção de concreto a direita o teatro. Dentro de todas as casas, temos divisões em sala de aulas, cada casa corresponde a um núcleo: Educação infantil, Fundamental 1, Fundamental 2 e Ensino Médio.

⁶ Toda essa história do surgimento e construção do Solar, virou o espetáculo "O Renascer da Esperança - uma história de luz", apresentado no teatro do Solar em dezembro de 2023.

Figura 10 – Casas do Solar Meninos de Luz



Fonte: Acervo Solar Meninos de Luz.

O Solar é o porto seguro de muitas famílias, são mais de 4.500 pessoas beneficiadas mensalmente através de três programas: Programa Educação Integral, com 432 alunos do Berçário ao Ensino Médio e carga horária diária de 10 horas. Programa Família/Escola objetivando facilitar a educação das crianças pela cooperação família/escola e o Programa Família/Comunidade que proporciona apoio às famílias que não integram os outros dois, mas que também se encontram em situações precárias. Esses programas só existem graças ao apoio de parceiros, doadores e voluntários, esse último, sendo fundamental para que o Solar continue existindo, como podemos ver nessa mensagem deixada pela D. Iolanda, especialmente para eles:

Eu peço que nunca deixem de sonhar com uma realidade melhor para todos e nunca deixem de acreditar que o trabalho não é nosso. Acredito que, se fizermos a nossa parte, conseguiremos alcançar os objetivos para os quais viemos. Não podemos ser alheios àqueles que necessitam mais. Temos que nos doar. Aquilo que queremos para nós devemos querer para os mais carentes. Cada um de nós deve fazer algo em benefício do próximo. Só assim teremos uma sociedade mais justa e igualitária. (Entrevista com Iolanda Maltaroli, Jornal do Brasil, 2018).

Todo esse trabalho, já recebeu alguns reconhecimentos, são mais de 20 prêmios, indicações e menções honrosas, entre eles, por 3 anos consecutivos de "100 Melhores ONGs", prêmio promovido pelo Instituto Doar⁷, reafirmando a importância dessa instituição para a comunidade carioca. E a cada ano, podemos observar o crescente interesse dos moradores, para

⁷ <https://www.institutodoar.org/>

que seus filhos ingressem na escola, para muitos familiares é um sonho poder oferecer essa possibilidade de estudo, uma vez que a grande maioria deles não conseguiram estudar.

Os pais veem no Solar uma grande oportunidade de ascensão social, pela qualidade do ensino, pelos ensinamentos morais, formação da personalidade, do encaminhamento para o mercado de trabalho e faculdade, formando assim, pessoas honestas, do bem. (Trecho da entrevista com Isabella Maltaroli, diretora do Solar Meninos de Luz, no dia 14 de fevereiro de 2023).

Segundo análise da relação de equipamentos da Secretaria Municipal da Educação (SME), o Solar é a única instituição que contempla desde o berçário ao ensino médio dentro da comunidade que também conta com a instituição de educação básica - CIEP Presidente João Goulart e duas creches conveniadas: a Creche comunitária Cantagalo/Creche do Silas e a Creche Sempre Vida Pavão Pavãozinho. Esse cenário está longe do ideal, mas ter essas instituições trabalhando em prol de oferecer educação de qualidade a todos os alunos, junto às demais ações de outros setores, como museu de favela, associação dos moradores, clínica da família, são iniciativas vitais, que proporcionam não apenas educação formal, mas também acesso à arte, esporte e ciência, contribuindo para o desenvolvimento integral dos jovens.

1.2 O Caminho do tesouro

Movida pelo lema, "Educar para libertar" - 10 horas na escola, 10 horas longe das ruas, e pelo desejo de uma educação de qualidade, o Solar oferece ensino e atividades complementares do Berçário ao Ensino Médio (3 meses aos 18 anos), em turnos alternados eles têm aulas do ensino formal e no contra turno, são mais de 30 atividades extracurriculares, entre elas, teatro, danças, canto coral, percussão, orquestra, judô, capoeira, tênis, yoga, robótica, evangelização⁸, entre outras, priorizando a formação integrada do aluno, ampliando assim o seu repertório cognitivo, emocional, motor e cultural, contribuindo também para a transformação social, para o exercício de cidadania, ampliação e aplicação dos direitos das crianças e adolescentes.

A escola vê nessa oferta de projetos além de uma maneira de pensar uma educação mais completa, uma forma de possibilitar um espaço adequado onde os alunos, moradores de comunidades, possam aproveitar seu tempo com qualidade, não estando tão suscetíveis às

⁸ O Solar Meninos de Luz é uma obra social do Lar Paulo de Tarso, uma instituição espírita de estudo e assistência social, que oferece suporte filosófico, espiritual, administrativo, financeiro e voluntariado às ações da escola. As vagas, tanto para alunos quanto para funcionários, são de amplitude geral, independente da sua religião. Não é necessário ser espírita para ingressar na escola. Embora a escola pregue os princípios e filosofia da doutrina espírita, todas as séries tem um material que trata desse tema, a questão religiosa não interfere no pedagógico, que segue as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na área do teatro, temos autonomia na escolha dos temas e peças que serão trabalhados durante o ano, não se atendo a peças com temáticas religiosas.

intempéris das ruas. Através desse sistema integrado, o Solar tenta minimizar o descaso do poder público, com o Programa Educação Integral, além de oferecer assistência às famílias, através do Programa Família/Comunidade.

É no programa de educação integral, nas atividades extracurriculares que a escola oferece essas atividades, para que os alunos possam ampliar a sua gama de conhecimentos e ainda oferecer conforto emocional aos pais que precisam trabalhar e não tem onde deixar seus filhos. Nesse contexto acontecem as aulas de teatro e minha pesquisa, reconhecendo a filosofia da instituição, que tem como missão a transformação social através da educação integrada, acreditando que a arte unida à educação ajuda a transformar indivíduos em cidadãos mais conscientes, atuantes em sua sociedade, preparados para interferirem no seu destino, "não basta interpretar a realidade: é necessário transformá-la!" (MARX apud BOAL, 2019, p. 16). Indo na contramão deste pensamento temos a proposta de políticas públicas que estão sendo implementadas no campo da Educação orientadas pelo Banco Mundial, como retrata Libâneo:

[...] uma das orientações mais presentes nos documentos do Banco Mundial é a institucionalização de políticas de alívio da pobreza expressas numa concepção de escola como lugar de acolhimento e proteção social, em que um de seus ingredientes é a implementação de um currículo instrumental ou de resultados. Tais políticas trazem junto o desfiguramento da escola como lugar de formação cultural e científica e, em consequência, a desvalorização do conhecimento escolar significativo. (Libâneo, 2016, p. 4-5).

O Solar acaba sendo um espaço de acolhimento para muitas famílias, afinal se essas crianças não estivessem na escola, onde elas estariam? Com quem? A maioria das famílias trabalham e não teriam condições de ter uma babá para cuidar de seus filhos, nem colocá-los em outras instituições que ofereçam atividades complementares, igual as crianças de classe média e alta.

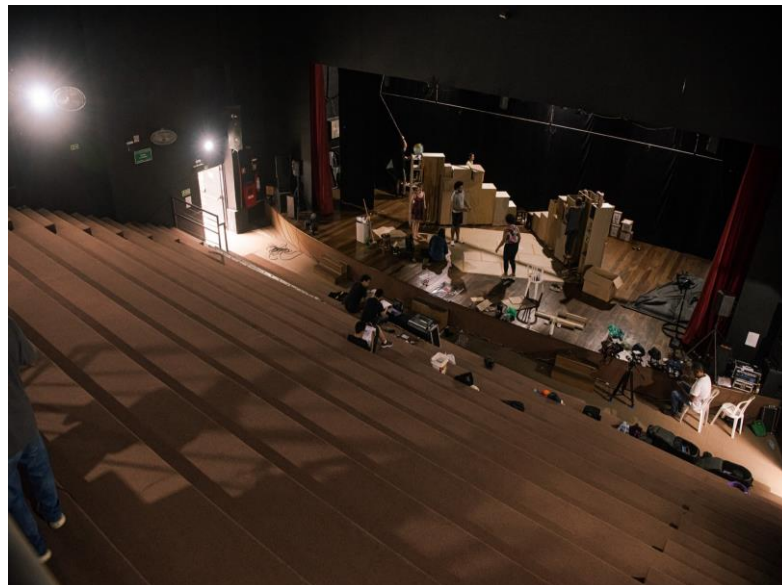
Mas, diferente de pensar uma educação instrumental e de resultados como proposto pelo Banco Mundial, principalmente para escolas compostas por alunos "carentes", que estão mais preocupadas "que o aluno alcance a aprendizagem como produto, ou seja, conhecimento e habilidades necessárias ao mercado de trabalho" (Libâneo, 2016, p. 11), o Solar tem a preocupação de oferecer um ensino de qualidade, que possibilita aos seus alunos uma educação que amplia as gamas de conhecimentos, incluindo uma diversidade de oferta para que o aluno possa ter um desenvolvimento integral, desenvolvendo todas as suas competências. Concordando que:

Escola de qualidade é a que, antes de tudo, por meio dos conteúdos, propicia as condições do desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos alunos, considerando suas características individuais, sociais e culturais e as práticas socioculturais de que vivenciam e participam. (Libâneo, 2016, p. 22-23).

É inegável que as sociedades ocidentais contemporâneas vêm gradualmente transferindo o papel dos pais na formação dos seus filhos para a escola, parafraseando Líbano, replico a pergunta: "Para que servem as escolas?" Em muitos casos, a escola vira não mais a segunda, mas a primeira casa de muitos, os filhos cada vez mais são criados pelos "tios" e "tias" da escola. As crianças precisam ter mais tempo livre de convívio com sua família, porém na atual conjuntura do capitalismo neoliberal, essa é uma realidade cada vez mais escassa, indiferente da classe social. Mesmo se a criança não passar o dia todo na escola, possivelmente ela vai estar fazendo cursinhos complementares ou sendo cuidada pela babá. Pensando nesse contexto e mais especificamente na realidade em que está inserido o Solar, fica ainda mais difícil ter uma resposta a essa pergunta. O que gera uma nova questão: É correto colocarmos na competência da escola a responsabilidade de ser a solução para todos os problemas sociais?

Os desafios da escola hoje estão presentes na realidade do Solar que, desejando uma educação integrada de qualidade, nas segundas e quarta-feiras de manhã das 9 às 11:50h os alunos do fundamental 1 (1º ao 5º ano) sobem as escadarias e adentram ao nosso espaço, um teatro enorme, com 15 metros de comprimento, por 7m de profundidade e 5m de altura, que conta com equipamentos de iluminação e som, com uma plateia de 200 lugares e 2 camarins, um deles destinado ao nosso grupo para guardar nosso acervo de materiais e figurinos.

Figura 11 - Vista do teatro da parte interna superior da plateia



Fonte: Aloysio Araripe. Novembro de 2022.

Figura 12 - Camarim em dia de apresentação



Fonte: Renato Mangolin. Novembro de 2022.

Figura 13 - Corredor em frente ao camarim, usado para os dias de apresentação com uma extensão do próprio



Fonte: Renato Mangolin. Julho de 2022.

As turmas do fundamental 1 têm entre 12 a 18 alunos e, desde 2022 são divididas em 3 grupos com 50 minutos de aula por encontro. Uma turma é composta pelos alunos do 1º ano, para eles não há seleção dos professores, mas deles próprios, todos os alunos que desejam fazer essa aula, ali estarão; já o 2º e 3º ano, segunda turma, e o 4º e 5º ano, terceira turma, passam por um mês de seleção, onde os alunos experimentam as aulas de teatro, a metodologia aplicada e os professores por sua vez, observam o comprometimento e envolvimento dos alunos e ao final desse mês os professores avaliam quem permanecerá durante o semestre. Esse processo seletivo acabou sendo implantado em 2018 devido à grande quantidade de oficinas oferecidas pela

escola, com a falta de horários para essa diversidade de cursos, optou-se em colocar mais de uma oficina por horário, assim o aluno que não está fazendo aula de teatro, pode estar fazendo aula de judô. Nossa "atividade" está entre as mais concorridas, o que por um lado nos enche de alegria, é muito gratificante ver o desejo dos alunos em quererem estudar teatro, porém nesses momentos de seleção, é angustiante termos que "tirar" alunos da turma.

Figura 14 - Seleção dos alunos - março de 2022



Fonte: Arquivo pessoal

Nas segundas-feiras a tarde é hora dos alunos do Fundamental 2 (6º ao 9º ano) e Ensino médio (1º ao 3º ano) terem suas aulas, de 2017 a 2019 esses alunos tinham aulas semanais separadas, fundamental 2 com 1h de aula e ensino médio 1 h de aula, porém desde o retorno das aulas presenciais, depois da pandemia de COVID 19, optamos, junto a coordenação pedagógica, em fazer um único grupo com 18 alunos. Todos os alunos desse segmento, que desejam estudar teatro, têm um mês para participar das aulas, depois desse período, alunos e professores avaliam quem permanecerá, criando assim uma única turma, em um único dia, porém com duração de 3h de aula semanal, e no mês que antecede as apresentações 4h.

Vimos nessa união das turmas um ganho muito grande, as aulas acontecem com mais calma, podemos dar mais atenção às individualidades do aluno, ao longo do tempo, podemos observar que desta forma, conseguimos contribuir para um melhor desenvolvimento do aluno, tanto pessoal como artístico. Outro ponto positivo é essa turma com diferentes idades, temos alunos de 11 a 18 anos, alunos com mais experiências, por já estarem conosco a mais tempo e novos alunos que ingressam a cada semestre, essa mistura é muito produtiva, pois incentivamos nos alunos, o que já é de praxe no teatro, a troca, um auxilia o outro, o que pode ser uma dificuldade para um, já pode ter sido vencida pelo outro, o frescor e a animação que os novos alunos trazem, também é um combustível que estimula os mais antigos, sem deixar de levar em conta a capacidade de nós, professores, nos reinventarmos, buscando sempre novas abordagens

de ensino que estimulem os alunos, até porque: " [...] cada sala de aula é diferente, as estratégias têm de ser constantemente modificadas, inventadas e reconceitualizadas para dar conta de cada nova experiência de ensino" (hooks, 2017, p. 21).

Aqui também vale citar a importante colaboração da escola, seus coordenadores e direção com as nossas aulas. É um trabalho de muito diálogo e união, quando nós professores, levamos alguma demanda ou problema específico para a coordenação, raras são as ocasiões em que não conseguimos chegar a uma conclusão que atenda os três lados, instituição, professores e alunos. Eles veem as aulas de teatro, o exercício do fazer teatral, como um grande aliado que desempenha um papel essencial na formação dos alunos, considerando os aspectos mencionados no trecho da entrevista com Isabella Maltaroli, diretora do Solar Meninos de Luz:

Entendemos o teatro como parte fundamental da formação do eu, do indivíduo, o aluno tem a oportunidade de trabalhar, corpo, voz, criatividade, socialização, imaginação, experimentar viver diferentes papéis, se expor, trabalhar a auto estima, a expressividade, a sensibilidade de todas as formas, é um elemento muito completo. Dizem que natação é um dos esportes mais completos para a formação de uma pessoa, eu diria que é o teatro, porque ele trabalha com todas as áreas, é música, expressão corporal, oral, sentimentos, imaginação, criatividade, além de poder se colocar em diferentes posições, desde uma produção, trabalhando nos bastidores a estrear no palco, você aprende várias funções, e isso é importante para a vida, uma hora você está brilhando no palco, outra hora você está no camarim costurando um figurino, cenário, é um trabalho coletivo, social, importante para toda a formação do eu, não importando se você vai seguir ou não carreira, nos permite um auto conhecimento indispensável para uma formação completa do ser. (Trecho da entrevista com Isabella Maltaroli, diretora do Solar Meninos de Luz, no dia 14 de fevereiro de 2023).

É muito importante ter na direção da escola alguém que compartilha dessa perspectiva, que compreende as aulas de teatro nessa amplitude. Essa valorização contribui significativamente para fomentar o diálogo e impulsionar a busca constante por melhorias e é graças a essa postura da escola, que encontrei um terreno fértil para realizar essa pesquisa.

Nas quartas-feiras à tarde, trabalhamos em 2 segmentos: a Educação infantil, (berçário 3 e maternal 1 e 2) as turmas têm em média 20 alunos. Por serem crianças ainda bem pequenas, eles têm entre 1 e 3 anos, suas aulas semanais são somente de 30 minutos de duração para cada grupo, esse tempo está sendo um período de adaptação tanto dos alunos com essa nova atividade, como dos professores. As aulas são ministradas por outros dois professores da Cia, Jorran Souza e Michelle Guimarães, onde eu faço somente a coordenação artística. Porque desde 2021, também nas quartas-feiras, assumo a função de professora e diretora do então criado, grupo de extensão. Este grupo atualmente tem 18 alunos e conta com carga horária de

4h semanais e no mês que antecede a estreia de suas montagens, incluímos um dia extra, normalmente aos sábados, com mais 3 horas de aulas semanais.

Todas as aulas, com exceção do grupo de extensão, são sempre ministradas por dois professores da Cia. Musa e desde 2021 com o auxílio de um assistente, ex-aluno da escola, aluno do grupo de extensão.

1.3 A Escavação

Esses alunos vivem em um contexto de fragilidade social, são alunos advindos de famílias, muitas vezes desestruturadas, com problemas que permeiam desde gravidez na adolescência, mãe solo, violência doméstica, a casos de doenças crônicas e famílias envolvidas com crimes e dependência química, como retratado pela diretora da escola, Isabella Maltaroli, quando questionada sobre o perfil dos alunos que a compõe:

São filhos de traficantes, de mães adolescentes, onde há violência doméstica, miséria, quantidade imensa de filhos, mãe solo, com doença crônica no núcleo familiar, dependência química, problemas com a lei, entre outros, e 30% das vagas, o Solar sempre destinou para famílias que "apenas são pobres", mas que não tem essa vulnerabilidade maior, porque famílias melhor estruturadas servem como exemplo e puxam as demais. (Trecho da entrevista com Isabella Maltaroli, diretora do Solar Meninos de Luz, no dia 16 de maio de 2023).

Acredita-se que a convivência com pessoas que vivem em lares amorosos, com famílias estruturadas, possa ser uma maneira de mostrar outra realidade possível, e que essa influência se torne um ganho positivo, para se pensar em uma transformação social, estimulada pelo convívio escolar. Porém desde 2017, o critério de seleção não pertence mais exclusivamente a instituição, como Isabella continua a nos relatar:

O problema é que de 6 anos pra cá, a prefeitura junto com ministério público, fez um acordo junto às creches conveniadas de que a seleção seria feita via um sistema da prefeitura que também privilegia esse casos de vulnerabilidade social, só que cada caso tem um peso diferente em que o computador soma essa pontuação e faz um sorteio, com isso acabaram as possibilidades de nós, escolhermos os 30% , isso para quem entra do berçário até o maternal 2, que é o convênio com a prefeitura, a partir do pré 1, crianças de 4 anos, volta a ser o Solar que seleciona, aí sim a gente pode selecionar e colocar famílias mais estruturadas também, para termos um equilíbrio. Agora quando já entra na idade escolar, tem mais um elemento de avaliação, como o histórico escolar, a gente tem que observar a evolução do aluno, as notas, boletins, pra ver se tem condições de acompanhar as aulas no Solar, porque se for um aluno muito fraco ele vai entrar e não vai conseguir acompanhar. (Trecho da entrevista com Isabella Maltaroli, diretora do Solar Meninos de Luz, no dia 16 de maio de 2023).

É através desse ambiente escolar, dessa multiplicidade de contextos e seus problemas básicos, que surgiu o interesse de desenvolver essa pesquisa sobre como o teatro pode contribuir

com a organização das emoções. Por acreditar que desenvolver a percepção emocional pode contribuir para a forma em que vivemos na sociedade. Concordando que: "o sentimento é inicialmente individual e através da obra de arte torna-se social ou generaliza-se" (Vygotsky, 1965/1999b, p. 308 apud Faria, Dias, Camargo, 2019, s.n).

Através da minha experiência com teatro, que permeia desde atuar, ensinar, coordenar e dirigir, faço das aulas, ensaios e seus espetáculos, um meio para os alunos desenvolverem a capacidade da criação, trabalhando de maneira lúdica a expressão corporal, a audição, a visão, a fonação, o tato, a atenção, a memória, o raciocínio, e claro, as emoções, objetivando despertar neles a valorização à ética, disciplina, responsabilidade, persistência, interação de grupo, e a sua consciência emocional.

O interesse por esse teatro com ênfase na sensibilidade, pesquisa e criatividade, procura desenvolver as habilidades de interpretar, criar e refletir de forma construtiva e positiva. Estimulando assim, o desenvolvimento harmônico de potencialidades pessoais, autoestima, consciência crítica, autonomia, tendentes à obtenção de resultados sociais de forma igualitária, com relação às crianças e jovens do asfalto e à irradiação de hábitos e atitudes transformadoras às famílias e à comunidade. Indo ao encontro do pensamento de Vygotsky:

Vygotsky já afirmava que a expressão artística é uma necessidade intrínseca do ser humano. Além de se tornar meio de externar positivamente emoções e sentimentos como ansiedade, agressividade, medo, raiva, angústia, as atividades artísticas podem ser trabalhadas de modo que os sujeitos conheçam melhor aos outros e a si mesmo, criando condições para a reflexão a respeito das próprias atitudes e possibilidades de mudança na convivência social. (Vygotsky apud Oliveira, Stoltz, 2010, p. 91).

Trabalho 40 horas dentro da escola, ministrando aulas de teatro, além de exercer a função de assistente de produção e coordenadora da escola de teatro, sendo responsável por escolher os temas e peças a serem trabalhadas, e posteriormente, preparar os alunos para os seus personagens, além de fazer a direção dos espetáculos. É através da dramaturgia escolhida ou criada para determinado fim, que tornamos mais claro e palpável, os conflitos, as emoções, as diferentes formas de agir e pensar, perante diferentes situações, despertando no aluno a empatia, o senso crítico, iluminando assuntos importantes de uma maneira artística, experienciada, concordando com Viola Spolin em sua definição sobre o termo: "Experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo" (Spolin, 2015, p. 3).

Buscamos esse amplo envolvimento através de conversas, debates, jogos lúdicos e improvisos, onde professores e alunos discutem os temas levantados, depois de terem se familiarizado com eles, por terem experimentado na prática as situações, às entendendo e

ressignificando-as. É através do diálogo, da reflexão crítica sobre a prática que produzimos a compreensão do aluno. Muito mais do que explicar teoricamente determinado assunto, precisamos oferecer a oportunidade para que ele possa se afetar, assimilar, dialogar e formar sua própria opinião, contribuindo assim para uma educação como prática da liberdade, concordando com Freire:

(...) se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (Freire, 1987, p. 43).

Afinal, o aluno não é um recipiente vazio onde depositamos informações, muito pelo contrário, ele só guarda o que lhe atravessa, o que ele preenche de significado, como já dizia Rubem Alves: "Dentro de pouco tempo quase tudo que lhes foi aparentemente ensinado terá sido esquecido. Não por burrice. Mas por inteligência. O corpo não suporta carregar o peso de um conhecimento morto que ele não consegue integrar com a vida" (Alves, 2012, p. 24).

Essa educação que acreditamos e tentamos estimular, através do fazer teatral, está comprometida com o aluno, com esses seres conscientes ou em busca dessa consciência do mundo, da sua forma de agir e interferir ativamente nele, como também defendida por Augusto Boal:

O teatro deve conduzir a uma ação concreta, o ator em cena deve se tornar um ativista nas ruas; é a única maneira de se criar plenamente este teatro que não se contenta mais em interpretar o mundo, mas que de fato contribui para transformá-lo. (Boal, 2019, p. 225).

Posso supor que este modo de pensar o teatro defendido por Boal, é inspirado no pensamento de Freire sobre a educação como prática de liberdade, e acrescento que, para atingirmos essa liberdade no seu mais amplo significado, precisamos oferecer formas dos alunos entenderem suas emoções, uma vez que elas fazem parte do sujeito e interferem na forma como vivemos em sociedade, para que assim, eles aprendam a lidar com elas, em vez de serem dominados por elas. Tatiana Neves⁹, Coordenadora pedagógica da Educação infantil, acrescenta:

Se você não parar para entender como você sente as coisas, como você vai ter essa consciência interna? Precisa disso, até para canalizar o aprendizado. Isso vai afetar também nas relações que você cria em sala de aula, para fazer um trabalho de grupo, para amanhã procurar uma opinião de como fazer uma faculdade. Se eles se agrirem agora, se eles não sabem demonstrar esses sentimentos, isso vai se voltar para eles de um jeito que não vai ser legal. Só que isso é difícil, precisa ser trabalhado.

⁹ Depoimento pessoal dado à autora, no dia 21 de setembro de 2023, no Solar Meninos de Luz.

Não podemos falar em tomada de consciência, de ação, ignorando o fator emocional, uma pessoa que não consegue compreender suas emoções e lidar com elas, dificilmente conseguirá promover ações concretas de transformação no seu meio. Vygotsky em Psicologia da Arte nos diz que:

A arte permite a expressão de emoções que proporcionam o equilíbrio do indivíduo com o meio, levando à sua reorganização psíquica. Esse processo ocorre sempre por via indireta, pois "a arte nunca gera de si mesma uma ação prática, apenas prepara o organismo para tal ação" (Vygotsky, 1965/1999b, p. 314 apud Faria, Dias, Camargo, 2019, s.n).

E é através do teatro, que tentamos preparar o aluno para a ação. Acreditamos que uma pessoa que conhece suas emoções, terá mais chance de saber lidar com os problemas.

Paulo Freire também nos traz um exemplo que vale a reflexão, aqui ele se refere a formação do professor (a), mas penso que essa consideração se estende a qualquer situação. Chamo a atenção para a importância que ele atribui às emoções, inclusive usando o termo de educar o medo, para transformá-lo em coragem:

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica dos gestos, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superado pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem. (Freire, 2022, p. 45).

No processo anual com as turmas, todo final de ano letivo, fazemos uma grande apresentação com todos os alunos que participaram da oficina de teatro, durante o ano. É através dos espetáculos, desse “produto final”, que desenvolvo todo o trabalho de pesquisa com os alunos, onde eles são instigados a vivenciar o processo de ensino-aprendizagem, buscando essa comunhão dos saberes, entre o que o texto propõe de discussão e o que esses indivíduos querem discutir, afinal:

Os processos de criação e compartilhamento formam não só os próprios atores, mas pretendem estabelecer relações pedagógicas também com o público a que se destina. Nesse sentido, assistir a um espetáculo também pode se tornar uma instância de aprendizagem, que alie divertimento e reflexão, que contribua para o conhecimento dos homens sobre si e para o aprimoramento de sua condição. (Icle; Haa, 2019, p. 99).

São os espetáculos que chegam diretamente às famílias e a comunidade, podendo causar reflexões e mudanças nesse meio também. Concordando com a maneira de Vygotsky pensar a arte:

[...] a arte permite ultrapassar o pensamento, gerando emoções que o próprio espectador não é capaz de definir ou explicar. As emoções suscitadas pela arte não podem ser explicadas por seus elementos isoladamente, mas somente pelo

produto que o conjunto da obra produz - pois, além do pensamento, a arte envolve diretamente o sentimento. Desse modo, o autor aponta que a ideia de que a vivência artística é absolutamente passiva, comum no contexto da educação estética de sua época, é errônea. Tão logo o fruidor entre no papel ativo de participante da obra de arte por ele percebida, o campo da estética é abandonado e a percepção da arte passa a envolver uma postura ativa do sujeito - assim, ela chega por meio dos órgãos dos sentidos, mas também é percebida através de uma atividade interior sumamente complexa, na qual ouvir ou ver são somente os impulsos básicos iniciais. Envolve, para além da percepção, também a emoção de cada pessoa. Dessa maneira, as múltiplas interpretações que se atribui às obras de arte não são apenas juízos cognitivos, senão atos emocionais do pensamento: "a arte é trabalho do pensamento, mas de um pensamento emocional inteiramente específico" (Vygotsky, 1965/1999b, p. 57 apud Faria, Dias, Camargo, 2019, s.n).

Todos os anos são diversas apresentações que ali acontecem, tanto dos próprios alunos em suas oficinas de teatro, dança, música, como espetáculos de outros grupos e companhias que ali se apresentam, além deles terem acesso gratuito a exposições permanentes na galeria de artes. O teatro do Solar já foi palco de muitas produções, como nos conta Isabella:

Através de convênios e parcerias há cada 15 dias tinha um espetáculo diferente acontecendo, espetáculos infanto-juvenil, shows de músicas de diferentes estilos, isso era aberto a toda a comunidade, atualmente a gente está sem essas parcerias, então são as nossas produções próprias e algumas apresentações esporádicas de fora, nesses momentos a comunidade comparece, geralmente por serem parentes, amigos, daqueles que estão se apresentando. (Trecho da entrevista com Isabella Maltaroli, diretora do Solar Meninos de Luz, no dia 14 de fevereiro de 2023).

Por mais que não exista mais esse convênio, enquanto professora, sempre que tenho oportunidade faço questão de levar os espetáculos que faço parte para se apresentar na escola. Inclusive, foi em uma dessas apresentações em outubro de 2015, que o grupo Voltagem, ao qual integrava como atriz, apresentou o espetáculo "Nem tudo está azul no país azul". Nessa ocasião o aluno Marcos Paulo, na época com 9 anos de idade, assistiu à apresentação e no ano seguinte entrou para as aulas de teatro e segue conosco até hoje, sendo um dos nossos alunos mais antigos.

Eu nunca tinha tido contato com teatro antes de ver a peça da "Rainha Azul", eu gostei muito, eu senti uma grande afinidade naquele momento, eu lembro de que quando eu vi eu fiquei muito emocionado eu gostei muito e no ano seguinte, que foi o ano que abriu teatro para a minha turma, eu não tive dúvidas que eu queria fazer, que eu queria testar como era todo aquele processo de fazer uma peça, eu queria efetivamente estar lá e saber como era, e eu fui fazendo, fiz minha primeira peça, fui fazendo, e fazendo ao ponto de que agora faz parte de mim, entende? O teatro é especial pra mim, eu consigo me abrir bastante com ele, botar minhas emoções pra fora e de certa forma o teatro já faz parte de mim. Por causa de você "A Rainha Azul", minha professora. (Trecho da entrevista com Marcos Paulo, aluno de teatro do Solar Meninos de Luz, 17 de abril de 2024).

Figura 15 - Cartaz do espetáculo "Nem tudo está azul no país azul"



Fonte: Arquivo pessoal.

Em 2017 fizemos uma apresentação de dança, integrando a Cia EsTANGOstoso, da qual faço parte, junto a 6 alunos, (Marcos Paulo, Cristian, Vitor Hugo, Victória Lorrayne, Victoria Augusta, Maria Vitória) que no mesmo ano, apresentaram a cultura brasileira no Brave Kids, festival que aconteceu na Polônia e na Eslováquia, com uma coreografia gaúcha, ensaiada pela professora e autora do trabalho e um samba criado pelo professor Fernando Barbosa.

Figura 16 - Apresentação de dança, integrando a Cia EsTANGOstoso



Fonte: Lucas Campbell, novembro de 2017. Solar Meninos de Luz

Em 2022, fizemos uma apresentação exclusiva para os alunos da instituição, do espetáculo infanto-juvenil "MONOLENA - Inspirado no imaginário de Frida Kahlo", que de uma maneira poética, toca em temas delicados: a morte, a dificuldade de comunicação entre pais e filhos, os processos de adaptação a novas realidades e, com grande ênfase, na prática do *bullying*, suas consequências e como lidar.

Figura 17 - A atriz, idealizadora e autora deste trabalho, junto com a atriz Laura de Castro



Fonte: Aloysio Araripe, novembro de 2022.

Além dessas apresentações citadas aqui, outros parceiros se apresentam na escola. Essa diversidade de apresentações enriquece a experiência dos espectadores e contribui para a formação de uma plateia crítica, além de democratizar o acesso à cultura e permitir que a comunidade se envolva com diferentes formas de expressão artística. Ao assistir a diferentes peças, o público desenvolve sua capacidade de análise e reflexão, habilidade valiosa para a formação cidadã e cultural, que pode transcender o palco e se tornar um agente transformador na comunidade.

Pensando nessa amplitude do teatro, suas aulas e seus possíveis desdobramentos para a comunidade, em 2018, a fim de implementar ações de prevenção, conscientizando os alunos a respeitarem o ser humano, independente das suas diferenças, abordamos a temática do *bullying*¹⁰.

¹⁰ A Lei nº 13.185, em vigor desde 2016, classifica o *bullying* como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros.
<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487#:~:text=O%20bullying%2C%20também%20chamado%20de,v%3ADt%20em%20uma%20relação%20de>

QRcodes 3 -Teaser Espetáculos com temática do bullying (2018)



A escola estava retratando muitos problemas devido a essa prática e vimos no teatro uma importante ferramenta para o aluno se expressar, analisar comportamentos, e por que não, combater o *bullying*? Duarte nos traz uma importante afirmação sobre o poder da arte, tanto na educação como na formação do ser:

A arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida. (Duarte Jr, 2006, p. 23).

Figura 18 - Apresentação do espetáculo: "O arco-íris de todos nós" inspirado em FLICTS, de Ziraldo¹¹. Novembro de 2018. Teatro do Solar



Fonte: Blick Fotografia.

Se através da arte podemos ampliar nossa visão sobre determinado comportamento e desenvolvermos um olhar crítico sobre ele, porque não fazermos uso desse meio de uma forma lúdica para entender e desenvolver nossos sentidos?

Um dedicar-se ao desenvolvimento e refinamento de nossos sentidos, que nos colocam face a face com os estímulos do mundo. A educação do sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do

¹¹ O personagem principal, de mesmo nome, sofre bullying por ser uma mistura de cores, não se encaixando em nenhum grupo de cores "puras".

conhecimento intelectual, [...] não apenas no interior faz escolas, mas ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana. Desenvolver e refinar os sentidos, eis a tarefa, tanto mais urgente quanto mais o mundo contemporâneo parece mergulhar numa crise sem precedentes na história da humanidade. (Duarte Jr, 2006, p. 13-14).

Crise essa acompanhada tristemente em tantos ataques envolvendo alunos nas escolas. Um triste exemplo disso, foi o massacre na escola de Suzano em São Paulo, no dia 13 de março de 2019, onde um adolescente (ex-aluno da escola) e um homem entraram na escola e mataram sete pessoas, cinco alunos e dois funcionários, o adolescente, em questão, ainda tira a vida do homem que o acompanhava e depois se suicida. Segundo sua mãe: "o garoto deixou de frequentar a escola em virtude de *bullying*¹²".

É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do seu humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. (Freire, 2022, p. 34-35).

Se educar é formar, é contribuir para a construção de valores humanos, o que nós professores estamos fazendo para colaborar com essa afirmação colocada por Freire? Em um mundo em que cada vez mais vemos jovens estampando os noticiários televisivos sendo provedores de ataques contra professores e alunos, de que forma a educação pode intervir para dar suporte, auxiliar esses outros jovens a não irem ao extremo da sua perda de controle emocional? Será que se tivéssemos uma educação emocional, que ensinasse os alunos a aprenderem a lidar com as causas e consequências das emoções, poderíamos amenizar esses disparates?

Ciente das limitações para enfrentar um problema social tão amplo, reconhecendo que uma reforma no sistema educacional envolveria ações macropolíticas que escapariam à minha esfera de atuação, comecei a examinar como minha própria prática pedagógica poderia contribuir para essas questões, pelo menos no que tange a "minha sala de aula". E assim, em 2019, ainda mexida por todo esse contexto, da prática do *bullying* no Solar, por esse triste quadro de violência em Suzano, dei início a minha pesquisa sobre o desenvolvimento da educação emocional, por acreditar que não adianta trabalharmos somente os focos, os problemas isolados, precisamos direcionar o olhar para o que está causando determinado "problema". Quando conseguimos olhar para as causas, podemos tentar prevenir ou amenizar

¹² <https://veja.abril.com.br/brasil/tiroteio-deixa-feridos-em-escola-estadual-de-suzano> Reportagem de 2023 mostrando que infelizmente, essa ainda é uma prática recorrente: <https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-teve-5-ataques-com-mortes-em-escolas-em-2022-e-2023/>

as consequências. E as causas normalmente estão dentro de uma “panela de pressão”, pronta para explodir, na qual tentamos sufocar as emoções, principalmente por não as compreendermos. Precisamos aprender a mexer nessa “panela”, sem ter medo e sem causar estragos.

E a ferramenta que me vali para colocar luz sobre essa abordagem e investiga-lá, foi a condução sensível, possível através do método MUSA (Musical System of Acting@2008) e seu conjunto de exercícios, criado por Sotiris Karamesinis, Diretor, professor e pesquisador de teatro. Mestre em didática do Teatro Grego e Teatro Mundial pela Universidade Nacional de Atenas (NKUA). Formado em Ciência das Religiões e Teologia Social e Licenciado em Pedagogia pela mesma Universidade. Possui diploma superior em Teoria, Harmonia e Pedagogia de Música pelo Conservatório - Iamnikon e Direção de Cinema na Escola Superior de Cinema - Stavrakos. Desenvolveu o seu próprio método de interpretação para atores, o “MUSA”(musical system of acting). Dirigiu dezenas de espetáculos na Grécia, Chipre e Brasil. É pesquisador do Departamento de Política Internacional Européia da Universidade de Pireus e professor da escola superior Karolos Koun de Arte da Grécia. Morou 8 anos no Rio de Janeiro, adaptando para o português e dirigindo vários espetáculos.

2 CHEGADA AO NORTE

O Norte é o ponto magnético da Terra, ele orienta a direção da bússola, que é atraída por esse polo e conseqüentemente nos mostra o caminho que se deve seguir. Na nossa jornada em sala de aula, nosso Norte é o Método MUSA - Sistema Musical de Atuação, ele é o nosso guia para explorarmos a pesquisa nas emoções, uma importante ferramenta pessoal de auto regulação emocional que aplicada no contexto escolar, oferece aos alunos a oportunidade de se desenvolverem em diferentes dimensões, por ser um método suave e não invasivo, uma vez que: "O trabalho com a música orienta suavemente o praticante a entrar no ambiente de pesquisa, em intensidade, ritmo e exigências de acordo com o nível e estado psicofísico de cada um" (Entrevista com Karamesinis, maio 2023), respeitando os limites e o grau de envolvimento que o aluno está disposto a alcançar naquele dia, além do método propor uma condução onde exploramos a:

(...) criação psicossomática, orgânica, pois a música não é apenas tratada tecnicamente, mas também há a solicitação de participar da ativação emocional e mental para o estabelecimento do estado básico que domina a ação do praticante com a música específica. (Entrevista com Karamesinis, maio 2023).

Fator esse que, do meu ponto de vista, faz do método um meio potente para desenvolver a consciência das emoções, trabalhando-as como uma ferramenta artística, afinal:

[...] é através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro primeiro, sensível, com o mundo. Situando-se a meio caminho entre a vida vivida e a abstração conceitual, as formas artísticas visam a significar esse nosso contato carnal com a realidade, e a sua apreensão opera-se bem mais através de nossa sensibilidade do que via o intelecto. A arte não estabelece verdade gerais, conceituais, nem pretende discorrer sobre classes de eventos e fenômenos. Antes, busca apresentar situações humanas particulares nas quais esta ou aquela forma de estar no mundo surgem simbolizadas perante nós. (Duarte Jr, 2006, p. 22-23).

Acreditamos que, fazendo esse paralelo entre as situações reais vividas, sentidas, pelos alunos, com essa forma lúdica e sensível dessa abordagem do teatro, podemos facilitar o conhecimento sobre as emoções, uma vez que o sentimento estabelece relações e através dele aprendemos, afinal [...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (Freire, 2022, p. 24). Com esse conhecimento adquirido, o que se pretende é que consigamos fazer com que o aluno, tenha consciência das suas emoções e aprenda a lidar com elas, expandindo este estudo para a formação do seu eu, da sua vida para além da personagem, para além da escola, tornando esse aprendizado libertador. Afinal:

Somos seres de experiência. Tudo o que se passa na vida nos atravessa, nos altera e faz com que cada um de nós seja único, mas habitado por muitos - e

nessa multidão singular tecemos uma rede infinita de aprendizagens. A encantaria da educação é parir seres que não cessam de renascer ao longo das suas jornadas. Parida e parteira de si e de muitos, a educação remete a processos sempre coletivos, afetivos, conflituosos, despedaçamentos e remontagens do ser. (Rufino, 2021, p. 17).

O método auxilia pedagogicamente no desenvolvimento da educação emocional de forma prática, facilitando o aprendizado, onde os alunos não se prendem racionalmente, mas sensivelmente, concordando com Michel Maffesoli: É preciso considerar o sensível como elemento central no ato de conhecimento (Maffesoli apud Duarte Jr, 2006, p. 07).

Antes da apresentação detalhada da nossa jornada, se faz necessária uma breve introdução acerca da metodologia na sua origem, seu processo de composição, quem o elaborou e o porquê da sua escolha para o desenvolvimento da educação emocional.

2.1 MUSA - Sistema Musical de Atuação (Musical System of Acting@2008)

O método MUSA é um sistema musical de atuação autônomo e holístico, fundamentado nos estudos do drama, da origem do teatro e na pesquisa no trabalho do ator, que objetiva desenvolver a harmonização do corpo, da voz e da emoção, através de uma união equilibrada e artística, tem sua condução através da música, como define Sotiris Karamesinis, diretor e professor de teatro e músico, que pesquisa teatro há quase 30 anos:

MUSA é um método de exercício, formação e preparação de atores e composição de papéis, utilizando a Música como força motriz e catalisadora. É um método de atuação autônomo e holístico, e se concentra principalmente em aprender como usar a música como espinha dorsal da composição de cenas ou monólogos do ator. Este processo conduz os atores a uma criação e presença orgânica, enriquecendo os meios expressivos e facilitando a aquisição das condições psicossomáticas e da prontidão emocional necessárias à atividade de um ator, e à composição artística única em seu papel, não através de uma abordagem psicológica mas psicotécnica. (Karamesinis, 2016, p. 37, tradução nossa.)¹³

Sua metodologia é dividida em três pilares: a prática teatral, a teoria, e as fontes terceiras. O primeiro pilar, que é o laboratório de pesquisa e experimentos práticos, foi o que inspirou a criação do método. Sotiris é músico e por quase 10 anos trabalhou criando música ao vivo nos espetáculos em Atenas, sua cidade natal. A partir da observação sobre o efeito da

¹³ Texto original: "MUSA is a method of exercise, training and preparation of actors and role composition, using Music as a driving power and a catalyst. It is an autonomous and holistic acting method, and it focuses mainly on learning how to use music as a backbone of actor's composition of scenes or monologs. This process is leading the actors to an organic creation and presence, enriching the expressive means and facilitating the acquisition of psychosomatic conditions and emotional readiness required for an actor's activity and unique artistic composition per role, not through a psychological but through a psychotechnical (psychotechnique) process".

música na pesquisa do ator percebeu nela uma potente ferramenta na condução para se encontrar estados psicofísicos, expressividade, consciência cênica, para ativar o subconsciente, ampliando assim a percepção do ator, como explicado por ele:

[...] notei que, no concernente às improvisações simultâneas entre ator e músico, a música podia ter um efeito muito forte no estado psicofísico e no desempenho do ator. Quando tocado por ela, o ator era levado a um novo patamar de atuação. No momento em que a música não mais limita-se a uma simples trilha sonora, que entra discretamente como segundo plano para preencher pausas e lacunas da ação cênica e do texto do ator e, pelo contrário, vibra e nasce junto com o impulso e a ação dele, criando com ele uma relação dialética e compositiva, ela tem o poder de intervir de maneira ativa e afetar o processo e o resultado final da interpretação. (Karamesinis, 2014, p. 41).

A partir dessa percepção prática, Sotiris busca o embasamento teórico, entendendo a música desde sua origem, quando ainda era vista pelos gregos, como uma arte espiritual das Musas, para a posteridade, "[...] só depois da época de Platão é que ocorreu essa separação entre som e verbo, entre música e fala, dando surgimento à definição de poesia e música como artes independentes, (Karamesinis, 2014, p. 42) conceito esse, que segue até hoje. Mas o ponto que instiga a pesquisa para o desenvolvimento da metodologia, são os efeitos que a música provoca no ser humano, isso desde a origem da tragédia grega, onde temos o surgimento da arte teatral e as primeiras obras musicais, nesse conceito de som, poesia e dança, em uma união indissolúvel, para Sotiris:

As fontes de informação existentes asseguram que a união entre música e poesia na tragédia grega surge a partir da percepção de que a música tem um efeito catalisador sobre a alma humana. Isso é ilustrado na teoria de Ethos, que diz que cada movimento melódico ou rítmico tem uma reação emocional a qual afeta a vontade e os impulsos humanos. Esta teoria não se limita a afirmações gerais: ela se aprofunda na investigação dos parâmetros sensoriais e nos efeitos dos diferentes instrumentos, ritmos, modos, escalas e características/cores da voz (*ekochromas*) sobre as variações de emoção e a emissão da própria voz. O primeiro a investigar isso de forma sistemática e científica foi Damon, o ateniense. Ele explica que cada uma das escalas musicais tem propriedades especiais e específicas, as quais causam diferentes impulsos e reações emocionais. A escala Dorian, por exemplo, é considerada masculina: diz-se que ela inspira coragem e harmonia, que fortalece e equilibra a emoção e a determinação. O modo frígio, em contrapartida, é feminino. Provoca um surto de paixões - ilustrado pelo fogo - e êxtase, por isso se configura como principal forma de expressão nos ditirambos. O Lídio, por sua vez, tem uma musicalidade carinhosa, que traz sensação familiar; tem a sensibilidade da tristeza e é, por isso, muito utilizado nos cantos fúnebres. (Karamesinis, 2014, p. 42).

Sotiris afirma ainda que essas teorias são defendidas pelos maiores filósofos da antiguidade, como: Platão e Aristóteles e os grandes poetas e precursores da tragédia grega:

Ésquilo, Sófocles e Eurípides, que de maneiras semelhantes viam na música uma influência poderosa para afetar a alma humana.

Fazendo jus a essas afirmações, na atualidade essas pesquisas estão em crescente ascensão, reiterando os efeitos da música na fisiologia e no cérebro humano, dentre elas destacamos a pesquisa do professor de neurologia, Oliver Sacks Musicophilia que analisa os efeitos da música em pacientes em condições neurológicas raras:

A música tem o poder de nos transportar para as “alturas” e/ou para as “profundidades” da emoção. Seu poder é eficaz em lembrar nosso primeiro encontro amoroso, em nos persuadir a comprar, em nos tornar alegres ou tristes, em nos oferecer prazer e paz. Mas esse poder vai muito mais além: na verdade, a música, dependendo da situação e da condição do ouvinte, pode representar momentos quase insuportáveis de irritação e tortura, provocar convulsões, como no caso de um paciente epilético do autor que tem convulsões quando ouve qualquer tipo de música e, por esta razão, anda com tampões de ouvido na cidade de Nova York. Mas a música também pode provocar o efeito contrário do alívio para o sintoma de certas doenças neurológicas. (Benetti, 2009, p. 302).

Junto a todo esse embasamento teórico, Sotiris constata na teoria, o que já havia observado na sua prática, a música tem o poder de interferir na fisiologia humana. Agora era transpor todo esse conhecimento para o seu foco de trabalho, a arte dramática, dando os primeiros passos na criação da sua metodologia, pensando nesse diálogo entre música e interpretação. Descobrimos e reorganizando uma gama de exercícios e músicas gravadas específicas, que contribuíssem com os atores, para que eles pudessem ter autonomia de pesquisa sem precisar de um músico presente e aprendessem a vivenciar a música ativamente, tornando a sua influência consciente, para que assim pudessem ter o controle dos efeitos da música em si, objetivando um resultado artístico próprio.

Dessa forma, vamos ao terceiro pilar, as contribuições das fontes terceiras, e ninguém melhor para citá-las do que o próprio Sotiris:

Bebi da fonte de diferentes mestres que trilharam seus próprios caminhos de pesquisa no teatro e na música - os mestres da nossa arte. Pode-se citar os textos inspiradores do Artaud, que dizia que a busca do homem pela magia e pelo êxtase do Cosmos (Κόσμος grego) dentro dele o conduz indubitavelmente ao teatro. O inspirador “Teatro Laboratório” de Grotowski, que nos impulsionou por novos caminhos a violar nossas fronteiras e expandir os limites da consciência através dos cantos rituais. A relação da música e da interpretação nas novas técnicas e teorias de Biomecânica de Meyerhold. Também é válida a teoria da harmonia, de Pitágoras, que consiste no acoplamento dos opostos e no nascimento da beleza através da desarmonia. Ela nos leva à reflexão de que o verbo (*logos*) e a música são diferentes meios de expressão que se unem em conjunto harmônico no Teatro. (Karamesinis, 2014, p. 42).

Para além das influências de tantos pensadores, como professor e diretor teatral, tendo esses três pilares como base, em 2008 Sotiris criou o seu método, MUSA - Musical System of Acting@2008 (Sistema Musical de atuação), que é dividido em três fases de aplicação: A escolha da música para despertar a emoção central que se pretende atingir; os exercícios psicotécnicos, composto de inúmeras improvisações e exercícios que buscam a pesquisa prática com a música, onde o pesquisador ouve a música de forma psicofísica e não mental, e a última fase a qual busca a homogeneidade entre texto, corpo/mente/alma e música.

Depois de 15 anos elaborando e experimentando a metodologia, em 2009 ela é aplicada pela primeira vez no Brasil, com o grupo de atores do "Nós do Morro¹⁴", onde trabalhou durante 9 meses, ensinando o método em um processo de montagem da peça "As Bacantes" de Eurípedes.

Os exercícios do método foram desenvolvidos com o objetivo de tornar o trabalho do ator mais rico, sua pesquisa mais autônoma e criativa, uma vez que ele não fica refém de um diretor ou mesmo dos colegas de cena para trabalhar, basta o ator e sua música, para que juntos, através dessa escuta criativa, da fantasia e da imaginação, ele seja guiado por caminhos inexplorados, que fogem do óbvio, possibilitando um resultado de interpretação único. São quase 30 anos ministrando aulas e oficinas, para centenas de pessoas, nos mais diferentes contextos, de faixas etárias diversas, em processos tanto de formação em escola de atores, como para profissionais da arte, em países europeus e latino americanos.

A parte fundamental para se alcançar essa autonomia criativa, é a escolha da música, que pode ser também a parte mais demorada do processo, Sotiris nos trás uma explicação se referindo ao exercício do monólogo, mas seu princípio se adequa a outros exercícios da metodologia:

Para escolher a música, temos de responder a algumas perguntas. Em primeiro lugar, qual é a essência, a questão central da qual trata o monólogo? Qual é o estado inicial e qual é a condição final do personagem – onde começa e onde tem que chegar o ator? Depois, respondemos a um segundo questionamento: quais são as qualidades da textura desse estado? Qual é o som dele? Ele traz surpresa, tem a intensidade do primeiro amor; é um encontro inesperado como o despertar de uma nova sensação, um acontecimento desconhecido, como o primeiro beijo; é sobre o domínio da ansiedade, o estado do medo; enfim. Deve ser muito claro e compreensível o estado central, porque é a partir dele que o ator vai encontrar a música adequada para compor sua partitura. Qual é a música capaz de levar o ator a expressar a estética e a emoção da experiência identificada? Que energia ela tem? (Karamesinis, 2014, p. 42-43).

¹⁴ <https://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/05/29/diretor-grego-encena-as-bacantes-com-o-nos-do-morro.html>

Essas respostas culminaram em diferentes escolhas musicais, cada uma trazendo uma expressão artística única e singular. Essa pesquisa também pode ser aplicada na criação de cenas em grupos, bem como para trabalhar o desenvolvimento pessoal e a autopercepção, abordagem essa fundamental, na qual colocamos um maior enfoque, quando a metodologia integra a educação formal.

2.2 O Método MUSA dentro da sala de aula

Em 2015 a metodologia entrou no ambiente escolar a partir da parceria com a ONG/Escola Solar Meninos de Luz, começamos a experimentar o método com alunos não atores. Assim como Sotiris que bebeu de muitas fontes para a criação de sua metodologia, quando ela entra em uma sala de aula "convencional" onde o objetivo, não era a formação de atores, mas sim, o de atribuir os benefícios do teatro, como o autoconhecimento, desenvolvimento da expressão corporal, a melhora da comunicação, interação entre os alunos, perda de timidez, entre tantos outros, já citados por inúmeros autores, usufruí de todos os ensinamentos que tive, e ainda tenho, na minha vivência como atriz e professora e fui desenvolvendo meu próprio modo de trabalhar e ensinar teatro. Indo ao encontro do que afirma Sotiris:

O MUSA funciona como um sistema educativo completo, autônomo e holístico, mas pode ser utilizado também em conjunto com outros sistemas de atuação e interpretação já existentes, como complemento criativo do ator em todas as suas incursões artísticas. (Karamesinis, 2014, p. 40).

Mais tarde, em 2019, quando cursei Metodologia do Ensino de Artes, essa experiência despertou meu desejo de pesquisa sobre a contribuição do método MUSA (Musical System of Acting) na Educação Escolar, a partir da transposição e organização dos jogos da metodologia para a sala de aula, levando em consideração o grau de dificuldade, facilidades e o que se pretendia desenvolver em cada turma. O ponto crucial para aplicar o método, independente da finalidade, seja artística ou como ferramenta de autoconhecimento, é desenvolver a sensibilização da escuta, através de uma seleção prévia de músicas instrumentais gravadas, com composições simples e bem definidas, entendendo primeiramente sua estrutura. É fundamental que o aluno aprenda a ouvir a música bem, percebendo cada detalhe, identificando o instrumento, o ritmo, a melodia, para que a partir dessa percepção comece a se deixar afetar corporalmente por esses estímulos sonoros. A música, na nossa metodologia é sempre usada neste lugar de indutora, e não como um simples pano de fundo, uma ambientação, é através dela que acontecem todas as descobertas interiores que se manifestam no exterior.

Um fator muito importante que auxilia no nosso processo de entendimento e assimilação da forma de ouvir a música, são os paralelos que fizemos com os quatro elementos da natureza, teoria de Empédocles, filósofo físico do século IV A.C.:

Empédocles acreditava na pluralidade; defendia que o universo era composto pelos seguintes quatro elementos básicos: ar, água, fogo e terra e que a qualidade de nenhum deles seria preponderante sobre os outros. As coisas existentes seriam o resultado da mistura desses quatro elementos. (Malagutti, 2004, p. 18).

No MUSA, os elementos são essenciais para dar concretude às qualidades, ações e estados emocionais provocados pela música. Usamos o treinamento com eles, para melhor entendê-las e organizá-las. De uma forma lúdica, convidamos os alunos a aprender a ouvir a música de maneira ativa e orgânica, ajudando a visualizar e sentir as mudanças dos sons, dos ritmos e da harmonia e reagirem corporalmente a esse estímulo sonoro, deixando-se afetar pelo corpo e o que ele carrega de significados e símbolos. A música é uma ferramenta fundamental na construção dos jogos cênicos e linguagem teatral, a qual damos vazão ao estado intuitivo, psicofísico e sensível.

Em músicas do elemento ar, por exemplo, exploramos as diversas dinâmicas: as pausas inesperadas, as repetições e as mudanças na harmonia, melodia e ritmo. Aqui, o fluxo pode aparecer e desaparecer de repente, com notas que ecoam livremente no ar, provocando ações imprevistas. Por meio desse elemento, buscamos ampliar nossa sensibilidade e leveza. Geralmente, ele é associado a surpresa, as mudanças extremas de ideia, do querer, da emoção, sem uma justificativa prévia, muda a dinâmica da música, e assim a vontade do ator sofre alteração, saindo da calma para um estado de euforia, por exemplo.

As músicas do elemento água trazem o fluxo contínuo, um movimento que se transforma fluidamente. Elas evoluem de maneira cíclica, circular e simétrica, o que conduzirá um trabalho minucioso com nuances delicadas. Essas músicas expressam sensações líquidas, fortes e ativas, sem pontos e gravidade. Ela exige um alto grau de pureza e precisão do pensamento e do gesto. O corpo se torna água, é sensível e flexível, como a música. A maneira que visualizamos o elemento, dentro ou fora do nosso corpo influencia nesse contato com a emoção que pode ser definido como o momento em que alguém sente a emoção chegando, aflorando a sensibilidade, provocando a alteração do seu estado interno, esse momento é a água. Que chega como uma profunda tristeza, se for uma emoção forte, ou como um leve carinho.

Já uma música terra apresenta estabilidade tônica, uma harmonia simples e minimalista, além de um controle rítmico preciso. Sua estrutura evoca equilíbrio, centralidade, peso e poder. Esse elemento nos permite desenvolver uma força capaz de ativar-nos verticalmente, de um

extremo ao outro. Na música terra, encontramos a nossa base, nosso papel em branco, a partir do qual criar conflitos e conduzimos o corpo a um estado que busca manter esse controle. Sua energia é palpável e terrena, acontece de forma visceral e instintiva. Podemos sentir cada instrumento que possa surgir na melodia. Quando temos na base da música, além do elemento terra a entrada dos outros 3 elementos (água, ar, fogo) de uma forma harmônica, com um balanço perfeito, ela emana paz, autoestima, poder. Através de movimentos precisos e consistentes. Por outro lado, se trabalhado fora dessa harmonia, com músicas que exploram a terra seca, por exemplo, trabalha o aprisionamento, investigando o medo.

O fogo é o elemento que irradia cores quentes e vibrantes, onde temos distintas dinâmicas. Que pode iniciar como uma pequena brasa, que traz o calor, que começa a acender o desejo de algo ou alguém, despertando o carinho, o querer, a vontade. Já nas dinâmicas mais intensas, ele estimula a paixão, a raiva, os desejos físicos, a dor, a alegria, o amor. São os instrumentos de cordas, que despertam esse estado, com harmonias carregadas de muitas tensões.

A fim de tornar mais clara essa explicação, incluo um compilado de vídeos do grupo de extensão, formado por alunos egressos da escola, em pesquisa nos elementos:

QRcodes 4 - Pesquisa no MUSA - elementos da natureza (2022)



Cada elemento traz consigo uma paleta única de sensações e estados emocionais. Eles tanto podem ser explorados de forma individual ou combinados, criando um rico universo de expressão. Quando nos entregamos à música, mergulhamos em nosso estado mais íntimo, nos conectando com nossa essência, a música nos convida a explorar nossos próprios limites emocionais, nos transporta para mundos desconhecidos através da fantasia e imaginação.

A pesquisa com os elementos pode ser adaptada para diferentes faixas etárias, considerando a condução e as percepções específicas de cada grupo. Aqui estão alguns exemplos de exercícios com vídeos e fotos dos alunos em pesquisa:

Elemento água - Exercício da bexiga:

Figura 19 - Alunas: Isabella, Alice, Estela e Rebecca. Pré 2



Fonte: Arquivo pessoal

Em pé, um de frente para o outro, os participantes se revezam. Um começa com os olhos fechados, concentrando-se na respiração e nas sensações provocadas pela bexiga em contato com o seu corpo, enquanto o outro passa com a bexiga pelo corpo do colega, sendo conduzido pela música que está tocando. Cada movimento é orquestrado pela música. Na segunda fase, a dupla coloca a bexiga entre os corpos e, sem um condutor específico, movimentam-se em sintonia com a música, explorando sensações e movimentos. Esse exercício treina sensibilidade, escuta e entrega, despertando sensações através do toque da bexiga e da música. Nesse compilado de vídeos temos o exercício na sua forma mais primária com os alunos das série iniciais e sua evolução com os alunos do grupo de extensão:

QRcodes 5 - Pesquisa no MUSA - Exercício da bexiga (2019/2022)



Elemento terra - Exercício Cochi:

Figura 20 - Alunos do Fundamental 1



Fonte: Tauã de Lorena

Este exercício visa à estabilidade, à canalização da energia na região central do corpo e o controle dessa distribuição até as extremidades, promovendo uma conscientização do corpo como um todo, vivenciando o momento presente. Realizado em dupla, com uma pessoa de costas e outra atrás, segurando no quadril da pessoa que está na frente, aplicando uma pressão oposta ao fluxo do caminhar, o exercício é acompanhado por uma música relacionada ao elemento terra. O ritmo é lento e controlado, permitindo que cada movimento seja percebido, ativando o tônus muscular, a consciência corporal e a presença cênica.

Exercício da corda:

Figura 21 - Alunas: Rayssa e Vistoria. Fundamental 1



Fonte: Arquivo pessoal.

Tendo o mesmo princípio do exercício do cochi, porém sem uma música que guia, aqui nos atemos somente ao elemento terra, que nos trás essa consciência corporal ampliada, o tônus, a precisão e objetividade dos gestos e movimentos. Em um golpe certo, como um animal pronto para atacar sua presa, o aluno precisa pegar a corda, com um movimento preciso, objetivo, que vem acompanhado de um som, ao mesmo tempo que o outro a defende, também com essa mesma qualidade de gestos. Em um segundo momento, no lugar de um simples som, incluímos um texto, a palavra precisa estar ajustada ao gesto, como podemos ver nesse vídeo com os alunos do grupo de extensão, trabalhando diálogos:

QRcodes 6 - Pesquisa no MUSA - Exercício da corda (2019/2021)



Elemento fogo - exercício da torção:

Figura 22 - Fundamental 2 e Ensino médio



Fonte: Acervo pessoal.

No centro dessa roda, a professora conduz e ao seu comando, os alunos exploram posturas corporais torcidas. Essas posições geram um fluxo de movimentos. A partir delas criasse uma sequência partiturada. Repetindo essa partitura corporal, os alunos despertam para

o sabor da ação. A música permeia cada gesto. Ela cria um estado psicofísico, uma fusão entre mente e corpo. Quando a partitura já está memorizada, os alunos ficam livres pelo espaço e exploram a partitura à sua maneira, podendo ser introduzido nela um texto que precisa se entrelaçar na partitura corporal. A mesma ação, o mesmo texto, pode adquirir outras intenções, emoções e energias, dependendo da música que a acompanha. É como se cada acorde abrisse uma porta para um significado diferente. No vídeo temos o grupo de extensão em três fases: A primeira fazendo a pesquisa dos movimentos e na segunda experimentando a partitura criada junto com o texto no elemento fogo e como variação no elemento água, que melhor se encaixava para na proposta da cena:

QRcodes 7 - Pesquisa no MUSA - Exercício da Torção (2019/2024)



Elemento ar - Corpo ativo e passivo:

Figura 23 - Elemento ar - Corpo ativo e passivo



Fonte: Acervo pessoal.

Com a turma separada em dois grupos (coros), neste caso, 3 alunos eram o ar ativo, que em sintonia com a música do mesmo elemento, provoca os movimentos na outra metade do grupo, que são como folhas de árvores, que reagem corporalmente ao estímulo dos demais colegas, posteriormente inverte as funções para que ambos os grupos percebam a diferença

entre ser, junto a música o provocador de ações, agindo ativamente nessa condução ou se colocando nesse lugar da passividade, aguçando a sensibilidade para reagir aos estímulos externos. É um exercício que trabalha as dinâmicas, as mudanças da música, explorando o ar suave, o vento forte, desenvolve a leveza, a sensibilidade e a fragilidade, está ligado a respiração. Demonstração do início dessa pesquisa nesse vídeo:

QRcodes 8 - Pesquisa no MUSA - Exercício ar ativo/passivo (2024)



Para ter acesso a explicação detalhada dos jogos que usamos na metodologia, recomendo a leitura da minha pesquisa anterior "MUSA: A Contribuição do método MUSA (System of Acting) na educação escolar¹⁵" (Oliveira, 2010, p. 78).

Essa pesquisa com as músicas dos elementos se assemelha a outra metodologia que acabou fazendo parte do nosso arsenal para desenvolver uma maior consciência sobre as emoções: O rasaboxes, metodologia que começou a ser desenvolvida nos anos 60, pelo professor estadunidense, Richard Schechner, com conceitos que integram: "o atletismo afetivo de Antonin Artaud, o estudo da neurobiologia e a teoria das *rasas* do texto sagrado indiano "Natyasastra" (Achcar, 2016, p. 2).

O professor Jorran Souza era um dos atores que desenvolvia a pesquisa com o diretor teatral, Rodrigo Viegas Martins¹⁶, com o qual também tive o prazer de ser dirigida e introduzida na pesquisa, o que nos possibilitou levarmos essa abordagem para a nossa sala de aula. Entendendo o rasaboxes como mais uma ferramenta que possibilita a relação psicofísica¹⁷ entre o corpo e emoção, dentro e fora, onde através do treinamento físico com as caixas, pode-se chegar a uma experiência visceral e uma maior consciência sobre o fator emocional. Segundo a definição de Júlia Sarmiento:

¹⁵ Link da pesquisa, disponível na "Introdução: Navegando em Mares desconhecidos".

¹⁶ Mestre pela Faculdade de letras na Universidade de Lisboa - Portugal, com dissertação que discute *O Rasaboxes na criação cênica: um exercício em torno de um conto de Mia Couto*.

<https://www.lettras.ulisboa.pt/pt/agenda/mestrado-em-estudos-de-teatro-14>

¹⁷ [...] um jogo estritamente psico-físico, ou seja, sua prática e preceitos que se afastam completamente da lógica psicológica de atuação" (Martins, 2019, p. 18).

O Rasaboxes é uma dinâmica lúdica de treinamento físico para atores/performers praticada num tabuleiro, ou seja, num quadrado riscado no chão, dividido em nove boxes, nomeados com nove rasas, ou sabores, em sânscrito. O jogador deve experimentar cada rasa, colocando-a corporalmente no espaço. Sempre que mudar de box, o jogador deve mudar imediatamente seu estado corporal. As rasas são: Bibhasta/nojo, Sringara/amor, Bhayanaka/medo, Hasya/riso, Adbhuta/ surpresa, Vira/coragem, Karuna/tristeza, Raudra/raiva e Shanta/paz. (Sarmiento, 2015, s.n).

Vimos nessa abordagem junto ao *Rasaboxes*, uma importante ferramenta para ampliar esse entendimento uma vez que, tanto o MUSA quanto o *Rasaboxes* têm no seu cerne a pesquisa nas emoções, uma fazendo uso de músicas, outra de rasas (caixas) para ativá-las, então porque não cruzar essas informações e investigar como elas podem dialogar para esse objetivo de desenvolver a educação emocional, ampliando assim o leque de possibilidades dos alunos, vivenciando diferentes experiências e forma de aprendizagem?

Chegamos então às metodologias que se entrelaçaram, da mesma forma que Sotiris se valeu de músicos, filósofos e pesquisadores teatrais clássicos, ancestrais e europeus, quando o método entra em uma sala de aula no Brasil, cuja sua pesquisadora é uma brasileira, nele acaba sendo atribuído conceitos do educador Paulo Freire, do diretor teatral Augusto Boal, do professor Richard Schechner e da diretora pedagoga Viola Spolin. Mais recentemente, os estudos no mestrado profissional têm me apresentado mais valiosas fontes e pensadores. Acompanhada por essas referências e colocando-as em diálogo com a abordagem das emoções, o meu desejo aqui é refletir sobre o desenvolvimento de meu processo de ensino. Reafirmando que a metodologia, por mais que já esteja consolidada, a cada novo contexto acaba sofrendo as influências dessa diversidade de encontros, segmentos e objetivos, entendendo que enquanto professoras, pesquisadoras estamos em constante aprendizado, concordando com Paulo Freire (1996, p. 15) quando diz que: "Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino".

3 DESVENDANDO O ENIGMA

A partir de agora faremos um recorte temporal, ano de 2019, onde a sala de aula virou um grande laboratório de pesquisa prática das emoções e debates. Na imagem abaixo, nas duas fotos superiores os alunos estão participando do jogo das emoções opostas e nas duas fotos inferiores eles estão fazendo o paredão das emoções.

Figura 24 - Alunos do Fundamental 1, 2 e EM no paredão das emoções



Fonte: Arquivo pessoal e Tauã de Lorena.

Ainda mexida pelo trabalho desenvolvido com os alunos sobre o *bullying* no ano anterior, acreditando que existe uma grande lacuna no nosso aprendizado no que tange o nosso desenvolvimento emocional, me deparo com a seguinte frase da escritora e ilustradora barcelonês, Anna Llenas (2015): “Durante toda nossa vida nos ensinaram a pensar, a andar, a decidir, mas nunca nos ensinaram a sentir”. A citação vai ao encontro de tudo o que eu já vinha pensando, precisamos aprender a sentir, precisamos entender nossas emoções e sentimentos.

Entendemos a emoção como um conjunto de ações que gerenciam alterações fisiológicas no nosso organismo, já o sentimento é o que acontece a partir da percepção da emoção e pode vir acompanhado de juízo de valor, como fatores culturais e familiares, normalmente baseados na moral. Fernando Becker, professor de psicologia da Educação, em seu artigo sobre "Jean Piaget e António Damásio: Ensaio de aproximação", nos traz a definição de emoção e sentimento, através da abordagem do neurocientista António Damásio:

Emoção é um programa de ações, um concerto de ações; acontece com ações que se sucedem dentro do corpo, envolvendo músculos, coração, pulmões, reações endócrinas, etc. Enquanto que sentimento é a experiência mental daquilo que está acontecendo com o corpo, é o mundo que se segue às

emoções. Emoção pode ser observada – rosto, gestos, movimentos do corpo; sentimento não, porque ocorre na mente. Emoção é comportamental, sentimento é mental. Emoções é um sistema de reações inatas, desencadeado por um determinado processo que se percebe que depois acontece dentro do corpo. Nossa vida e nossa organização social é um reflexo extraordinariamente importante da nossa organização básica afetiva. A razão pela qual temos uma sociedade organizada da forma que temos, o que acontece em matéria de organização da moralidade, justiça, economia, política, das artes e humanidades tem influência extraordinariamente grande na vida dos afetos. (Damásio Apud Becker, 2014, p. 71).

Como retrata Damásio, as emoções são estados físicos, gerados pelas respostas do corpo a estímulos externos, ao mundo exterior, os sentimentos habitam o universo da mente, do nosso interior, refletem como nos sentimos em relação a essas emoções, surgem quando o cérebro interpreta as emoções. Imagine um dia ensolarado: o calor do sol acaricia sua pele, e você sente uma sensação de bem-estar. Essa é uma emoção. Agora, seu cérebro entra em "cena", traduzindo essa sensação em algo mais complexo: um sentimento de contentamento, alegria, calma ou encantamento. Em suma, a emoção é esse "impulso" primeiro, que nos afeta individualmente, assim como todos que estão à nossa volta. Faz parte da nossa organização social, da forma como nos relacionamos, portanto acreditamos que, enquanto escola, que contribui para a formação do indivíduo, precisamos pensar na educação emocional e oferecer as ferramentas para que os alunos possam entender esses conceitos na prática, e assim aprenderem a geri-los, a partir das suas vivências, das suas experiências, concordando que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. (Bondía, p. 21).

Desde crianças ouvimos que devemos saber controlar nossas emoções, que não podemos ter raiva, que medo só existe para pessoas fracas, que a tristeza é sinônimo de doença e que até para expressar alegria, tem tempo e lugar certo. Porém não basta falar, é fundamental oferecer ferramentas para que se possa desenvolver esse entendimento, e assim, conseguir colocar em prática, o que nos é cobrado sem preparo. Precisamos ter um lugar onde nossas emoções sejam bem vindas, sejam experimentadas, entendidas e direcionadas. Acreditando que “Assim, a educação também se expressa como ato amoroso, uma inscrição afetuosa e solidária que sente

e vibra no tom da partilha, reconhece o dom da vida como evento cíclico e ecológico e, por isso se envolve ao invés de se desenvolver” (Rufino, 2021, p. 35).

Me percebi desenvolvendo uma metodologia, onde o princípio básico é o trabalho das emoções, e a arte teatral, onde as personagens e histórias tratam de emoções, agora era formular esse entendimento e colocá-lo em prática, possibilitando assim, oferecer um lugar onde os alunos pudessem experienciar suas emoções. Acredito que se aprendermos a geri-las, teremos a possibilidade de um impacto real positivo, na vida dos alunos e na comunidade a sua volta, e o teatro, aliado a essa pesquisa pode ser uma ferramenta ainda mais potente para a transformação do ser humano, consciente de suas diversas competências e habilidades, sendo sujeitos de sua própria história, concordando que: "O que nos interessa é a vida, com suas múltiplas sensibilidades e formas de expressão" (Duarte Jr, 2006, p. 22).

Foram dois semestres de pesquisa. No início de fevereiro, eu, como coordenadora da escola de teatro, iniciei as reuniões de planejamento pedagógico junto aos outros dois professores da Cia, Jorran Souza e Tauã de Lorena, que dividiram as aulas comigo.

Esse momento de preparação foi de fundamental importância para que eu pudesse, junto aos meus colegas, direcionar o trabalho que seria realizado durante o ano, para que todos estivessem em sintonia, para desenvolver as propostas das aulas, visando o mesmo objetivo, trabalhar a educação emocional. Como o teatro está na grade extracurricular, temos a liberdade de criar o nosso próprio planejamento a partir das demandas que achamos importante desenvolver naquele ano, considerando o contexto real do curso, da escola e dos alunos, Melo e Urbanetz nos explica que:

...o planejamento implica, para além do desejo, uma ação sistemática do que se pretende. E a realidade é o primeiro aspecto a ser considerado quando se planeja... já que a articulação entre a realidade e o que se pretende com a disciplina ou curso é fundamental para o processo pedagógico. (Melo; Urbanetz, 2012, p. 75).

Esse planejamento nos serviu de guia, mas como era uma pesquisa desconhecida para nós, no decorrer do processo fomos percebendo a necessidade de adaptações de jogos e metodologias, aceitando que: "o caminho se faz caminhando, porém de que sem a clareza do objetivo que se quer atingir não se chega a lugar algum" (Melo; Urbanetz, 2012, p. 76).

Começamos o ano letivo, com os alunos no dia 18 de fevereiro, cada segmento teve 2 encontros de 1h cada, divididos em duas semanas, para experimentar as aulas e depois desse processo, selecionamos os alunos que gostariam de participar.

No mês de março já tínhamos a definição dos alunos que participariam das aulas, estabelecendo assim a quantidade de alunos por turma:

Tabela 1 – Quantidade de alunos por segmento

Segmento	Quantidade de alunos por turma	Carga horária	Total de Alunos
Educação infantil (pré 1 e pré 2) divididos em 4 grupos	média 13 alunos por grupo	0:30 min. por grupo	52 alunos
Fundamental I (1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano)	média 15 alunos por turma	1h. por turma	83 alunos
Fundamental II (6ª, 7ª e 8ª série)	18 alunos	1h. por turma	
Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano)	17 alunos	1h. por turma	
Todos os segmentos	—	9h semanais	170 alunos

Fonte: Acervo pessoal.

Essa divisão das turmas para as aulas, contribui muito para que possamos ter um olhar mais cuidadoso para cada um, uma vez que as turmas têm no máximo 18 alunos e as aulas são ministradas por 2 professores em conjunto, mas em época de ensaio de peça, é muito difícil, principalmente quando todos, por mais que divididos por núcleos, compõem o mesmo espetáculo, precisando em algum momento, ensaiar juntos.

Foram 8 meses trabalhando com esses grupos de faixas etárias distintas, em busca de desvendar esse grande enigma: Como investigar as emoções, a partir de situações do cotidiano do aluno, de uma maneira lúdica, mas que proporcione a assimilação dessas emoções para a sua vida real, seu entendimento e sua possível organização? A partir desta questão surgia outra, que me deixava insegura e com receios. Estaria eu, uma professora de teatro, apta para investigar o comportamento humano, por um viés que até então parecia ser somente do campo da psicologia ou terapêutico? Não sabia, mas estava disposta a correr os riscos em prol de, junto com meus alunos, desvendarmos os benefícios dessa forma de pensar o teatro, aceitando que: "É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo" (Freire, 2022, p. 36).

Para isso me vali das qualidades do nosso método MUSA, que por ter essa perspectiva libertadora, também acaba sendo terapêutico:

O que se pede na primeira fase do método, na união com a música, na investigação dos impulsos e do estado psicofísico que cada música nos apresenta, é dar ao praticante um espaço livre e seguro para degustar sensações e emoções. A expressão de tudo isso através do corpo e da voz, como é solicitado que aconteça profunda e sinceramente, fornece um campo único de relaxamento e liberação que funciona terapêuticamente, e é por isso que o método também é popular entre os dramaterapeutas, musicoterapeutas e terapeutas de dança e movimento, que tenham treinado nele. Esta propriedade confere ainda prioridade à utilização do método MUSA, face a outros métodos de exercício, em ambientes infantis e adolescentes, como a escola, por ser também um local de descontração e reorientação de energias e emoções num contexto seguro e criativo. (Entrevista com Karamesinis, maio, 2023).

Quatro anos depois, enquanto faço essa pesquisa de mestrado, começo a encontrar alguns pesquisadores teatrais que vem para respaldar cada vez mais esse experimento que estava fazendo.

Para Jean Paul Ryngaert (2009, p. 42): [...] o formador não é terapeuta. No entanto, ele não exclui as funções terapêuticas do jogo e ainda:

Nunca devemos esquecer que jogar é uma terapia em si. Fazer o necessário para as crianças serem capazes de jogar é uma psicoterapia com aplicação imediata e universal; ela comporta o estabelecimento de uma atitude social positiva em relação ao jogo. (Ryngaert, 2009, p. 35).

Além da sua busca, por desenvolver em sua didática de ensino, um processo em que esse instinto primeiro, o sensível e o intuitivo, são levados em consideração: "Tomar consciência do papel do inconsciente e do sensível na relação do indivíduo com o mundo" é o "projeto ao mesmo tempo ousado e sutil que move Ryngaert" (Pupo, 2009, p. 15).

Encontro assim, mais alguém que me dá suporte e me encoraja a me aprofundar nessa pesquisa, que vai ao encontro do já citado aqui, inúmeras vezes, Duarte: "A sensibilidade que funda nossa vida consiste num complexo tecido de percepções e jamais deve ser desprezada em nome de um suposto conhecimento "verdadeiro" (Duarte Jr, 2006, p. 22). Porém, nesta pesquisa, o olhar intuitivo e o sensível, é direcionado para o desenvolvimento da educação emocional. Além do psicólogo russo Vygotsky, que vê a arte como uma forma de expressão e reelaboração emocional:

[...] revela o potencial da arte como um promissor instrumento psicológico por meio do qual o homem não somente é mobilizado afetivamente, mas pode tornar-se consciente de suas emoções e também resignificá-las, em um processo dinâmico de transformação qualitativa da própria realidade. (Vygotsky apud Faria, Dias, Camargo, 2019, s.n).

Para me auxiliar neste percurso, tive como pano de fundo a animação "Divertida
Mente¹⁸" da Disney e Pixar (2015), que posteriormente serviu de inspiração para a criação da
dramaturgia do nosso espetáculo, "No Ritmo do Coração", em anexo, escrito pela, Maria
Augusta Montera, integrante da Cia e o livro "O monstro das cores¹⁹", de Anna Llenas, que
serviu para introduzir e suscitar debates de uma forma lúdica, sobre essa temática com os
alunos.

Figura 25 - Contação da história "O Monstro das Cores", Anna Llenas, para os alunos do
fundamental 1



Fonte: Tauã de Lorena.

Os jogos teatrais que compuseram nossas aulas, tinham um direcionamento: introduzir
as emoções como um objeto de pesquisa. Primeiro aprendendo a identificá-las, acreditamos que
quando nomeamos uma emoção para as crianças, estamos aplicando a educação emocional.
Depois investigando quais situações que as despertam, como podemos lidar melhor com elas e
como nos conectarmos com a emoção do outro, entendendo que não existe emoção boa ou ruim,

¹⁸ Sinopse do filme: Crescer pode ser uma jornada turbulenta, e com Riley não é diferente. Conforme ela e suas
emoções, Alegria, Medo, Raiva, Nojinho e Tristeza se esforçam para adaptar-se à uma nova vida, uma enorme
agitação toma conta do centro do controle em sua mente. Embora Alegria, a principal e mais importante emoção
de Riley, tente se manter positiva, as emoções entram em conflitos, às vezes muito divertidos, sobre qual a melhor
maneira de viver em uma nova cidade, casa e escola".

¹⁹ Sinopse do livro: "O monstro das cores não sabe o que se passa com ele. Fez uma bagunça com suas emoções
e agora precisa desembolar tudo. Será capaz de pôr em ordem a alegria, a tristeza, a raiva, o medo e a calma?".

mas sim, a falta de entendimento sobre elas e a consciência de como lidarmos. Para desvendarmos o enigma e seguirmos na direção do tesouro, trazemos 4 pistas de como organizo esse processo dentro da pesquisa em sala de aula, mas é importante pensar, e trabalhar, todos esses elementos de forma aberta, e não como algo que precisa ser seguido com exatidão, dentro da pesquisa em sala de aula, com alunos das mais variadas faixas etárias, em muitos momentos esses passos se fundem, afinal o trabalho com as emoções não segue uma matemática exata, onde podemos simplesmente separar as quatro operações aritméticas básicas: adição, subtração, multiplicação e divisão. Optamos por essa estrutura na escrita para tornar mais claro o processo metodológico aplicado.

3.1 1º Pista: Aprenda a nomear as emoções

É muito comum, principalmente na infância, não conseguirmos nomear o que sentimos. Por isso, entendemos que esse é o primeiro passo para desenvolver essa consciência emocional: Abordar as emoções de forma consciente, permitindo que os alunos as identifiquem. Para isso, nos valemos de alguns jogos teatrais de Viola Spolin e Augusto Boal, que julgamos serem de extrema importância, quando se pensa o teatro como uma prática pedagógica, por terem abordagens comprometidas com a formação do indivíduo, que desenvolvem esse olhar direcionado para a compreensão de si mesmo, além de serem ótimos indutores para desenvolver as habilidades teatrais. Alguns exemplos de jogos:

Paredão das emoções: A ideia desse jogo é corporificar a emoção. Uma emoção é falada e em questão de segundos, os alunos que estão de costas, se viram nela, mostram a emoção de forma bem exagerada, explorando a sensação física dela. Buscando envolver todo o corpo na imagem que eles acreditam expressar a emoção, prestando atenção nas partes do corpo que são acionadas para representar cada uma especificamente. Aprendendo assim a nomeá-las e identificá-las através do corpo. Nessas imagens eles trabalhavam o medo.

Figura 26 - Alunos do 1º ano, trabalhando a emoção do medo



Fonte: Tauã de Lorena.

Emoções opostas: Em duplas elas improvisam uma pequena cena e constroem uma imagem com emoções opostas, que as sintetizam.

Figura 27 - Alunas: Alice e Ana Alice, trabalham a emoção da raiva e da alegria



Fonte: Tauã de Lorena.

A escultura: Neste jogo o escultor precisa materializar o que seria para ele uma emoção no corpo do outro. Tivemos relatos onde alguns alunos do fundamental 2, que não conseguiam manipular o corpo do seu colega, porque não sabiam como era determinada emoção fisicamente, nem conseguiam identificá-la em si.

Figura 28 - Alunos: Davi e Ive. 2º ano



Fonte: Arquivo pessoal.

A máquina: Em roda, um aluno vai ao meio e começa a fazer um movimento com som, a partir do tema proposto, que para esse fim, são as emoções primárias, como amor, raiva, medo, tristeza e nojo, os demais alunos a partir da observação do gesto do primeiro, entram gradativamente e se encaixando nessa engrenagem com um movimento e som que compõe essa grande máquina. Segue um vídeo do exercício acontecendo:

Figura 29 - Alunos Fundamental 2 e EM



Fonte: Arquivo pessoal

QRcodes 9 - Exercício da máquina das emoções (2019)



Ressignificação de objeto: A dupla escolheu um objeto, que no decorrer de um improviso, se transformou em outros três. Neste caso, o guarda-chuva foi transformado em um telescópio, trabalhando o encantamento ao ver a lua de perto.

Figura 30 - Alunos: Diogo e Júlia



Fonte: Arquivo pessoal.

São vários os jogos explorados neste primeiro momento, experimentamos diferentes abordagens, porém sempre com esse mesmo objetivo, apresentar as emoções de uma forma que os alunos pudessem melhor identificá-las e nomeá-las.

3.2 2º Pista: Investigue as situações que despertam as emoções

Para nos auxiliar nesta investigação, contamos com o recurso dos “potes das emoções”, do livro "O Monstro das cores", confeccionamos e espalhamos 5 potes pela escola, nos atendo as 5 emoções que constam no livro, seguindo suas respectivas cores de referência: Tristeza -

Azul; Raiva - Vermelho; Nojo - Verde; Alegria - Amarelo; Medo - Roxo, neste caso, optamos em seguir a cor escolhida no filme "Divertidamente".

Figura 31 - Potes espalhados pela escola



Fonte: Arquivo pessoal.

Com os potes das emoções, vários alunos da escola, que não faziam teatro, tiveram a oportunidade de interagir com as nossas aulas, além de incluirmos funcionários e familiares, uma vez que qualquer pessoa, poderia escrever um depoimento, sobre o que, para eles, causava cada emoção, abrindo assim uma outra frente de diálogo mais abrangente, transformando as aulas de teatro em uma atividade ainda mais coletiva e colaborativa, envolvendo a escola inteira. Embora as emoções sejam experiências individuais, seu impacto é significativo no coletivo, mensurar suas causas nessa amplitude, nos ajuda a ter uma visão mais profunda das questões sociais que afetam essa comunidade escolar e seu entorno. Quando compreendemos nossas emoções, tornamo-nos mais empáticos e capazes de entender as emoções dos outros, atitude fundamental que reverbera na forma como nos relacionamos.

Figura 32 - Funcionária escrevendo seu depoimento



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 33 - Aluno Mateus, do fundamental 1, deixando seu depoimento



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 34 - Alunas Júlia e Lídia do Ensino Médio, deixando seus depoimentos



Fonte: Acervo pessoal

Figura 35 - Professora Cheila com o material recolhido



Fonte: Acervo pessoal.

Sobre essa dinâmica dos potes, Alessandra Almeida, coordenadora das atividades extracurriculares, nos fala sobre a importância desse trabalho:

Os potes são bons, porque não são assuntos que eles naturalmente trazem, e você conseguiu isso, só pensando diferente, trazendo algo diferente, acho que tinha que ser trabalhado sempre, acho importante. É um momento de parar para ouvir os alunos, tem muitos casos de depressão, de solidão, eles não recebem muito afeto, é diferente de ter uma família estruturada. Esse trabalho que você fez e continua fazendo, vai justamente ajudá-los a entender o que acontece neles, o que eles sentem, questões tantas que trazem de casa, tantas

coisas tão sérias. (Depoimento pessoal a autora, no dia 04 setembro 2023 no Solar Meninos de Luz).

Sem muita ideia da proporção que essa dinâmica iria tomar, podemos constatar que essa abordagem foi uma oportunidade para os alunos se expressarem sobre questões que talvez não se sentissem à vontade para discutir abertamente, que permitiu aos alunos trazerem suas emoções e preocupações de uma maneira em que eles se sentirão seguros.

Paralelamente a esse processo dos “potes das emoções”, conduzimos investigações dentro da sala de aula por meio de jogos teatrais. Através de improvisos e da ludicidade começamos a fazer os paralelos entre vida real e fantasia, mantendo como recurso os potes das emoções, do livro "Monstro das Cores", com tecidos coloridos dentro, que simbolizavam uma emoção.

Nesses improvisos, eles precisavam estabelecer: "Quem, O Quê e Onde", estrutura da metodologia de Viola Spolin, que usa da seguinte definição: "Quem (Personagem e/ou Relacionamento), O Quê (Ação de Cena/Atividade) Onde (Cenário e/ou Ambiente)". (Spolin, 2014, p. 48).

No nosso caso, "o que", precisava ser relacionado a uma emoção, que era definida pela plateia/alunos. Após os improvisos, em conjunto, (alunos/atores, alunos/platéia e professores) fazíamos uma avaliação crítica sobre as cenas. Concordando que: "A avaliação é uma parte importante do processo e é vital para a compreensão do problema tanto para o jogador como para a plateia" (Spolin, 2015, p. 25).

Além de nos oportunizar conversas mais profundas, sobre algumas cenas, que julgamos importante proporcionar o debate, como essas das duas primeiras imagens, onde a tristeza aparece em turmas diferentes, como a perda de um familiar, em confronto no morro.

Na primeira imagem, "Quem" são 2 irmãos, "O Quê" é um confronto no morro, e a emoção pesquisada é a tristeza, através do pote/tecido azul e o "Onde" é um lugar perto de casa. Dois irmãos jogam bola no campinho da comunidade, a polícia sobe, começa a troca de tiros e uma bala perdida atinge um dos irmãos.

Figura 36 - Alunos: Wanderson e Matheus Hilário



Fonte: Acervo pessoal.

Na segunda imagem temos o "Quem" como uma família, composta por uma mãe e duas filhas, "O Quê" é um confronto no morro, a emoção pesquisada é a tristeza, através do pote/tecido azul e o "Onde" é a rua. Na imagem temos a cena de uma mãe que estava voltando para casa do trabalho, e acaba sendo vítima de bala perdida em um confronto no morro, e suas filhas, duas crianças, a encontraram morta na rua.

Figura 37 - Alunas: Maryna, Lara e Catarina



Fonte: Acervo pessoal.

Esses temas: confronto no morro, bala perdida, perda de familiares por conta da violência, mãe solo, são comuns entre eles, por ser uma triste realidade que assola essa, entre tantas outras comunidades.

Esse tipo de processo tende a ter um desenvolvimento quase terapêutico, no sentido de ampliar as possibilidades de compreensão das situações envolvidas, principalmente por partirem de histórias pessoais, que expressam a realidade de muitos desses alunos. Como nos diz hooks, os alunos não nos veem como seus terapeutas, mas precisam ter suas experiências relacionadas com o seu aprendizado.

[...] Às vezes entro numa sala abarrotada de alunos que se sentem terrivelmente feridos na psique (muitos fazem terapia), mas não penso que eles queiram que eu seja a sua terapeuta. Querem, isto sim, uma educação que cure seu espírito desinformado e ignorante. Querem um conhecimento significativo. Esperam, com toda razão, que eu e meus colegas não lhes ofereçamos informações sem tratar também da ligação entre o que eles estão aprendendo e sua experiência global de vida. (hooks, 2017, p. 33).

Porém vários foram os momentos em que eu me questionava sobre o caminho que essa abordagem estava seguindo. Estaria eu preparada para lidar com questões tão profundas? Mas como ignorar o desejo, consciente ou não, dos alunos expressarem o que sentem, sobre temas que os cercam, que fazem parte da construção de quem eles são? Como sufocar suas emoções, seus anseios? Que tipo de professora eu seria se não desse esse espaço para os alunos?

Deixo com vocês um trecho da conversa com Raquel Maia²⁰, responsável pelo setor de comunicação de escola que acompanhou de perto esse processo e que me conforta, sobre o caminho que segui:

Uma coisa que eu adorei desse trabalho e que eu comecei a ver só em fotografia, mas que depois a gente viu os vídeos, foi o trabalho que foi feito. Que assim, quando você pensa em teatro escolar, às vezes a galera não usa para o propósito que é, usam para fazer uma "pecinha" para agradar os pais. E quando eu vi esse trabalho, eu disse: é muito mais do que uma aulinha, você está trabalhando a criança, sabe, é a união. Tem ali uma coisa pedagógica, eu acredito muito, ainda mais aqui numa vivência de comunidade, onde as crianças já moram em lugares pequenos, com famílias volumosas, e nem sempre das mais felizes, sempre as pessoas falando gritando, elas não têm voz, são crianças que crescem ali, abafadas, igual a parábola do semeador²¹, que são as que estão no espinho, não é? E aí vem o teatro usado dessa forma. Nesse trabalho eu vi o teatro sendo usado para dar voz a essas crianças, trabalhar as emoções nas crianças que às vezes são obrigadas a sufocar os seus sentimentos. Você usa o teatro como uma forma de liberação das suas emoções, você se expressa pelo corpo, pela voz e ali de uma forma tão natural. É como se fosse uma válvula de escape, porque essas crianças vivem em forma

²⁰Depoimento pessoal dado à autora, no dia 04 de setembro de 2023, no Solar Meninos de Luz.

²¹https://www.bibliaon.com/a_parabola_do_semeador_explicacao_significado/#:~:text=A%20Parábola%20do%20Semeador%20é,Jesus%20acerca%20do%20seu%20significado.

de panela de pressão. Foi onde eu vi que esse trabalho não era pra fazer os outros assistirem, fazer uma coisa bonita pros outros assistirem, você estava realmente pensando nas crianças. (Raquel Depoimento pessoal, concedido a autora, 2023).

Acredito que a educação, seja ela a partir do viés que for, precisa ter o lugar do afeto, da empatia, do cuidado mútuo com o aluno. Tão importante quanto, ensinar os "conteúdos obrigatórios", é ver o aluno, o que ele precisa naquele momento, é levar em conta o seu interesse, segundo bell hooks:

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informações, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo. (hooks, 2017, p. 25).

Luiz Rufino, endossa a afirmação de hooks:

A educação não é conformadora, ela é uma força errante, que nega a certeza, instaura dúvida, avança nas perguntas e persegue o seu fazer como prática de liberdade. A educação como radical da vida, como experiência corporificada do ser e de suas práticas de saber é comum a todos. Ela nos marca como seres únicos, de vivências intransferíveis, e mensuráveis e que tem como característica existencial dar o tom do acabamento de cada um de nós pelas mãos dos outros e dos afetos roçados nas relações. A educação é uma esfera de autoconhecimento, responsabilidade, liberdade, esperança e cura. (Rufino, 2021, p. 11-12).

Pela educação ter essas esferas, e eu estar dentro de uma escola, vejo a necessidade de possibilitar um lugar onde as dores, preocupações e anseios dos alunos são vistas, ouvidas e discutidas. Pode ser que não acabemos com a violência, com as injustiças, mas oferecer um espaço onde através de uma personagem, de um improviso, possamos dialogar com os alunos, com o que os aflige, é semear um pouco de esperança, é caminhar em direção a uma educação emocional. Concordando que: "A educação não está para a salvação de nada e de ninguém, mas para a garantia da vivacidade das existências e suas inscrições no tempo" (Rufino, 2021, p. 15).

Nesta terceira imagem, "Quem" são duas amigas. "O Quê" brincando. Emoção: nojo, tecido verde. "Onde" no quarto. Nesta cena, duas crianças estão de férias, brincando no quarto de uma delas e começam a sentir um cheiro de coisa azeda, elas passam parte da cena procurando de onde vem o cheiro, até que encontram debaixo da cama, fechado em um pote, a roupa de *ballet* que ficou esquecida de quando ainda tinha aulas.

Figura 38 - Alunas: Rayssa e Maria Clara



Fonte: Acervo pessoal.

Junto a esses jogos de improviso, começamos a investigar as emoções através dos exercícios do MUSA, primeiramente com foco em aprender a ouvir a música em sua totalidade, através do corpo. A música provoca movimentos intuitivos e viscerais, que, por sua vez, trazem à tona as emoções e sensações que estão reprimidas. Como evidência Sotiris:

No caso do nosso método de trabalho, uma dimensão fundamental é a libertação das emoções e sua expressão por meio de ações físicas não verbais. Essa abordagem é um dos exercícios base do MUSA e tem efeitos terapêuticos e reconfortantes para as crianças. Além disso, nosso método conecta as crianças com a música, levando-as a aceitá-la de forma mais profunda do que apenas ouvir. Isso, por sua vez, as torna melhores ouvintes em geral, pois aumenta sua paciência e persistência. Um terceiro, e talvez o mais importante elemento do nosso método de trabalho, é a voz interior que impulsiona as crianças à ação. Essa voz é desencadeada pela conexão com a música, permitindo que as crianças aprendam a aceitar e reagir a dois estímulos simultaneamente. O estímulo externo da música dialoga com essa voz interior, que chama à ação, e a criança aprende esse diálogo, aprende a utilizá-lo a seu favor, com o objetivo da expressão artística. Assim, os resultados artísticos são autênticos, criados com sinceridade, pelas próprias crianças. É extremamente importante que elas aprendam que, seguindo um método de trabalho sistemático, metucioso e direcionado, vão progressivamente alcançando um resultado artístico que as recompensará. Para mim, esta é a lição mais importante que as crianças aprendem a trabalhar no teatro com nosso método, porque é uma lição que carregarão consigo por toda a vida. (Entrevista com Karamesinis, maio 2023).

Nem todo movimento é capaz de acessar os estados emocionais, para isso, utilizamos técnicas específicas. Por exemplo, o movimento precisa emanar do centro, do tronco, da coluna para o exterior. Inicialmente, pode ser desafiador, é um processo gradual e continuado, que vai se tornando mais fácil a partir da prática.

Temos aqui um vídeo, onde os alunos da 1ª série do fundamental 1, fazem sua pesquisa nos instrumentos isolados, a fim de tornar mais claro o instrumento predominante da música e a emoção que ela pode provocar:

QRcodes 10 - Pesquisa no MUSA - Instrumentos Isolados (2019)



Optamos por esse estilo de composição musical, para que os alunos possam concentrar melhor sua atenção. Músicas mais complexas são introduzidas quando eles já possuem maior experiência na metodologia e já conseguem prestar atenção em uma ampla variedade de instrumentos.

Ryngaert, em seu livro “Jogar, representar”, é bastante enfático sobre a importância de ouvir, de estar receptível ao outro, para que o jogo aconteça, como podemos constatar em suas próprias palavras:

A verdadeira escuta exige estar totalmente receptivo ao outro, mesmo quando não se olha para ele. Essa qualidade não se aplica somente ao teatro, mas é essencial ao jogo, uma vez que assegura a veracidade da retomada e do encadeamento. (Ryngaert, 2009, p. 56).

Em nosso trabalho, no primeiro momento, o outro é a música, e essa qualidade do ouvir vai além. Sotiris aponta que este estado de escuta do método, foi desenvolvido propositalmente para ter esse viés pedagógico, no sentido de escutar realmente, de aprender e valorizar a arte de ouvir:

Ouçã a música, antes de tudo, a outra pessoa, o ambiente e, claro, você mesmo. Cada momento que a música se desenrola, cada nota, cada pausa, cada instrumento novo que aparece, cada mudança rítmica, melódica ou harmônica, tudo é importante para ouvir, absorver, afetar, transformar em algo. Assim, o ator aprende a ouvir o que está acontecendo e a reagir ao mesmo tempo. A capacidade de ouvir com eficácia é do conhecimento de todos o quanto é fundamental na atuação, mas também na vida. Enquanto você ouve música e reage, você pratica ouvir a outra pessoa que está falando com você e, claro, você ouve o que está acontecendo dentro de você, ouve as vozes e os humores internos. (Entrevista com KaramesiniS, maio, 2023).

No vídeo percebemos que os alunos, estão dentro de espaços separados, delimitados por fita crepe, estratégia que incorporamos da pesquisa com o *Rasaboxes*, para delimitar o espaço

e organizar o trabalho. Essa foi uma maneira que encontramos para que eles pudessem se concentrar na sua pesquisa individual, para que ficassem focados somente no que esse estímulo sonoro provocaria em seus corpos. Deixando sem essa delimitação de espaço, eles acabavam sendo impulsionados pela música a correr e brincar, saindo do propósito específico da aula, virando uma grande bagunça. O que é natural, principalmente se levarmos em consideração o tamanho das casas onde moram e a configuração das escolas que na maior parte do tempo, são focadas em formatar o comportamento dos alunos, que ficam sentados, enfileirados, fechados dentro de uma sala com porta, janelas e grades, "O teatro, entretanto, precisa de um espaço aberto a experiências que envolvem o corpo, o movimento, os jogos" (Moraes, 2011, p. 48).

Um espaço onde eles possam transgredir essa educação engessada, padronizada, a dita educação tradicional²², onde os conteúdos são separados da experiência e realidade do aluno. Sobre isso Alessandra Almeida²³ nos apresenta sua perspectiva a partir do acompanhamento das atividades extracurriculares:

Ao longo desses anos acompanhado esse setor, eu vi desde alunos com dificuldade de controlar seu corpo, por serem muito agitados, que precisam colocar aquela energia pra fora, alunos com questão de timidez, com questões de socialização, em depressão, que tinham muita dificuldade em interagir, e é na atividade que ele consegue exercitar isso, sair desse lugar comum pra ele e se desenvolver, ter mais liberdade, ser ele mesmo.

Nas nossas aulas, buscamos ser esse lugar onde eles possam se desenvolver em diferentes dimensões: cognitiva, afetiva e social, priorizando o desenvolvimento pleno dos alunos, priorizando ser um espaço onde eles possam se expressar, dar vazão para os seus instintos primeiros, ponto este fundamental, principalmente se queremos deixar florescer, ou não podar, o nosso estado de criança, as nossas emoções primárias, sinceras, sem pré julgamentos, que encontram passagem por esse corpo aberto a atravessamentos, concordando com Strazzacappa:

O corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pela dança no espaço escolar, servir ou não de modelo, de uma forma ou de outra estamos educando corpos. Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é educação do corpo: a educação para o não-movimento - educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo o

²² Métodos - Baseiam-se na exposição verbal da matéria e/ou demonstração. [...] A ênfase nos exercícios, na repetição de conceitos ou fórmulas na memorização visa disciplinar a mente e formar hábitos. [...] sem levar em conta as características próprias de cada idade. A aprendizagem, assim, é receptiva e mecânica. (LIBÂNEO, 2014, p.24)

²³ Coordenadora das atividades extracurriculares em depoimento pessoal a autora, no dia 04 setembro 2023 no Solar Meninos de Luz.

que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando (Strazzacappa, 2001, p. 79 apud Moraes, 2011, p. 49).

Tim Prentki, também defende que: "Há um outro elemento vital faltando nas brincadeiras de criança que é organizado em seu nome: a licença para perder o controle, a experiência de um momento de loucura sem consequência social" (Prentki, 2011, p. 190).

Para estimularmos esse estado da experiência a partir do brincar, dessa liberdade, de explorar a "falta de controle", mas ainda assim aprofundando o trabalho, criamos algumas regras, como a delimitação do espaço, concordando com Spolin, sobre as soluções que precisamos criar para que alcancemos o objetivo do exercício:

A ingenuidade e a inventividade aparecem para solucionar quaisquer crises que o jogo apresente, pois está subentendido que durante o jogo o jogador é livre para alcançar seu objetivo de maneira que escolher. Desde que obedeça às regras do jogo (Spolin, 2015, p. 4).

Nem sempre ocorre essa entrega dos alunos, o primeiro contato com o método, indiferente da idade, pode ficar, no que para o nosso objetivo seria superficial, "dançar a música". Impulso esse natural, quando ouvimos uma música e pedimos para incluir o corpo, ou mesmo, em casos onde por vergonha ou falta de compreensão, o aluno não se sente à vontade para estar na pesquisa, uma vez que a condução é subjetiva, "seja a música".

Isso parece simples e compreensível, mas, ao mesmo tempo, quem não faz ideia do que isso significa e como se faz, não sabe por onde começar e para onde ir. Mas aquele que vai praticar o método, e vai ser treinado para se tornar um com a música, sabe que pode simplesmente, ao ouvir e deixar a música entrar nele e levá-lo a agir, ele pode criar algo único (Entrevista com Karamesinis, maio, 2023).

Concordando que: "Deve ser possível reservar a cada um o direito ao retraimento e ao silêncio, o direito a uma expressão mínima, patamares que levam à manifestação sem risco de julgamento ou de condenação" (Ryngaert, 2009, p. 46). Precisamos incluir esse aluno, gradativamente e alfabetizá-los na metodologia, para que ele possa se sentir à vontade e confiante, derrubando assim a armadura de defesa que provoca a vergonha, a inibição, para que ele possa adentrar realmente na pesquisa mais aprofundada e menos subjetiva, a partir do momento que ele se sinta seguro, que ali é um espaço sem julgamentos.

Explicar o processo, o que está sendo desenvolvido, mesmo na subjetividade ajuda o aluno a entender os objetivos da pesquisa e acompanhar a sua própria evolução. Isso demonstra a vontade de estar perto do aluno, olhar para ele. Desgranges reflete sobre isso:

(...) o planejamento dos exercícios segue, habitualmente, uma sequência linear, sensibilizando o aluno para um aspecto do discurso cênico que será especificamente explorado naquela sessão, o que deixa um claro rastro no

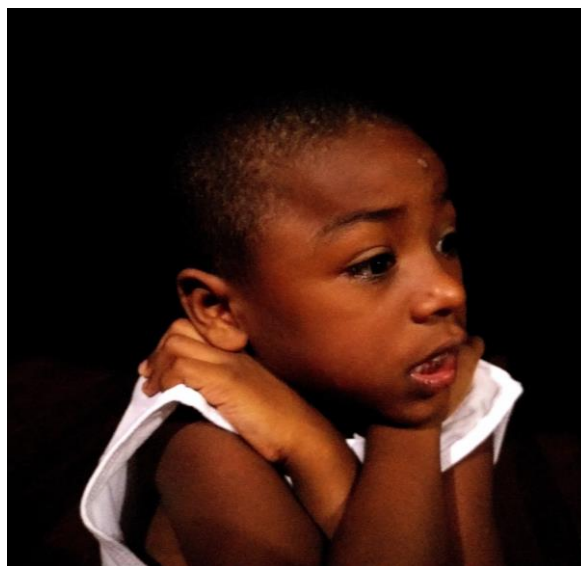
investigação empreendida, possibilitando que o grupo tenha noção do processo de aprendizagem, tanto naquele dia quanto na sequência das aulas (Desgranges, 2020, p. 103).

Depois de assimilada essa primeira fase, a pesquisa evolui para ser menos uma "dança livre", onde não é necessário traduzir em palavras nem ter plena consciência das emoções e de como lidar com elas, nessa fase os movimentos já não são mais tão soltos, eles tem mais tônus, são mais limpos. Começa-se a perceber uma entrega mais consciente do aluno para de fato receber a música e deixar que ela o mobilize, para que o exercício seja vivenciado verdadeiramente, e não ser só uma produção de movimentos, eles começam a evoluir para a triangulação mais conscientemente, onde música, emoção e ação, ficam mais unidas e concretas. Segue um vídeo com os alunos do fund.1, já em uma segunda fase da pesquisa com os elementos da natureza, ainda com músicas com instrumentos isolados e algumas fotos:

QRcodes 11 - Pesquisa no MUSA - Instrumentos Isolados fase 2 (2019)



Figura 39 - Aluno Rafael: 1º ano - Fund. 1



Fonte: Tauã de Lorena.

Figura 40 - Aluna Ana Júlia, 2º ano - Fund. 1



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 41- Aluna Emanuella: 1º ano - Fund. 1



Fonte: Tauã de Lorena

Figura 42 - Aluna Quézia do Ensino Médio



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 43 - Aluno Riquelme, 5ºano do Fundamental 1



Fonte: Acervo pessoal.

Neste vídeo do exercício do "Espelho sem texto e com música", também com os alunos do fundamental 1, nesse momento já com músicas de elementos mais complexas, com variedade de instrumentos, podemos perceber as ações físicas com mais qualidade e imbuídas de estado emocional, despertadas a partir da variação das músicas de elementos diferentes, e da

troca com o seu colega: "O legal foi que a gente fazia a emoção e a gente podia ver a nossa emoção, como a gente estava fazendo e sentindo"²⁴.

QRcodes 12 - Pesquisa no MUSA - Espelho com música (2019)



Os paralelos com os elementos proporcionam aos alunos um caminho mais concreto para compreender suas ações físicas. Além disso, essa abordagem amplia a consciência corporal, permitindo que eles explorem o sabor das emoções.

Pensando na diversidade de formas para se trabalhar as emoções e entendendo a diversidade de perfis que compõem nosso quadro de alunos, chegamos ao rasaboxes, possibilitando aos alunos, vivenciarem diferentes experiências e formas de aprendizagem.

Aqui temos os alunos no início desse processo. Em um pedaço de papel pardo escrevemos as palavras em *Sânscrito* e os alunos de todas as turmas complementam o mesmo cartaz, com o que representava para eles aquela palavra com desenhos e cores, ampliando assim o significado da caixa.

Figura 44- Alunos Fund. 1: Lara e Gabriel



Fonte: Acervo pessoal.

²⁴ Depoimento da aluna do 4º ano, Manuela Alves, dado à autora, sobre a percepção desse exercício.

Figura 45 - Alunas do Fund. 2: Maria Vitória; Victoria Lorrayne e Maria Vitória Firmino



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 46 - Alunas do Ensino Médio: Kézia e Samira



Fonte: Acervo pessoal

Sobre esse processo de pesquisa nas caixas, Júlia Sarmento²⁵ nos explica que:

Uma coisa é jogar um box onde se lê "amor" e outra é jogar um box onde se lê "suculento" ou "ardente". Pode parecer um detalhe tolo, mas no momento de construir a respiração, acionar as musculaturas, enfim jogar, tudo muda! [...] Para o treinamento do ator, essa diversidade é riquíssima, pois as palavras se tornam facilitadoras de uma experiência mais complexa a cada vez que se passa pelo tabuleiro. Ao invés de fechar o sentido da rasa com uma única tradução, esse exercício abre um relicário de palavras bem específicas que

²⁵ Júlia Peredo Sarmento é bacharel em Interpretação Teatral e licenciada em Artes Cênicas pela Escola de Teatro da UNIRIO. É mestre em Artes pela UFC - Universidade Federal do Ceará com dissertação que discute o *rasaboxes* como prática performática para o treinamento do ator (Achcar, 2016, p. 42).

lança o jogador numa nuvem de sensações referente à rasa que ele ocupa. (Sarmiento apud Achcar, 2016, p. 44).

Assim também são as músicas dos elementos, o elemento fogo, por exemplo, tanto pode ser amor, paixão, sedução, prazer, desejo, como pode ir para uma outra direção, como raiva, dor, vingança, ganância.

Figura 47 - Alunos do Fund. 1. em pesquisa nos elementos



Fonte: Acervo pessoal.

Cada pessoa absorve aquele elemento do seu jeito, não existe um único significado, o que uma música desperta em uma pessoa, não necessariamente despertará em outra, além do que, o estado emocional, que o aluno está em determinado dia, pode alterar a forma que ele recebe e reverbera aquele elemento. Se é um aluno que já está inserido na pesquisa a mais tempo, ou se é iniciante, também influencia a qualidade que ele ouve: "O estímulo externo da música dialoga com a voz interior que chama à ação, e a criança aprende esse diálogo, aprende a utilizá-lo a seu favor" (Entrevista com Karamesinis, maio 2023). Quanto mais tempo dentro do trabalho, mais fácil ter todas essas percepções.

Conforme adentramos por essa pesquisa, vamos ficando mais sensíveis, aguçando, treinando nossa forma ampliada de ouvir, inclusive um mesmo elemento, na mesma música, pesquisada pela mesma pessoa em situações diferentes, pode despertar emoções distintas, o que nos levará para um outro caminho. E essa é uma qualidade riquíssima, pois abre infinitas possibilidades de pesquisa.

Na nossa seleção de músicas, existe uma imensa variedade para cada elemento, sempre com composições distintas, o que acaba despertando emoções diferentes. Como podemos

observar nesse vídeo dos alunos do 2º e 3º ano do fundamental 1, complementadas por alguns *feedbacks*, após uma aula nessa pesquisa:

QRcodes 13 - Pesquisa no MUSA - Elementos da natureza (2019)



Benjamin: Tia, no ar eu percebi que o vento tava me puxando com calma e leveza, aí ele tava me puxando, e o corpo tava seguindo. O fogo ele era mais liberdade em fazer as coisas, então ele trazia mais coisas pra nos fazer e se esticar muito com o pé, com a música que te guia pela barriga. Na hora da terra eu senti que eu tava em um lugar que eu não podia mais sair, que ele tinha um lugar duro mesmo, que só com movimento duro que você saia, mas na água eu ganhei mais liberdade.

Miguel: Na hora do fogo eu tava em uma briga, me trazia coragem e às vezes um pouco de medo. Na terra e na água eu senti que eu e um cara, a gente tava lutando, na terra ele me socou tão forte que eu não conseguia levantar e quando eu conseguia ele me dava outro soco e eu desmaiei. E na água parecia que eu dava chute e soco, eu tava com coragem.

Erik: Eu me senti um milho de pipoca no fogo, só que tava na minha barriga, e quando a pipoca pula ela se espalha em todo lugar, ela se espalhou pelo meu corpo todo, aí a cada pulo explodia um movimento no meu corpo e ela ficava livre.

Lavínia: Na terra, pra mim, eu tava em uma caverna. No comecinho meu corpo tava tremendo por dentro.

Valentini: A terra tava pesada, me puxando pra baixo, aí o chão não dava pra eu descer mais porque tava duro e eu tava bem pequenininha. Na terra eu me sentia mais presa, eu sentia que não podia fazer nada, mas na água eu me senti mais solta e podia fazer tudo o que quiser.

Ana Mel: A terra também me deixa pequenininha e me trouxe desespero e na água eu conseguia aumentar e ganhar espaço. Na água eu ficava mais "acalmada" e na terra eu tava encolhendo, tava sendo esmagada.

Amora: Eu tava sentindo o meu corpo todo vibrando na terra.

Depois de passarmos por essa extensa gama de pesquisa, fizemos o paralelo entre a experiência corporal para o debate racional, analisando o que ficou registrado, tendo um olhar de fora para aquilo que foi feito, sentido, se valendo desse conhecimento nato, primitivo, simbólico e sensível. Presente em todos nós, mas muitas vezes rejeitado em nome de um raciocínio lógico, de um conhecimento sedimentado, nos fazendo esquecer da sabedoria que mora no corpo. Precisamos " [...] tirar do caminho a velha dicotomia entre mente e corpo, razão

e emoção, pois a experiência intelectual ligada à linguagem é parte constituinte da experiência corporal e vice-versa" (Sarmiento apud Achcar, 2016, p. 45).

Tentamos estimular através das palavras o que os alunos sentiram. Como eles foram atravessados por essas emoções? Quais são os paralelos possíveis entre a pesquisa em sala de aula e as situações reais vividas? O que essa atividade ajudou? Qual foi a maior dificuldade? Diferente do professor que detém o conhecimento, aqui somos um facilitador, que instiga no aluno o seu desejo pela busca do conhecimento, concordando que: "Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas. Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas" (Alves, 2012, p. 78).

3.3 3º Pista: Lide com as emoções

Acessar as emoções com consciência, é algo complicado, ainda existem muitos bloqueios e tabus sobre elas, mas a partir do momento que conseguimos romper essas barreiras, os alunos encontram nessa forma de investigar o teatro, essa válvula de escape, essa possibilidade de experimentações, de entendimento e prazer ao se descobrirem, encontrando um lugar onde suas emoções são aceitas, discutidas e direcionadas. Além de contribuir para um pensamento crítico sobre as questões sociais que acabam se atravessando nas causas que despertam muitas dessas emoções, como já explicado por Vygotsky:

Para Vigotski (1965/1999b, p. 3), "a ideia central da psicologia da arte é o reconhecimento da superação do material da forma artística, ou o que dá no mesmo, o reconhecimento da arte como técnica social do sentimento" (Vygotsky apud Faria, Dias, Camargo, 2019, s.n).

Não se atendo somente em expressar as emoções, mas aprendendo a elaborá-las, considerando o contexto de suas causas, fazendo assim a ponte entre a emoção, que tem a ver com o estado físico, comportamental e o sentimento, que é mental e envolve o processo cognitivo.

Desenvolvemos essas ferramentas, não de uma forma psicológica onde os alunos precisam se conectar com memórias afetivas para acessar as emoções, e dependendo de qual for, sentar em um cantinho da sala e chorar, buscamos esse acesso através do corpo: "O corpo como base do saber e do conhecimento. O corpo como instalação de nossa existência no mundo e parâmetro último para as avaliações constantes de nossas ações e atitudes" (Duarte Jr, 2006, p. 218). São os estímulos que vêm do corpo que geram as emoções, seja na relação com as caixas, no rasaboxes, ou na alternância das músicas no MUSA, é através do corpo, que estimulamos que o aluno trabalhe suas emoções, criando situações favoráveis para que eles

experimentassem e descobrissem no corpo os pontos de ativação do estado dessas emoções.

Segundo Júlia Sarmiento:

O jogador deve experimentar cada rasa, colocando-a corporalmente no espaço. Sempre que mudar de box, o jogador deve mudar imediatamente seu estado corporal. As rasas são: Bibhasta/nojo, Sringara/amor, Bhayanaka/medo, Hasya/riso, Adbhuta/surpresa, Vira/coragem, Karuna/tristeza, Raudra/raiva e Shanta/paz. (Sarmiento, 2015, p. 10).

Figura 48 - Alunas: Sofia, Maryna, Vitória e Lara. Fundamental 1 em pesquisa com o *rasaboxe*



Fonte: Acervo pessoal.

Cada caixa trabalha uma emoção diferente, a partir do momento que você pisa nela, seu estado deve mudar, não através do racional, mas através do corpo que se deixa afetar. Você está trabalhando em uma, e 2 segundos depois você já está com o pé na outra, reverberando aquela nova emoção, é uma troca imediata, como explicado pela professora, atriz e diretora, Adriana Maia²⁶, através do conceito defendido por Grotowski que:

falava que o melhor ator é aquele ator-jogador que tem o tempo mínimo entre o impulso e a realização daquele impulso. E por quê? Porque tem pouca interferência racional. O ator reage sem ficar pensando qual a melhor forma de executar essa reação. A mente está presente o tempo todo, mas não pode te atrapalhar (Maia apud Achcar, 2016, p. 9).

No MUSA ativamos essa troca de emoção imediata através da música, quando o aluno está pesquisando uma emoção, com uma determinada música, imediatamente quando fazemos a troca de música, sua respiração muda, e a partir dela o estado muda, não pelo viés psicológico,

²⁶ Adriana Gonçalves Maia é doutora em Artes Cênicas pelo PPGAC da UNIRIO, docente da Faculdade de Teatro da CAL, além de atuar profissionalmente como atriz e diretora de teatro há mais de 30 anos (Achcar, 2016, p. 8).

mas pelo estímulo sonoro que provoca essa alteração, é a música que libera a expressão da variedade de emoções e sensações. Além do que quando temos qualquer mudança na melodia, no ritmo, nas escalas, isso afeta e altera as emoções e o nosso querer. A música conduz tudo como um maestro interior.

Temos aqui uma demonstração de pesquisa, feita pela aluna Vitória, onde ela executa a partitura corporal: "Olhar/Inclinar/Pegar/Reconher". Os movimentos são sempre os mesmos, mas com a mudança de música, podemos perceber essa alteração imediata da emoção perante a qualidade e intensidade do movimento:

QRcodes 14 - Pesquisa no MUSA - Partitura Corporal "Olhar/Inclinar/Pegar/Reconher"
(2019)



Neste segundo vídeo vemos alguns alunos investigando essas mudanças de estados, a partir de uma partitura de 3 movimentos, criados por eles. Mesmo princípio do vídeo anterior:

QRcodes 15 - Pesquisa no MUSA - Partitura Corporal 3 movimentos (2019)



Podemos perceber essa mudança de emoção, em nós mesmos, em situações corriqueiras, se observarmos como os diferentes estilos musicais nos fazem sentir. O que sentimos quando ouvimos Rock? Bossa nova? Clássica? Desperta emoções diferentes ou é a mesma percepção, o mesmo sentimento?

Para quem já experienciou o *rasaboxes*, como ficamos dentro da Bibhasta/nojo, Sringara/amor, Bhayanaka/medo, Karuna/tristeza, Raudra/raiva? A percepção, o sentimento é o mesmo? Adriana Maia nos indica uma resposta:

Todas as *rasas* carregam uma série de qualidades. Por exemplo, a *raudra* que expressa raiva, ódio, cólera, irritação. Ora, todas essas emoções são diferentes entre si e é fundamental que o ator saiba disso e saiba transmitir essas gradações. Há uma diferença entre se ter cólera, ódio, irritação, raiva. São gradações diferentes. Um ator deve ter consciência dessas diferenças. Ter a noção de como se chega a um estado emocional com uma intensidade e, imediatamente depois, mudar essa intensidade. (Maia apud Achcar, 2016, p. 9).

Além dessa qualidade da mudança imediata de emoção, seja através da música ou das *rasas*, tem outro ponto em que as metodologias dialogam, que é a questão do acesso e "desacesso" das emoções. A explicação que Sotiris nos dá através do MUSA é que:

[...] o fato de que o método é psicotécnico, ou seja, usa emoções e estados com técnica, sem que o ator se deixe ser levado, totalmente por eles, ele aprende a lidar e usar eles sem ficar preso. Ou seja, ele não é nada psicológico. Na tua música e nas tuas ações despertam-se os sabores do corpo, dos sons, das palavras, todos estes são os teus materiais para criar. Quando a música para, você volta para onde está, no seu ensaio, no agora, sem se deixar levar pela sua psicologia. E assim que a música começar de novo, você estará de volta na mesma paisagem que você deixou antes, no seu local de trabalho. (Entrevista com Karamesinis, maio, 2023).

Fernanda Guimarães²⁷ defende que o treinamento no *rasaboxes*, também proporciona isso através da entrada e saída das caixas:

Eu acredito que existem duas características muito importantes do “*rasa*” e eu tenho percebido resultados eficazes para os atores dentro do set, no dia a dia de gravação. Em primeiro lugar, é exatamente o domínio que ele nos dá sobre os acessos, mas também sobre os *dês-acessos* às emoções. A *raudra*, por exemplo, é muito fácil de a gente entrar. Basta dirigir no trânsito do Rio de Janeiro. Agora para você *dês-acessar* pode ser bem mais complicado. E a prática do “*rasa*” nos possibilita esse *dês-acessos* com agilidade, com destreza. (Guimarães apud Achcar, 2016, p. 12).

Desenvolver essa competência é um dos objetivos de se pensar a educação emocional, aqui temos exemplos de situação de atores que precisam dessa técnica apurada, para a personagem, mas o que se objetiva é que uma vez compreendido como acessar/"desacessar" as emoções, como transitar de uma para outra, esse entendimento seja implementado no dia-a-dia, no nosso comportamento, na nossa forma de lidar com elas, isso não significa que seja fácil,

²⁷ Fernanda Mareuse Guimarães é atriz, professora, preparadora corporal e *coach* de atores no teatro e na televisão. Especialista em Preparação Corporal nas Artes Cênicas (Faculdade Angel Vianna) (Achcar, 2016, p. 11).

vivenciar essas experiências nos ajuda a reconhecer nossas próprias emoções e isso permite que possamos ter um olhar mais aguçado para escolher como reagir, seja tentando entender o ponto de vista do outro, refletindo após algum conflito, ou ainda, através de técnicas de respiração e percepção das reações corporais, por exemplo, buscando assim uma forma de melhor reagir às emoções e não ser dominado por elas.

A educação emocional é um trabalho contínuo, onde depois de entendermos as emoções, precisamos aplicar esse entendimento em nossas vidas. Acreditamos que se desde crianças, os alunos fossem estimulados a reconhecer seus sentimentos, eles teriam mais autonomia para poder agir com eles em diferentes situações. Diminuindo sua vulnerabilidade e aumentando suas capacidades, tanto no quesito escola quanto no âmbito social, uma vez que entender as emoções permite que você se comunique, expresse seus sentimentos e viva no mundo.

Em entrevista com a coordenadora do fundamental 2 e ensino médio, ela nos relata que:

Os alunos que fazem teatro encontram mais facilidade nessas atividades de tratar das emoções, como o LIV²⁸ por exemplo, porque já estavam habituados em fazer esse trabalho no teatro, eles tiram mais proveito. A oficina em si também ajuda nessa percepção, nesse afloramento, nessa orientação dessa sensibilidade e desenvolvimento da personalidade. Os alunos que fazem teatro têm uma clareza maior para se expressar, se avaliar, olhar as pessoas e suas emoções e tentar compreender, aprender sobre elas, eles se envolvem melhor com essas atividades do que os outros alunos. Vejo que são alunos que ganharam mais segurança e confiança, inclusive de se expor mesmo na autoavaliação, pedir desculpa quando está errado. Faz diferença pra autoestima deles. E na sala de aula, eles respondem melhor, os alunos mais tímidos começam a baixar mais a guarda, se expressar mais em sala. A própria Rubia que era muito tímida, ela consegue se colocar mais, se pontua mais, se posiciona, até acabou virando representante de turma, e esse crescimento tava muito ligado sim, as aulas de teatro, tudo é sempre um contexto, mas com certeza o teatro influencia especialmente nessas habilidades que eles precisam tanto, pra falar, se colocar, se expressar, se respeitar, nesse caso ser a representar da turma, é uma mudança muito grande pra ela. (Trecho da entrevista com Cybelle Borges, coordenadora do fund. 2 e EM, 20 de maio de 2024).

Acessar as emoções com consciência pode ser difícil para qualquer pessoa, oferecer um espaço seguro, onde os alunos, através do fazer teatral, possam ter a possibilidade de conhecer, identificar, entender e aceitar suas emoções, transforma o aprendizado em algo prazeroso, uma vez que através dos conflitos das personagens, os alunos descubrem e entendem os próprios sentimentos, e assim podem melhor administrá-los, sem medo e com consciência.

²⁸ Laboratório inteligência de vida: O programa começou a ser implementado no Solar Meninos de Luz em 2022.

Figura 49 - Aluna: Maria Eduarda, fundamental 2, em pesquisa com o *rasaboxes*



Fonte: Acervo pessoal

Representar um personagem é também colocar-se no lugar de outro, é criar possibilidades de trabalhar e compreender a diversidade, as diferenças, as semelhanças, o ser e o vir a ser; é poder perceber a si e ao outro como sujeitos no mundo, como agentes de transformação da sociedade. (Courtney, 1990 apud Oliveira; Stoltz, 2010, p. 88).

Sobre essa afirmação, o aluno Marcos Paulo nos traz a sua percepção:

Eu sinto que esse trabalho com as emoções é muito importante porque eu consigo efetivamente entregar muito nos personagens que eu faço, por exemplo agora, vira e mexe eu to pesquisando alguma emoção que é pro personagens, mas quando eu me dou conta é a minha emoção particular que tá lá na personagem e é muito interessante observar como o personagem reage quando ele tá com aquela emoção, porque nem sempre eu agiria assim também. Então eu aprendo com eles como agir diferente sentindo a mesma emoção. (Trecho da entrevista com Marcos Paulo, aluno de teatro do Solar Meninos de Luz, 17 de abril de 2024).

Acreditamos que, uma vez esses benefícios alcançados, eles pertencem a esse indivíduo por toda a sua vida, modificando a maneira como ele se relaciona no mundo, tanto no âmbito social, (profissional, familiar) como pessoal, influenciando diretamente nas suas tomadas de decisões. Afinal, se podemos desenvolver essas habilidades para uma melhor performance artística, porque não seria possível no âmbito pessoal?

No decorrer dessa pesquisa, nessas conversas com os alunos, pais e coordenadores da escola, podemos observar que essa abordagem está sendo positiva.

Anna de Jesus²⁹, quando questionada sobre se ela acha que esse entendimento está chegando até suas filhas, nos dá o exemplo de uma delas:

A Maryna tinha um comportamento meio fechado, retraído, sabe?! Até a forma de pentear o cabelo era diferente, ela puxava o cabelo assim pra frente, meio que tampando o rosto, sabe?! Eu não lembro qual foi a aula, mas ela chegou aqui super animada sabe?! E foi onde ela foi modificando o comportamento dela, ela citou algumas coisas de exercícios que vocês fazem com eles e que ela gostou muito, é como se fosse uma liberdade, ela se libertou da forma que ela se sentia. Ela mesmo falou que ela tinha esse jeito dentro dela, ela era fechada, ela não ria, e aí depois dessas aulas, desses exercícios que vocês faziam deu uma liberdade pra ela.

Nilson Soares³⁰ contribui falando sobre a percepção que ele tem dos seus filhos:

Eles tinham uma dificuldade extrema para interagirem com pessoas foras do nosso círculo e com o teatro eles puderam ver que poderiam fazer as próprias amizades, sem contar que expõem com muita facilidade pra nós os seus dias, sem inibição alguma, isso nos tranquilizou, sabendo que vão sempre ter uma "amizade fiel" conosco. Eles conversam diariamente conosco, sempre trocando informações sobre como eles estão, os acontecidos, brincadeiras, colegas, aulas, etc...

Esses depoimentos junto ao acompanhamento dos alunos, nos faz acreditar que uma criança que aprende, que tem o contato com esses elementos que possibilitam o entendimento e a possível organização das suas emoções, se torna um ser humano diferente, com maiores possibilidades de ter um melhor rendimento escolar, de ser um filho/indivíduo social mais compreensivo e amoroso, como colocado pela mãe Anna³¹:

Uns 20 dias atrás, a gente tava aqui em casa e tal, aí ela (Maryna) me chamou pra conversar. Perguntando se eu tava triste, ou se eu tinha alguma reclamação referente ao comportamento dela, que ela queria saber de mim, e isso eu percebo muito, eu não sei te dizer muito bem como é que é, mas os exercícios que vocês fazem, até a Mirely mesmo comenta muito, faz com que elas consigam falar melhor com a gente, como se sentem, perguntam até como eu tô me sentindo.

Desenvolver a autoconsciência, a empatia e as habilidades sociais, ajudam tanto na administração das suas emoções, como a manter a atenção, sendo assim, as crianças que aprendem essas habilidades também aprendem a aprender as habilidades básicas de aprendizagem. A diretora pedagógica do fundamental 1, Rosemarie Araújo nos conta³² sobre a sua percepção observando os alunos de teatro deste segmento:

²⁹ Mãe de três de nossas alunas: Maryna, Myriam e Mirely. Em depoimento pessoal dado à autora, no dia 29 de setembro de 2023, no Solar Meninos de Luz.

³⁰ Pai de 3 alunos: Benjamin, Sophia e Victoria Lorrayne. Em depoimento pessoal dado à autora, no dia 29 de setembro de 2023, no Solar Meninos de Luz.

³¹ Idem 28

³² Em depoimento pessoal dado à autora, no dia 04 de outubro de 2023, no Solar Meninos de Luz.

Consigo perceber com muita clareza a "força dessa arte", o efeito das aulas de teatro, aqui no Solar. Nossos alunos, mesmo os menores do Fund I, mostram enorme prazer e vêm desenvolvendo o sentimento de compromisso, e responsabilidade com o processo até o dia de apresentação. Realmente, observamos que prezam muitíssimo pelas aulas de teatro, é como se aquele horário fosse um mergulho mais profundo no EU, nas emoções. Eu fico observando alguns trabalhos, mesmo a distância, a seriedade que alguns fazem as atividades, eles embarcam mesmo e essas crianças que embarcam, elas são capazes de falar o que sentiram, o que sentem, são as crianças que procuram mais o professor, são crianças que falam o que pensa, ah isso me emociona, então é muito legal, por que assim, na nossa correria a gente não para pra ter essas observações, o que vocês fazem é muito importante, é muito maneiro. E isso é sentido em sala de aula também. Eu acho que alguns estão mais atentos a tudo. É nítido a diferença dos alunos que não fazem teatro. Eu consigo ver na agitação, quem faz teatro é mais compenetrado, mais atento, parece que é mais observador. Esses mesmos que agitam lá nas aulas, eles falam em casa, falam na sala o que fazem no teatro, na visão deles, eles conseguem compreender e falar. Conseguem expressar com mais objetividade, reflexão seus sentimentos e emoções, alguns fazem questão de serem ouvidos.

Esse é o princípio para uma educação como prática da liberdade, trazer essa consciência e autonomia para os alunos. "Essa é uma das alegrias da educação como prática da liberdade, pois permite que os alunos assumam a responsabilidade por suas escolhas" (hooks, p. 33) e se enxerguem protagonistas de suas histórias.

Figura 50 – Frase



Fonte: internet.

3.4 4º Pista: Desenvolva a empatia

Como desdobramento dessas metodologias que se entrelaçaram em busca de desenvolver a educação emocional através do fazer teatral, chegamos à última pista: Desenvolva a empatia. Durante 10 meses, construímos esse percurso buscando entender nossas próprias emoções, uma questão muito individual, um paradoxo desse processo, que foi, e é do coletivo. Porque o desejo era que cada um conseguisse lidar individualmente com as suas emoções, para também estar aberto para as emoções dos outros. Acreditando que isso nos permite ver o mundo através de diferentes olhos, compreendendo as motivações e sentimentos alheios, ampliando nossa compreensão do mundo. "O aspecto empolgante de criar na sala de aula uma comunidade onde haja respeito pelas vozes individuais é que o retorno é bem maior, pois os alunos se sentem, de fato, livres para falar - e responder" (hooks, 2017, p. 60). Eles se sentem pertencentes a esse espaço, percebem que sua opinião, sua vivência, são importantes para todo o processo, sendo participantes ativos e não meros consumidores de conteúdos.

Foi graças a essa forma de pensar a educação, que no final desse percurso, levantamos material suficiente para criarmos a dramaturgia do nosso espetáculo "No Ritmo do Coração" e ainda fomos agraciados com um material fotográfico riquíssimo. Grande parte do processo foi registrado, (o que inclusive me possibilitou escrever essa dissertação 4 anos depois), e virou

uma linda exposição: “O que te causa?” , instalada na galeria do Solar Meninos de Luz, com curadoria do artista plástico e designer, Marcos Scorzelli³³.

3.5 Fragmentos do tesouro

3.5.1 Exposição

Figura 51 - Cartaz de divulgação da Exposição “O que te causa?”



Fonte: Acervo Solar.

Aqui temos algumas fotos do processo de montagem na galeria:

³³ Carioca, formado em design pela PUC Rio e começou a carreira inovando em projetos de design de interiores corporativo e de cenografia. Com seu pai criou a Scorzelli Arquitetura e Design em 1993 e ao longo de 23 anos recebeu vários prêmios por projetos corporativos desenvolvidos para grandes empresas. <https://www.scorzelliatelie.com.br/>

Figura 52 - Cheila, Marcelo e Fabiana



Fonte: Lídia - Aluna do Ensino Médio que estava participando da montagem.

Figura 53 - Mirely criando o coração que compunha a exposição



Fonte: Lídia, por detrás da câmera registrando.

Todo o nosso processo foi colaborativo, existe um pouco de cada um dos 170 alunos nesses trabalhos, assim eles se sentem representados, porque foi feito por eles, como dito por Mirely³⁴, aluna do 3º ano do Ensino Médio em 2019:

Nessa exposição, que foi bem no meu início, eu lembro que na própria exposição a gente também tinha esse olhar e podia dizer, "Não, eu não quero assim", ela (Cheila) perguntava: "Tá bom assim? A ideia é essa, mas podemos botar onde acharem melhor". E sim, a gente mesmo mudava, porque era uma coisa nossa também, surreal. Eu que fiz o coração gigante no chão, de fita isolante preta.

³⁴ Em depoimento pessoal dado a autora, no dia 04 de setembro de 2023, no Solar Meninos de luz

Fotografias, vídeos, frases dos potinhos das emoções, propunham uma reflexão sobre esse vasto campo das emoções, que dialogava com o espetáculo, ambos frutos desse ano de investigação, que chegaram ao público em novembro de 2019.

Incluo algumas fotos e frases recolhidas dos potes das emoções que compuseram a exposição, junto há um vídeo dela pronta para receber o público, para melhor elucidar esse trabalho.

QRcodes 16 - Exposição “O Que te Causa?” (2019)



Gostaria de pontuar dois temas, dentre essa diversidade de falas que apareceram nos potes e que até então não tinha surgido nos temas abordados nos improvisos: racismo e desigualdade social.

Todo esse processo de investigação das emoções foi muito intenso, mexemos em situações muito pessoais, íntimas dos alunos, mas que ao mesmo tempo são de caráter global. Lembro-me que o fato desses temas não terem aparecido antes, nos improvisos e nas discussões me chamou a atenção. Comecei a questionar se não foram levantados nas aulas por vergonha ou por eles acharem que eu, uma professora branca, de classe média, não entenderia. E de fato, eu não tinha o conhecimento necessário para abordar a questão racial por exemplo, o meu entendimento é de um ponto de vista diferente, adquirido de livros, observações, então mais do que falar, eu precisava ouvir ainda mais, e me aproximar, mostrar as minhas fragilidades para assim tentar romper essa barreira que ainda poderia existir, entendendo que:

A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. [...]. Quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos. É produtivo, muitas vezes, que os professores sejam os primeiros a correr o risco, ligando as narrativas confessionais às discussões acadêmicas para mostrar de que modo a experiência pode iluminar e ampliar nossa compreensão do material acadêmico. Mas a maioria dos professores têm de

treinar para estarem abertos em sala de aula, estarem totalmente presentes em mente, corpo e espírito. (hooks, 2017, p. 35-36).

Conversar com eles sobre as minhas fragilidades, acredito eu, fez com que eles não me vissem mais como uma "boneca grande de cabelos longos e loiros"³⁵. Contei para eles que já havia passado pela situação de preconceito linguístico, por conta do sotaque carregado do interior. Meu trabalho de conclusão de curso do bacharelado em teatro foi: "O Papel da consciência vocal na construção da personagem", lógico que fiz essa pesquisa pensando nesse entendimento enquanto uma ferramenta para ampliar minhas habilidades artísticas, mas o que de fato me levou para esse caminho de pesquisa, foi porque queria ter uma maior habilidade na forma que eu falava para não ter sotaque nenhum, e assim não ser mais alvo de preconceito. Contei também que havia sofrido assédio no ambiente de trabalho, mas que, como precisava do emprego para pagar os estudos, e na época era muito jovem para entender como me portar, "deixei pra lá" o quanto pude, até ter um colapso nervoso.

Sei que são situações e realidades distintas, mas expor esses fatos da minha vida fez com que esses alunos sentissem que nossa sala de aula era um lugar de troca, que esse ambiente era um lugar seguro para expor seus pensamentos. "É a ausência do sentimento de segurança que, muitas vezes, promove o silêncio prolongado ou a falta de envolvimento dos alunos" (hooks, 2017, p. 56).

Não sinto na pele a discriminação pela minha cor, mas sei que o racismo está em nós, está intrínseco entre as relações e por ainda ser visto como um tabu, é pouco discutido, fazendo com que: "Pessoas negras/de cor que falam muito sobre raça são frequentemente descritas pela mentalidade racista como indivíduos que estão “apelando para a cartada da raça” (hooks, 2021, p. 53), podendo tornando essas discussões banalizadas e desencorajando o debate crítico.

Às vezes é difícil ver e até mesmo identificar o racismo, principalmente quando se é branco, quando vivemos em um país de mentalidade colonizada e colonial, que repete moldes da cultura dominante, inclusive nas escolas, onde uma educação que trabalha, mesmo sem essa consciência/desejo, para reforçar a dominação implica em continuarmos os mesmos padrões de preconceito.

Com raras exceções, o combate ao racismo não é uma meta nas instituições escolares; não é parte da formação dos professores; não é discutido nem mesmo nas famílias dos alunos negros, talvez porque os pais tenham sofrido os mesmos ataques e tenham se resignado, propagando este conformismo (Miranda, 2004 apud Zamora, 2011, s.n).

³⁵ Fala de uma aluna do pré-escolar, no meu primeiro dia de aula, enquanto acariciava a minha pele e meus cabelos.

A questão racial, "requer de todos nós um olhar crítico sobre o que aprendemos na infância acerca da natureza da raça. Essas impressões iniciais parecem marcar fundo os comportamentos relacionados à raça" (hooks, 2021, p. 52).

Como os bilhetes eram anônimos, adiante apresento seus registros, não tínhamos como saber quem foram as pessoas que escreveram, e naquele momento isso não importava, porque o não saber possibilitou que mais alunos se envolvessem com o tema e causasse debates e reflexões. Acabou que no espetáculo em si, não falamos sobre o racismo, mas, vejo essa situação como um movimento importante pelo fato de fazermos daquele espaço um lugar onde pudemos dialogar, refletir e discutir essas temáticas, mesmo elas não entrando na peça.

Entendendo que naquele momento eles não queriam se "expor", respeitando esse sentimento como um processo interno que eles precisavam do tempo deles para conseguir abordar essas temáticas para uma plateia, se fosse o caso. Talvez se a questão da raça fosse mais discutida, poderíamos ter um desdobramento diferente, talvez hoje, 4 anos depois eu também tivesse uma outra forma de conduzir as aulas e tivéssemos uma outra narrativa. Não sei se o que eu fiz naquele momento foi o bastante, acredito que não, mas foi o possível naquele momento, hoje entendo que não basta falarmos sobre racismo, precisamos encontrar ações para além do discurso, que transforma os pensamentos em mudança de comportamentos.

Para romper esse domínio, precisamos de um ativismo antirracista contínuo. Precisamos gerar uma consciência cultural maior sobre a dinâmica do pensamento supremacista branco no cotidiano. Precisamos aprender com as pessoas que sabem, porque elas têm vivido uma vida antirracista, o que todo mundo pode fazer para descolonizar a mente, para manter a consciência, mudar o comportamento e criar uma comunidade amorosa (hooks, 2021, p. 66).

Entendo também que não existe mágica, que tudo faz parte de um processo, talvez se essas falas não tivessem aparecido nos potes, não teríamos chegado nesse assunto, por mais gritante que ele fosse. Me pergunto, quantas vezes, enquanto professores, deixamos de dar a atenção necessária a determinados assuntos, por medo de não sabermos como lidar com eles ou mesmo sob o pretexto de que precisamos seguir um calendário?

As questões de desigualdade racial e social surgiram a partir do anonimato, de uma atividade despreziosa que coloca o dedo na ferida e nos faz refletir ainda mais sobre uma dura realidade, onde a cor da pele causa tristeza e raiva, onde ter comida é motivo de alegria, porque infelizmente "a desigualdade social tem cor [...]. Podemos, portanto, dizer que no Brasil, mesmo com variações regionais, a pobreza e a miséria são predominantemente negras" (Zamora, 2011, s.n).

Através dessas discussões, propiciadas a partir desse distanciamento dos potes das emoções, partilhamos reflexões ainda tão duras, que culminaram em um mergulho profundo no nosso ser individual e social.

A vivência das próprias emoções é uma possibilidade que não pode ser negada ao ser humano. A atuação psicológica pode usufruir dos preceitos vigotskianos acerca da arte e da catarse para valorizar esses processos de reencontro e desenvolvimento. Emocionar-se e reconhecer suas emoções por meio da vivência estética da arte implicam em considerar a integralidade do ser humano, como ser que pensa, age e que também sente - e que, por meio da catarse de suas emoções, é capaz de transformar o próprio meio e a si mesmo (Faria, Dias, Camargo, 2019, s.n).

Depois desses pensamentos, fica aqui um recorte do material que compunha a exposição, "O QUE TE CAUSA".

O QUE TE CAUSA TRISTEZA:

Figura 54 - Aluna Mirely. Ensino médio



"Os amigos quebram os óculos"

"Sentir saudade"

"Quando uma pessoa que te ama
desiste de te amar"

"Brigas e discussões"

"Minha cor"

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 55 - Aluno Mateus. Fund. 1

"Mãe deixa
sozinho em casa"

"Mãe bate"

"Não ter amigos"

"Quando um parente
vai pro céu"



Fonte: Acervo pessoal

O QUE TE CAUSA NOJO:

Figura 56 - Aluno Enzo. Fund. 1



"Apoio a violência como
solução para a
sociedade"

"Gente falsa"

"Sangue"

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 57 - Aluna: Kézia. Ensino médio

"Calor com bafo"

"Rato morto"

"Vômito"



Fonte: Acervo pessoal.

O QUE TE CAUSA RAIVA:

Figura 58 - Aluno Wanderson. Fund. 1



Fonte: Tauã de Lorena.

"Mãe duvida de mim"

"Preconceito religioso
e de cor"

Figura 59 - Aluna Júlia e Maria Clara. Fund. 1

"Tablet trava no meio do jogo"

"Mentira"



Fonte: Acervo pessoal

Figura 60 - Alunos Marcos Paulo e Luiz Fernando. Fund. 2



"Fome"

"Ter que resolver os problemas dos adultos"

Fonte: Acervo pessoal.

O QUE TE CAUSA MEDO:

Figura 61 – Aluno Mateus I. Fund. 1

"Quando acaba a luz"

"Ficar sozinho"



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 62 - Aluno Diogo. Fund. 1



"Ninguém pra proteger"

"Tiros"

Fonte: Acervo pessoal

O QUE TE CAUSA CALMA:

Figura 63 - Aluna Sophia, Alice, Artur. Fund. 1



"Colocar os
filhos para
dormir"

"Tirar nota boa na prova"

"Quando meus pais
não brigam"

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 64 - Alunos Catarina e Gabriel. Fund. 1

"Quando a mãe dorme comigo"

"Brincar na terra"

"Ficar no colo"

"Meditar"



Fonte: Acervo pessoal

O QUE TE CAUSA ALEGRIA:

Figura 65 - Aluno Mateus II. Fund. 1



"Estar com as pessoas que amo"

"Ter comida"

"Minha família estar bem, unida
e com saúde"

Fonte: Acervo pessoal.

Figura 66 - Aluna Érica. Ensino Médio

"Abraçar minha mãe"

"Vir pra escola"

"Ficar agarrado com o cachorro"

"Estar com alguém que
te faça feliz"



Fonte: Acervo pessoal

O QUE TE CAUSA AMOR:

Figura 67 - Aluno Mateus III. Fund.1



"Ganhar carinho"

"Conhecer pessoas e lugares"

"Estar ao lado de pessoas
alegres"

Fonte: Acervo pessoal

Figura 68 - Aluna Victória – 4. ano - Fund. 1

"Compreensão"

"Abraços e sorrisos
sinceros"



Fonte: Acervo pessoal.

O objetivo de todo este trabalho sempre foi ver a alegria dos alunos, seja na situação em que eles se viam como as "obras de arte" de uma exposição, ou como atores/atrizes do espetáculo, sendo os protagonistas dessas histórias, foi uma das sensações mais gratificantes que já tive enquanto professora. Raquel Maia, em depoimento:

O empoderamento de ver vocês (se referindo a Mirely, aluna do 3º ano na época) montando ali na galeria aquela exposição, felizes. Foi ali também que eu vi que o teatro não era só pra isso, ele tava dando voz pra vocês. Porque geralmente o que a gente faz com os adolescentes? Do tipo, "eu to te ensinando e você presta atenção", não, eu vi a Cheila dando voz pra eles, empoderando, colocando vocês como protagonistas. E você Mirely é um exemplo disso, do tipo "ah não quero atuar, mas eu gosto desses bastidores. Hoje já tá atuando"³⁶.

Penso a educação neste lugar, onde como professora trabalho em parceria com o aluno e juntos ampliamos nosso conhecimento, e através dessa prática caminhamos para uma educação libertadora, que desperta no aluno o desejo pelo conhecimento, pelo empoderamento, seja ele na instância que for, para que assim eles tenham mais ferramentas para assumirem a responsabilidade por suas escolhas. Para que eles, além de se verem como protagonistas das histórias representadas no palco, também se vejam como os protagonistas das suas próprias histórias. Sobre isso escreve hooks:

[...] entrei nas salas de aula convicta de que tanto eu quanto todos os alunos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos. [...] A obra de Freire afirmava que a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar. (hooks, 2017, p. 26).

Figura 69 - Alunas: Maryna e Manu se reconhecendo nas fotos



Fonte: Acervo pessoal.

³⁶ Raquel Maia, em depoimento pessoal dado à autora, no dia 04 de setembro de 2023, no Solar Meninos de Luz.

Figura 70 - Benjamin, Sophia, Victória Lorryne, Sandra e Nilson Soares



Fonte: Acervo pessoal.

A educação emocional, é assim como outras habilidades do conhecimento, precisa ser desenvolvida, não existe um final, cheguei até aqui e está acabado, você aprende os princípios básicos e vai se aprimorando, aprendendo a aplicá-la em diferentes contextos.

Em depoimento pessoal dado à autora, Tatiana³⁷, acrescenta:

Qualquer habilidade que a gente tenha começado a trabalhar na criança, se a gente corta, ela vai se perder. Então se você começa a trabalhar isso e não dá continuidade não adiantou de nada [...] eu acredito que precisa ser trabalhado em todos os setores, para ter continuidade. Aqui a gente tem o trabalho de uma comunicação não violenta, a gente trabalha dessa forma. Então esse trabalho que vocês fazem, ajuda a reforçar o que a gente faz. O ganho disso é que são outras atividades, aulas complementares paralelas que também acabam trabalhando isso, isso acaba reforçando o método que é usado em sala de aula. Quando você vem com esse resgate, eles escutam a forma de falar de outras pessoas, eles trabalham os sentimentos com outras pessoas, então isso vai agregando, essa estrutura de poder falar o que eu sinto, mesmo que não seja adequado para aquele momento, eu consigo me expressar. Então as crianças se sentem mais seguras porque elas percebem que o entorno tem a mesma forma de falar que a sala de aula tem.

O primeiro passo para se pensar a educação emocional, é saber que isso existe, que pode ser estudada, não nascemos com um talento inato para reconhecer o que estamos sentindo, é preciso, e possível aprender. Concordando com hooks, sobre sua definição do ensino: Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças,

³⁷ Em depoimento pessoal dado à autora, no dia 21 de setembro de 2023, no Solar Meninos de Luz.

a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma (hooks, 2017, p. 21-22).

3.5.2 *Espectáculo teatral*

Todos os materiais recolhidos e analisados dos potes, junto às experiências das improvisações, serviram de inspiração para a criação da dramaturgia do nosso espetáculo, a partir do que juntos com os alunos, julgamos importante ressaltar dessa pesquisa. Entendendo que o importante das apresentações é o processo, que tem como preocupação contribuir para a formação do indivíduo.

"No Ritmo do Coração"³⁸ foi um espetáculo escrito para 170 alunos, desde a educação infantil até o Ensino Médio, temos uma breve amostra neste vídeo:

QRcodes 17 - codes Teaser espetáculo "No Ritmo do Coração" (2019)



Para chegarmos a esse texto e posteriormente ao espetáculo, foi um longo processo de pesquisa. Começamos a levantar material, através das aulas, em maio de 2019. A dramaturgia precisou ser pensada de uma forma em que pudéssemos criar e ensaiar a peça, respeitando a divisão das turmas e seus horários de aula. O texto foi todo construído a partir de núcleos compostos pelos alunos da mesma turma, criando as situações de acordo com as especificidades de cada grupo, dentro da linguagem deles. Como temos a música com um elemento muito presente nos nossos processos de pesquisa, resolvemos usá-la também na nossa montagem. Escolhemos algumas cenas, onde as emoções eram representadas por um gênero musical, e como muitos alunos também fazem aulas de dança, criamos, com a colaboração de outros professores da escola, coreografias para essas músicas, fazendo desse processo, algo muito especial, envolvemos pessoas de outras áreas, que somaram forças para a realização desse espetáculo.

³⁸ O termo inteligência emocional, usado nesse vídeo, bom como no texto em anexo, foi usado no início desta pesquisa, mas durante o mestrado, através de leituras no campo teatral e da psicologia, a partir das reflexões percebi que esse termo não seria apropriado.

Foram 12 semanas, 12 horas de ensaio para cada núcleo. Mesmo fazendo parte da mesma montagem, os alunos só se encontraram duas vezes, uma no dia do ensaio geral e outra na única apresentação, no dia 14 de novembro.

Escolhemos como linha narrativa do espetáculo, o desenvolvimento das emoções, suas funções e como elas influenciam nossos comportamentos e relações. Tendo como guia, a jornada de uma emoção que não sabe quem é.

Figura 71 - Espetáculo “No Ritmo do Coração” (2019)



Fonte: Renato Mangolin.

Amorzinho (Júlia): Com licença, é aqui a aula de inteligência emocional³⁹?

Prof.: (faz sinal para que ela entre) E você é...?

Amorzinho: Não sei.

[...]

Amorzinho: E assim, meio confuso, perdido, eu fui seguindo, tentando encontrar o meu lugar.

Amor adolescente (Emilly): Embarquei nessa viagem para me conhecer e conquistar o meu espaço.
(Sai)

A história inicia com personagens da mitologia grega: Anfisbena, Zeus, Prometeu e Epimeteu, que no prólogo nos trazem a criação da humanidade.

³⁹ Termo usado anteriormente, antes de me aprofundar nesse estudo.

Figura 72 - Personagens da mitologia grega



Fonte: Renato Mangolin.

Anfisbena (*Mitologia Grega, cobra de duas cabeças*)

N 1 (Júlia): Boa tarde senhoras e senhores!

N 2 (Lídia): A nossa história começa no...

N 1: começo!

N 2: Quando no mundo não tinha nada

N 1: Nem vaca nem galinha

N 2: Nem Adão ou Eva [...]

NO OLIMPO

(Abre-se a Cortina, Epimeteu, Prometeu e Zeus em posição. Irmãos, vestidos de artistas, criam suas obras de arte - animais e o homem de argila)

N 1: O Deus Epimeteu, filho de ZEUS, estava criando os primeiros animais (arcos bichos: Manu, Artur, Gabriela)

N 2: E Prometeu, irmão dele, construía da argila o Homem.

Na nossa versão, temos também a personagem Pandora e sua caixa, porém em vez da caixa carregar todos os males da humanidade⁴⁰, ela carrega todas as emoções. E a partir da curiosidade de Pandora, nosso espetáculo começa.

⁴⁰ Na caixa, segundo a mitologia grega, era possível encontrar todos os males da Terra como miséria, pobreza, contenda, morte, vícios, inveja, entre outras. Existia uma única coisa positiva dentro dela, a esperança. <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/caixa-de-pandora#:~:text=segundo%20a%20lenda,-,história%20da%20caixa%20de%20pandora,criação%20dos%20primeiros%20seres%20vivos.>

Figura 73 – Zeus e Pandora



Fonte: Renato Mangolin.

(Entra Zeus com uma caixa na mão)

Zeus (Jhonatan): Pandora?

Pandora (Mirely) : Sim, papai!

Zeus: Quero que leve para o Planeta Terra essa caixa de presente!

Pandora: Obaaa! (Faz o movimento de abrir a caixa).

Zeus: Mas NÃO poderá abri-la!

Pandora: Nunca?

Zeus: Never! Jamais! [...]

N 2: A mulher também tinha recebido dos Deuses a curiosidade!

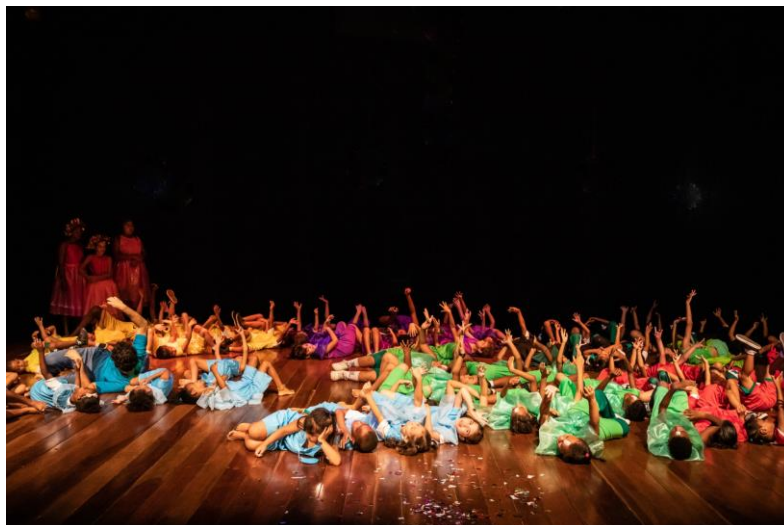
N 1: Então um dia, sem querer querendo...Pandora deixa cair a caixa, que se abre.

N 2: Neste momento saíram da caixa todas as emoções que conhecemos.

(papel colorido picado)

E quem dá vida a elas, são 75 crianças da educação infantil, por terem mais facilidade de trabalhar a ludicidade a partir da música, criamos uma canção com uma simples coreografia que representava o nascimento das emoções primárias: alegria, raiva, medo, calma, nojo, tristeza e "uma outra lá".

Figura 74 – Coreografia o nascimento das emoções



Fonte: Renato Mangolin.

“Nasceu! Nasceu! A sensação.
E com ela, nasceu uma emoção.
Um tapa, um berreiro. Choro de alegria e de pavor! Nasceu! Nasceu! O medo da dor.
Nasceu! Nasceu! A sensação.
E com ela, nasceu uma emoção.
Do peito escorreu uma nascente de energia. Nasceu! Nasceu! A primeira alegria.
Nasceu! Nasceu! A sensação.
E com ela, nasceu uma emoção
A perda, a negação, acabaram com a folia. Nasceu! nasceu! A raiva que subia...
Nasceu! Nasceu! A sensação.
E com ela, nasceu uma emoção
Respira e repara.... a brisa arejando a sua alma! Nasceu! Nasceu! O conforto da calma.
O passado deixou pegadas no chão
Nasceu, nasceu da tristeza o perdão.
O cachorro babou no meu prato de comida! Nasceu! Nasceu! O nojo da saliva" (Tauã de Lorena).

Figura 75 – Núcleo do medo



Fonte: Renato Mangolin (2019).

Figura 76 - Núcleo da calma



Fonte: Renato Mangolin (2019).

Posteriormente elas dão lugar aos 65 alunos do fundamental 1, que divididos em pequenos grupos, representavam as emoções. A história desse núcleo se passa em uma sala de aula, onde uma professora, analisa junto com as emoções, situações reais do dia a dia, ensinando as emoções, as suas funções e a importância de cada uma, contribuindo assim para a formação de suas identidades.

Figura 77 - Emoções



Foto: Renato Mangolin.

Professora (Eiko): Boa tarde... (Silencio, Atenção) Vocês sabem o que por que estão aqui?

(Alegria levanta a mão.)

Prof: Sim, alegria?

Alegria (Aline, Maria Clara, Lurdinha, Davi): Para fazer os humanos felizes?

(Nojo levanta a mão.)

Prof: Nojo.

Nojo (Évelin, Isabely, Cassi, Diogo, Jully): Pra evitar que eles comam uma fruta estragada...

(Medo levanta a mão.)

Prof: Medo quer falar?

Medo (Maria clara, Gabriel, Adriano, Ana Julia): Ou que sejam comidos por um leão!?

Prof: Rai..

Raiva (Grazi, Jasmine, Ana Lara, Lara Oliveira): Ah, como é que eu vou saber, professor?

Prof.: Bom... Vocês estão aqui pra cumprir suas funções, sim, mas principalmente para fazer história!!

Por causa de vocês, AS EMOÇÕES, os humanos vão travar guerras épicas...

Raiva: YEEEEAH, agora eu gostei.

Prof.: vão ter filhos e povoar o mundo, vão desbravar países e criar a tecnologia!

Alegria: tec- quem?

Professor: Tecnologia. isso fica pro futuro! Vamos lá, E-mo-ção, que são vocês, do Latim, Emovere, ou seja: movimento...

Todos: Ação!

Figura 78 - Coreografia da tristeza em ritmo de bossa nova, criada por Elana Vitória da turma de ballet avançado



Fonte: Renato Mangolin.

“Tristeza não tem fim, felicidade sim

Eu tava só brincando
com as minhas amadas figurinhas
Só queria ser feliz.
Mas pelo visto foi por um triz.
Tristeza não tem fim, felicidade sim” (Tauã de Lorena).

Figura 79 - Coreografia da tristeza executada pelas alunas do Fund. 1



Fonte: Renato Mangolin.

Figura 80 - Samba representando a alegria, criado pelo professor de dança de salão, Fernando Barbosa



Fonte: Renato Mangolin.

Sonhei com o mundo que eu queria. Recheado de prazer e harmonia. Sonhei que as pessoas eram amigas. Preocupadas em saber o que eu sentia. Sonhei com as flores nas janelas, borboletas amarelas, desenhando uma aquarela, que nunca descolorirá. Sonhei uma eterna euforia. Sem saber o que fazer então gritei: Alegria. (Tauã de Lorena).

Quando as emoções entram para a fase da adolescência e adulta, as emoções primárias, vão ficando mais complexas, incluindo assim, a inveja, o ciúme, a ganância, o pânico, a ansiedade, e claro, o equilíbrio, o cenário que escolhemos para dar base a essa abordagem foi uma sala de terapia de grupo, onde 30 alunos do fundamental 2 e Ensino Médio, passam por situações, onde as emoções afetam as relações humanas.

Figura 81 - Onde as emoções afetam as relações humanas



Fonte: Renato Mangolin.

Dona Equilíbrio (Lorrayne): Boa tarde! Vamos começar mais uma sessão. Já posso ver cara nova.

Inveja (Amanda e Maria Ed. Firmino): A voz dele é tão bonita... Como pode?!

Ciúmes (Janiele e Ana Carolina): Mais do que a minha?

Ansiedade (Sttefany e Nycolle): Temos uma integrante nova!!! Quem é você? Eu começo me apresentando! Ai, devia deixar você falar primeiro. Mas eu não consigo!!! Eu sou a ansiedade. Você já percebeu, né? Prazer! Vamos ser amigas. Ou não. É melhor que sim!

Pânico (Beatriz e Lorena): Eu já vou falar logo pra não sofrer.

Dona Equilíbrio: Muito bem, pânico!

Pânico: Apareço em estados de alerta. Minha intenção é proteger do perigo, mas às vezes acabo matando. No meu ápice, faço correr bem rápido ou congelo o corpo todo. AAAAAAH.

Inveja: Eu raramente mato mas deixo as pessoas cegas. Onde tem alegria e felicidade eu apareço como ressentimento. Imagina querer algo que é do outro... mais que isso, querer que o outro perca aquilo que tem. Entende?

(Amor faz que não com a cabeça)

Ganância: Garota, já ouviu falar das Guerras? De Tróia, do Peloponeso, dos Cem Anos, das Rosas, dos Farrapos... Tudo eu! Eu, eu, eu, eu, eu.

Amor: Ego?

Todos: Ganância!

Amor: Muito prazer.

Com esse núcleo podemos explorar emoções e situações mais complexas, colocando luz nos temas trazidos por eles, como violência doméstica, preconceito religioso, gravidez na adolescência, acreditando que mais do que entender as emoções é importante pensarmos no que as provoca, o que está no seu entorno e como trabalharmos a empatia.

Nas fotos abaixo, por exemplo, temos a emoção da raiva, sendo explorada em uma cena de violência doméstica. Somos um dos países que mais matam mulheres⁴¹, e essa violência é

⁴¹ Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2013 o Brasil já ocupava o 5º lugar, num ranking de 83 países onde mais se matam mulheres. São 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, em que quase 30% dos crimes ocorrem nos domicílios. Além disso, uma pesquisa do DataSenado (2013) revelou que 1 em cada 5 brasileiras assumiu que já foi vítima de violência doméstica e familiar provocada por um homem. Os resultados da Fundação Perseu Abramo, com base em estudo realizado em 2010, também reforçam esses dados – para se ter

presenciada por alguns alunos em suas casas, não tivemos nenhum relato de mortes, mas a violência é comum, influenciando inclusive o comportamento dos filhos que replicam as atitudes dos pais. Os alunos fizeram questão de falar sobre isso, principalmente por nossa plateia ter um grande percentual de familiares que vão assistir as apresentações, e levar esse tema através da cena pode causar um outro tipo de reflexão, como já apontava o conceito de Vygotsky:

Partindo do conceito vigotskiano da experiência estética como via de expressão emocional, compreende-se que as emoções suscitadas pela fruição demandam um processo de catarse capaz de reelaborar e conferir novo sentido às emoções. Mais uma vez, portanto, evidencia-se o potencial da arte enquanto instrumento psicológico que permite a reelaboração e a ressignificação das vivências emocionais, conduzindo à tomada de consciência e à reflexão sobre as relações que estabelece em seu meio, histórica e culturalmente situado. Trata-se, portanto, da possibilidade de desenvolver a autoconsciência a partir da mediação da arte. A catarse produzida na experiência artística promove o desenvolvimento da autoconsciência e gera novas possibilidades de ação, conduzindo a transformações qualitativas das interações sociais e do posicionamento pessoal frente às demandas concretas da realidade diária. (Faria, Dias, Camargo, 2019, s.n).

Figura 82 - Na cena os pais "resolvem" suas diferenças de pensamento através da violência.

Alunos: Jhonatan e Vitória



Fonte: Renato Mangolin.

uma ideia, a cada 2 minutos 5 mulheres são violentamente agredidas. Outra confirmação da frequência da violência de gênero é o ciclo que se estabelece e é constantemente repetido: aumento da tensão, ato de violência e lua de mel. Nessas três fases, a mulher sofre vários tipos de violência (física, moral, psicológica, sexual e patrimonial), que podem ser praticadas de maneira isolada ou não. <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/o-que-e-violencia-domestica.html>

Figura 83 - Aqui temos as filhas do casal, que repetem as atitudes de seus pais, replicando a violência. Alunas: Maria Vitória e Vitória Lima



Fonte: Renato Mangolin.

Ou ainda, a raiva sendo propulsora de mudança:

Amor: O mundo já está cheio de dor, destruição, violência, ódio... Quem precisa mais disso? Vocês estão se tornando comuns, banais! Se querem mesmo serem importantes devem usar a força dessa família em outro lugar.

Sr. Raiva: Ela tá querendo que a gente se mude?

Dona Justiça: Não é isso. Só com o poder de vocês, da sua virilidade e coragem o planeta pode ser salvo da injustiça.

Sra. Raiva: Você sabia disso o tempo todo e não nos disse nada?

Dona Justiça: Eu tentei, mas vocês não quiseram me ouvir.

Amor: Vocês foram afetados por uma doença muito comum entre as emoções da raiva. A cegueira generalizada.

Sra Raiva: Cegueira??? Mas eu enxergo perfeitamente. Quantos dedos tem aqui?

Sr. Raiva: 3!!

Amor: Parece que estão vendo as coisas com clareza, mas não percebem que estão se auto-destruindo.

Sr Raiva: Autodestruindo?!

Sra. Raiva: Vamos entrar em extinção como a Onça Pintada? *(fazendo a onça)*

Sr. Raiva: O que a gente faz pra reverter isso??

Amor: Imaginem só, sairmos pra rua... Gritos-de-guerra, cartazes...

Sra. Raiva: Eu gosto de gritos de Guerra!

Dona Justiça: Sons de Tambores!!

Casal: Tambores??? Já estou enxergando.

Figura 84 – Coreografia criada pelo aluno Jhonatan, praticante do candomblé, fazendo o chama "Alujá" um toque para Xangô, o orixá do trovão e do fogo



Fonte: Renato Mangolin.

Essa coreografia, foi trazida pelos alunos, porque queriam falar sobre a intolerância religiosa⁴², a fim de causar reflexões na plateia e entre os próprios alunos, que lidam com preconceito e falta de respeito com pessoas que são de religiões diferentes das suas. Só nesse ambiente escolar temos alunos do Candomblé, Católicos, Espíritas, Evangélicos e ainda os Ateus.

Paulo Freire nos traz um exemplo onde transforma a raiva em algo positivo:

Me parece que há ainda um elemento fundamental na assunção de que falo: o emocional. Além do conhecimento que tenho do mal que o fumo me faz, tenho agora, na assunção que dele faço, legítima raiva do fumo. E tenho também a alegria de ter tido a raiva que, no fundo, ajudou que eu continuasse no mundo por mais tempo. Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade. (Freire, 2022, p. 41).

Foi através da raiva que conseguiu parar de fumar, porque a raiva o fez perceber que tal ato, poderia o levar à morte, uma vez constatado isso a sua raiva foi um motor para que ele pudesse mudar, transformando assim este estado de superação em alegria, por saber que teria mais anos de vida, no que dependesse do não uso de nicotina.

⁴² Intolerância em geral é a atitude odiosa e agressiva a culturas e opiniões diferentes das suas próprias, sendo a intolerância religiosa materializada por condutas de deslegitimação de crenças e religiões que diferem das suas, de modo a estigmatizar, excluir, desqualificar, segregar e silenciar as crenças e rituais considerados inferiores, em uma tentativa de manutenção do exercício de poder do que é socialmente visto como hegemônico. [https://site.mppr.mp.br/nupier/Pagina/Intolerancia-religiosa#:~:text=\(...\),práticas%20religiosas%20consideradas%20não%20hegemônicas](https://site.mppr.mp.br/nupier/Pagina/Intolerancia-religiosa#:~:text=(...),práticas%20religiosas%20consideradas%20não%20hegemônicas).

Essa raiva positiva, usada como motor, também foi usada na nossa peça, como um momento de protesto, onde os alunos, depois de conversas e pesquisas, chegaram no ponto de que as manifestações, atos recorrentes naquela época, era uma forma de catalisar a sua raiva, sua indignação para algo concreto que não necessariamente seria uma agressão, mas sim o combustível pela luta dos nossos direitos. E entendemos nossos direitos quando somos convidados a ter um pensamento crítico, a aliar nosso aprendizado com a prática, com o que nos cerca.

Figura 85 - Coreografia do Hip Hop criada pelo Professor de matemática da escola: Victor Lima I



Fonte: Renato Mangolin (2019).

Figura 86 – Coreografia do Hip Hop criada pelo Professor de matemática da escola: Victor Lima II



Fonte: Renato Mangolin (2019).

“Eu vou mandar o papo reto que é pra vocês se "ligá"...
 Se continuar assim, o barco vai afundar!
 Não sou o primeiro a falar, outros falaram antes de mim: Mandela, Gandhi, Jesus Cristo, Kardec,
 Martin Luther King. O sentimento é raiva, o verbo é ação.
 A hora é agora, não dá mais para adiar não.
 Se a gente não se mexer, não vai sobrar mais nada.
 Índio, negro, gay, mulher, a nossa fala censurada.
 Já bem dizia a minha mãe, lá no meio do sertão.
 Um cabra macho de verdade não precisa de arma não.
 Queremos mais dignidade, saúde, paz, educação, queremos mais samba no pé
 Aqui é nós, eles não!
 E se não for pra botar o dedo na ferida, a raiva nem aparece, que ela não é comedida.
 Ela diz toda a verdade, numa tacada só. Vem aquilo tudo à tona, sem pena e nem dó. Um dia vamos
 lembrar da fala daquele índio,
 Que já tinha avisado tudo desde o início
 Quando as águas secarem, e a Amazônia perecer,
 Os homens vão perceber que dinheiro não se come”.
 (Tauã de Lorena)

bell hooks aponta que é fundamental que o professor estimule o espaço de troca entre os alunos, tanto para construção de um ambiente onde o aluno se sinta seguro e incluído, como para valorização de cada individualidade.

Segundo minha experiência, um dos jeitos de construir a comunidade na sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual. [...] Ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala. (hooks, 2017, p. 58).

E assim foi todo nosso processo, com muita escuta e replanejamento de rotas, inclusive quando soubemos que uma das alunas estava grávida, como coletivo achamos importante trazer reflexões sobre a gravidez da adolescência, mas também queríamos fazer desse espaço, um lugar de acolhimento, ressaltando o amor que estava sendo gerado junto com essa gestação, porque isso era importante para a turma, como nos conta a aluna Mirely⁴³:

Eu entrei em uma turma e até eu me formar eu fiquei com a mesma turma. Então tem muito isso no Solar, mesmo dos colegas que a gente não gostava, ou sofria bullying, ou brigava, sempre tinha no final, esse acolhimento, de um se reconhecer no outro como "menino de luz". Na minha turma teve 3 meninas que "ficou" grávidas, em anos seguidos, e todas as vezes a gente fez chá de bebe, não teve julgamento, a gente se unia.

⁴³ Depoimento pessoal dado à autora, no dia 04 de setembro de 2023, no Solar Meninos de Luz.

Figura 87 – Cena onde a personagem do amor, descobre sua identidade



Fonte: Renato Mangolin.

Dona paz (Lídia): Essa é a Dona fé, às vezes ela atrasa mas sempre aparece. Agora, com a tríplice unida, te pedimos mãe para que passe seus saberes, através de nós, para essa que está em metamorfose.

Dona fé (Érika): Que essa emoção atinja sua maior forma e espalhe em grandeza sua força.

Dona Esperança (Júlia): Você vai experimentar nosso rito de passagem e ao final terá toda a certeza de que precisa para continuar.

Vó (Samira): E você vai ver, quando seus olhos encontrarem os olhinhos dela, uma onda de coragem vai te envolver!

(Amor pleno se vira para Menina as duas se olham nos olhos e fazem alguma pequena coreografia (espelho) enquanto as outras cantam ou fazem sons com a boca, mãos e pés. Ao final, as suas personagens serão uma só e estarão ao centro de um mapa feito de lã)

Menina (Alê): Amor!

Amor (Fabia): Claro!! O amor!! Eu só poderia atingir minha maior forma estando dentro de você! Eu sou o amor!!

Menina (Alê): Então, se você está dentro de mim, eu também sou o amor?

Amor (Fabia): sim!!! Nós somos o amor, aquele mais puro que escorregou pra fora da caixa da Pandora!

Menina (Alê) : Pandora?

Amor (Fabia): Pandora, filha de Zeus que.. Ah te explico outra hora. O que importa é que está pra nascer o fruto mais lindo!!

Menina (Alê): Uma criança?

Amor (Fabia): Uma mãe!

Durante esse ano aprendemos a buscar, e encontrar alguns caminhos que contribuem, tanto para o desenvolvimento artístico do aluno, bem como para essa forma de pensar a educação, onde priorizamos o desenvolvimento integral do aluno, onde cada reflexão, merece ser ouvida e acolhida. Discutir as emoções não é só falar que temos medo, raiva, mas sim, entendermos o que desperta esses sentimentos, suas causas e levantar essas questões para serem debatidas e trabalhadas. Através desse “pano de fundo” das emoções podemos acessar os

sentimentos mais íntimos dos alunos, como afirmam (Faria, Dias, Camargo, 2019, s.n): "a arte tem o poder de suscitar vivências mobilizadoras de emoção que possibilitam a geração de novas formas de sentir e estar no mundo".

Figura 88 – Publicações sobre o projeto Emoções que transformam



Fonte: Acervo pessoal / Acervo Solar.

Depois desse extenso e riquíssimo ano, para nossa alegria, em 2020 esse trabalho virou uma matéria na revista Guia do professor Educação Infantil + Conteúdo de Fundamental I e no site Projetos Pedagógicos Dinâmicos, da educadora, especialista em pedagogia de projetos e educação infantil, Paty Fonte⁴⁴.

Ter esse reconhecimento nos faz acreditar ainda mais na importância de pensar em formas de implantar a educação emocional nas escolas, pois acreditamos que seja algo que contribui significativamente na formação do aluno e auxilia as pessoas que estão à sua volta, é uma conquista, não só enquanto professores, mas como seres humanos conscientes da nossa responsabilidade com o próximo, acreditando que essa forma de pensar o ensino/aprendizagem vai muito além da compreensão das emoções de uma personagem, eles conseguem vivenciar essa aprendizagem integralmente, porque é significativa em outros ambientes para além daquela matéria específica, uma vez que contribui para a maneira que o aluno se vê e se coloca no mundo, como afirma hooks:

A educação em sua melhor forma - essa profunda transação humana chamada ensino e aprendizagem - não está relacionado apenas à informação adquirida ou a conseguir um emprego. Educação tem a ver com cura e plenitude. Está relacionada com o empoderamento, libertação, transcendência; renova a vitalidade. Diz respeito a encontrar e reivindicar nossa existência e nosso lugar no mundo (Parker apud hooks, 2021, p. 70-71).

Esse poderia ter sido só mais um projeto de 2020 que começou cheio de sonhos. A MUSA Cia teatral, completava 5 anos de parceria com o Solar Meninos de Luz. Seria um ano de muitas comemorações. Logo no início do ano, a Cia. junto ao Solar, foram convidados pelo Teatro Nacional da Grécia a colaborar em um programa educacional de intercâmbio entre jovens alunos de teatro. Os grupos de estudantes do Teatro Nacional, dirigido por Sophia Vgenopoulou e do Solar Meninos de Luz, coordenado por Cheila Oliveira, sob a orientação de Sotiris Karamesinis, trabalhariam durante o primeiro semestre (fevereiro a junho) na pesquisa e montagem da peça "As Aves"⁴⁵, de Aristófanes. Em junho deste mesmo ano, reuniríamos os adolescentes gregos e brasileiros em Atenas, para um workshop de duas semanas. Juntos, os

⁴⁴ Idealizadora e diretora do site Projetos Pedagógicos Dinâmicos. Autora de centenas de projetos já desenvolvidos com sucesso em várias escolas brasileiras. Escritora – autora dos livros Projetos Pedagógicos Dinâmicos: a paixão de educar e o desafio de inovar e Pedagogia de Projetos: ano letivo sem mesmice, ambos publicados pela WAK editora. Colunista de revistas didáticas e paradidáticas. Autora e tutora de diversos cursos presenciais e online de formação continuada a docentes. Coach, palestrante e conferencista. <https://br.linkedin.com/in/patyfonte>

⁴⁵ A peça escrita entre 455-375 A.C., por Aristófanes, maior referência da comédia antiga, traz uma reflexão profunda sobre os comportamentos humanos dentro da sociedade. De uma forma cômica, "As aves", aborda os defeitos humanos em um local onde não há existência humana. No espetáculo, dois homens fogem de suas realidades, buscando no espaço sagrado das aves um novo lugar para viverem, porém acabam levando seus defeitos com eles, transformando tudo em uma enorme confusão. (Sinopse do espetáculo escrita por Sotiris Karamesinis em 2020).

dois grupos teriam a oportunidade de desenvolver o trabalho e apresentá-lo ao público ateniense.

Além desse importante projeto, no final do ano remontaríamos o espetáculo "O Príncipe Feliz" de Oscar Wilde, que apresentamos no início do trabalho com as crianças, e que virou o documentário "Happy Princess", já citado na introdução deste trabalho, que tem uma carga emotiva muito grande para todos nós: "O Príncipe Feliz é o Solar, ele conta nossa história" (Fala de Isabella Maltaroli, na Live "Nos Bastidores de "Príncipe Feliz").

QRcodes 18 - Live "Nos Bastidores de "Príncipe Feliz" (2020)



Porém:

No dia 20 de março de 2020, o Senado brasileiro aprovava o decreto legislativo reconhecendo o estado de calamidade pública no Brasil em decorrência do novo coronavírus. Iniciava-se aí a longa e turbulenta história brasileira diante do surto da doença que passaria a se denominar Covid-19, que perdura por meses e totaliza milhares de mortos e infectados por todo o País. (Russeff, 2021, p. 8).

Nos meses que se seguiram encaixotamos os nossos planos e transformamos nossos encontros semanais das aulas de teatro, em encontros mediados por uma tela de computador, aprendendo a lidar com todos os desafios advindos deste triste capítulo da nossa história.

Mesmo com todas as dificuldades, em 2020 criamos o grupo de extensão da escola, com alunos do 3º ano do ensino médio que queriam dar segmento as aulas de teatro, mas que não dispunham de tempo dentro da grade curricular e no final do ano, junto com alguns alunos do fundamental 1 e 2, gravamos o curta metragem "O Príncipe Feliz" de Oscar Wilde, agora priorizando a história original do conto.

QRcodes 19 - Curta Metragem “O Príncipe Feliz” - Oscar Wilde (2020)



Em 2021 com a flexibilização da pandemia, decidimos junto à instituição, abrir vagas para qualquer jovem que tivesse interesse em estudar teatro, podendo ser das comunidades do Pavão/Pavãozinho/Cantagalo e também de outras regiões da cidade, tivemos 10 inscritos marcando os primeiros passos desse grupo em romper com a divisão entre asfalto⁴⁶ e comunidade. No final de agosto, depois de um mês de vivência, 05 novos integrantes ingressaram no grupo de extensão e montaram seu primeiro espetáculo teatral: "Por Trás do Sonho", inspirado em "Sonho de uma Noite de Verão" de William Shakespeare.

QRcodes 20 - Teaser “Por Trás do Sonho” (2021)



⁴⁶ O termo "asfalto" é utilizado, embora já esteja caindo em desuso, pelas pessoas que moram nas favelas para denominar os bairros (Coutinho, 2006, p. 110).

QRcodes 21 - Espetáculo “Por Trás do Sonho” (2021)



O espetáculo além de ser apresentado no Solar, fez uma pequena circulação. Foi o primeiro espetáculo da escola que saiu da comunidade ganhando os teatros da cidade.

A peça Por Trás do Sonho saiu do palco do Teatro do Solar Meninos de Luz e está ganhando o mundo. Pela primeira vez uma peça da nossa Escola de Teatro será apresentada em outros palcos e o Solar segue abrindo portas para que nossos jovens descubram que a arte pode ser um novo caminho que pode ser percorrido de forma profissional. (Solar Meninos de Luz, 2024, online).

Esse também foi o primeiro espetáculo que dirigi, estou me formando diretora, junto com esses alunos, que estão se formando atores. Esse espetáculo também foi marcado pelo início do trabalho da aluna Mirely de Jesus, ex-aluna da escola, como visagista, figurinista, cenógrafa e assistente de produção do grupo, iniciativa essa que se estendeu a outros 4 ex-alunos, que começaram a trabalhar como monitores das aulas de teatro e que pensam em ingressar em outras funções artísticas.

A cada ano uma nova edição do projeto da escola de teatro se inicia e junto com ela um novo espetáculo. Em 2022 o texto escolhido foi "O Nariz" de Nikolai Gógol:

QRcodes 22 - Teaser “O Nariz” Nikolai Gógol (2022)



QRcodes 23 - Espetáculo “O Nariz” Nikolai Gógol (2022)



Com esse espetáculo, além de continuarmos com o movimento de ocupar os teatros da cidade, fizemos uma pequena circulação no ano de 2023 e também fomos agraciados com a participação em 2 festivais de teatro. O espetáculo foi selecionado para representar a região sudeste no festival “Nova Cena”, em Santa Catarina e no 17º Festival Nacional de Teatro de Duque de Caxias, RJ.

Essas conquistas, não se tratam "simplesmente" de participar de um festival, como se isso por si só já não fosse o bastante. Essas rupturas que esses alunos, na sua maioria moradores das comunidades estão fazendo, mostrando que o que existe na favela, vai muito além do que é enfatizado pelas mídias, que o teatro produzido em uma escola, também pode ter qualidade, ajudam a reafirmar para esses jovens atores o potencial de cada um, incentivando à acreditarem mais em si mesmos e no que podem realizar, estimulando elas e eles a lutarem pelos seus sonhos, contribuindo para a transformação de realidades individuais e coletivas, além de mais uma vez reforçar que precisamos investir na democratização da produção cultural, temos muitos talentos, pessoas que desejam se dedicar ao teatro como profissão, seja atuando ou em outras áreas, mas que muitas vezes não tem oportunidade.

O grupo também foi responsável por "dar vida" à história do nascimento do Solar Meninos de Luz, através do espetáculo "O Renascer da Esperança - Uma história de Luz", retratando os 40 anos da instituição dentro do morro do Cantagalo em 2023.⁴⁷

⁴⁷ <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2023/12/6758308-solar-meninos-de-luz-comemora-40-anos-com-apresenta-cao-inspirada-em-personagens-reais.html#>

QRcodes 24 - Teaser “O Renascer da Esperança - Uma História de Luz (2023)



QRcodes 25 - Espetáculo “O Renascer da Esperança - Uma História de Luz (2023)



E no presente momento, enquanto finalizo essa escrita, montamos o espetáculo infanto-juvenil "A Margem Invisível", escrito a partir dos ensaios com o grupo, com temáticas relacionadas a questões sociais e ambientais, que terá sua estreia no Solar no dia 17 de julho de 2024.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TESOURO PARA ALÉM DO ARCO-ÍRIS

Constatamos neste período de pesquisa, que falar das emoções é falar do pote de ouro que existe para além do arco-íris. Na lenda irlandesa, elfos e duendes podem levá-lo ao famoso e desejado pote no fim do arco-íris, porém dizem que o arco-íris não tem um ponto final, mas sim uma dispersão cromática da luz, assim também é a nossa jornada de autoconhecimento e crescimento emocional, não tem uma conclusão definitiva, é um processo contínuo, cheio de descobertas e inconclusões. Assim como nós seres humanos, somos seres inconclusos, essa pesquisa termina como uma inconclusão, em movimento.

No início deste estudo, as perguntas que me moviam eram: Será possível, através das aulas de teatro, desenvolver nos alunos uma consciência mais profunda e melhor organização das emoções? Como tornar esse entendimento da sala de aula uma extensão para a sua vida cotidiana? No decorrer desse processo, entendo que o método MUSA (Sistema Musical de atuação) junto às demais metodologias que se entrelaçam, foram catalisadores para que os alunos aprendessem a identificar as suas emoções e a colocá-las à disposição dos jogos, dos projetos artísticos. A mistura entre realidade e ficção, a personagem e o não-personagem, o corpo como proposta central das aulas, foram ferramentas que proporcionaram aos alunos se conectarem com suas próprias emoções e se compreenderem melhor. Posso supor que através dessa abordagem intuitiva e sensível, que prioriza a escuta afetiva, cumprimos com esse objetivo. É possível trabalhar as emoções, nomeá-las, melhor entendê-las, aumentar a empatia. Afinal, o autoconhecimento influencia diretamente na organização das emoções e elaboração dos nossos sentimentos.

Constatamos, por meio de uma metodologia realizada em forma de aulas, acompanhamento dos alunos, depoimentos de familiares e responsáveis pelos setores pedagógicos, que há sim transformações perceptíveis no comportamento dos alunos, que ficaram mais evidentes, a partir desse processo. Eles passaram a se ouvir melhor, manifestar o que sentem com mais frequência, expressar suas opiniões, a olhar para o outro com mais atenção, carinho e respeito, ações essas que foram para além do ambiente escolar, reverberando na forma como eles se relacionam em casa, com seus familiares. Reconhecendo que ter um melhor entendimento sobre as emoções permite dar significado ao seu próprio processo de sentir e compreender a si e ao mundo e a interferir nesse mundo com ações e transformações e não como meros espectadores. Porém, não temos como afirmar que todos que passaram por esse processo, conseguem organizar suas emoções em todos os momentos e indiferente das situações, seria uma especulação e presunçoso de nossa parte, mas acreditamos que conseguimos oferecer pequenas frestas onde eles puderam fazer um mergulho mais profundo

dentro de si, onde suas emoções foram acolhidas e partilhadas sem julgamentos, onde eles puderam experimentar distintas maneiras de lidar com essa grande panela de pressão que existe dentro de cada um.

No decorrer desta escrita, muito se perguntou sobre as minhas emoções. Elas são aquele monstrinho do início do livro "O Monstro das Cores", não tanto no sentido da bagunça literal, mas no misto de emoções que derivam na passagem de tantos anos, aqui retratados.

Desde o medo do desconhecido e a insegurança diante de um caminho incerto, quando saio do "meu lugar seguro" onde já tinha minha instabilidade, trabalho e amigos, em busca de novos mares desconhecidos que me levam para um caminho nunca antes imaginado, uma sala de aula, onde a preocupação de não ser suficiente e a incerteza sobre se estou fazendo o certo permearam meus pensamentos, até os momentos de calma que me possibilitam acreditar que a esperança reside naquilo que semeamos através do amor e que oferecer uma educação de qualidade, onde os abismos entre classes sociais sejam menores, e que esses alunos sejam os protagonistas de suas próprias histórias, faz parte desse ato. Onde professores e alunos tenham sede pela busca do conhecimento, rompendo com a ideia tradicional de que somos seus únicos detentores, e nos colocar, lado a lado com o aluno, criando uma comunidade de ensino e aprendizado que vá além de uma simples repetição e memorização. É fundamental pensar em pedagogias que favoreçam o protagonismo dos alunos, que articulem vivências, saberes e inquietações em situações dialógicas de construção de conhecimentos.

E como falar de um mestrado em ensino de artes cênicas, sem uma dose extra de amor? Longe de querer romantizar a educação no Brasil, a falta de incentivo e valorização dos professores e funcionários, o sucateamento das escolas e universidades públicas, a falta de incentivo financeiro para desenvolvermos esse processo de pesquisa, que nos obriga conciliar uma agenda de trabalho e estudo inconciliável, fatores esses que em muitos momentos despertam nossa ira, desesperança e sentimentos de impotência e abandono. Mas sem querer ser clichê, falar desse processo é também falar de amor e muita coragem. Só o amor nos faz passarmos por tantas adversidades e ainda assim seguirmos nos reinventando, e o que faz florescer o amor por esse trabalho, são sem sombra de dúvidas, os meus alunos, tenho um carinho enorme por eles, muitos ali eu vi crescer, começaram a fazer teatro quando ainda crianças e hoje alguns são meus colegas de trabalho, acompanhar o desenvolvimento delas e deles, ano a ano, dividir suas alegrias, tristezas, o frio na barriga de se apresentar pela primeira vez, o choro de alegria depois de uma boa apresentação, a roda antes de cada estreia, onde segurarmos um a mão do outro, reafirmando que teatro, assim como a educação, não se faz sozinho, é o que move essa professora que tenta encontrar beleza e leveza nos olhos de cada

uma dessas crianças/adolescentes, meus pequenos tesouros. E nessa missão também entra a minha admiração e carinho por todos os funcionários que fazem do Solar Meninos de Luz, esse espaço que emana cuidado e dedicação.

Neste momento final, também sinto um bocado de alegria, mesmo diante dos desafios e percalços do caminho, essa pesquisa me fez olhar para a minha prática pedagógica com distanciamento e me alegro em constatar o que foi feito. Quando estamos imersos em um processo, é difícil mensurar tudo o que está acontecendo. Resolvemos problemas, atendemos as demandas, mas nem sempre temos a visão geral ou a amplitude do que está sendo alcançado. No entanto, quando conseguimos nos distanciar, nesse caso, depois de 4 anos, volto a ter acesso aos registros fotográficos, vídeos, depoimentos e a própria memória, podendo observar a jornada com um olhar mais amplo, de quem experienciou outras coisas na vida, já passou por outros processos enquanto professora, enquanto artista, isso nos permite ter um olhar diferente para prática e o mais importante, nos permitem mapear o que funcionou, o que precisa ser alterado e como a prática evoluiu.

Durante o mestrado, tive a oportunidade de digerir e formular esses conhecimentos e assim, analisar a minha prática com mais profundidade, com mais ferramentas que me possibilitam, questionar e buscar abordagens que estimulem o desenvolvimento dos alunos de forma prazerosa e alinhada ao princípio da educação como prática da liberdade. Acreditando que através do conhecimento temos mais autonomia para trilhar nosso próprio caminho, questionar padrões e buscar diferentes possibilidades. Mesmo que não sinta que essa escrita esteja totalmente pronta, tem muitos livros ainda na prateleira esperando para serem estudados, o mestrado me possibilitou colocar uma lente de aumento em todo esse processo, permitindo-me elaborar o que aconteceu e pensar em um plano de ação para o futuro, que valoriza uma educação onde o instintivo, o intuitivo, o sensível, o emocional, façam parte do sistema de ensino. Acreditando que esses fatores são essenciais para que possamos assumir a responsabilidade por nossas ações e decisões, e que o entendimento disso, nos permite considerar o impacto de nossas escolhas e agir no mundo.

As emoções fazem parte de nossos processos da vida e compõem esse corpo/mente, razão/emoção, é essencial que as escolas considerem esses aspectos no processo de ensino-aprendizagem do aluno, onde ele possa desenvolver-se não só pelo viés educativo convencional, que se concentra apenas nos conteúdos curriculares, mas que o desenvolva de uma forma integral, valorizando todas as instâncias do seu ser. Que valoriza cada experiência, cada interação, afinal é isso que molda nossa identidade e influencia nossas escolhas.

A cada ano que passa observamos mais feições melancólicas e cansadas nas escolas, além de constatarmos um crescente aumento de sintomas psíquicos como, estafa, estresse, crises de ansiedade, síndrome do pânico e diferentes quadros depressivos. Somente em 2023 foram 9 ataques em escolas no Brasil, cometidos geralmente por alunos ou ex-alunos da escola. Será que se esses alunos tivessem um melhor direcionamento para a compreensão das suas emoções, teríamos um cenário diferente?

Existem diferentes formas para se pensar nessa educação que prioriza o aluno na sua integridade, aqui optamos pelo fazer teatro, e podemos constatar, que essa abordagem, para esses alunos foi importante e os auxiliaram nesse entendimento sobre as emoções. Além disso, esse estudo contribui para a compreensão do que significa ser humano, portanto não questionam apenas os alunos que participaram, mas questionam principalmente nós, professores, pesquisadores.

E agora me refaço a pergunta do início: Quantos “eus” ainda existem em mim? A menina que saiu para navegar em mares desconhecidos com uma mala cheia de sonhos, coragem e incertezas, hoje entende que pode ser vários “eus” e que as emoções dentro dela transitam o tempo todo e isso a torna humana, e que ser atriz, foi e é fundamental para poder ensinar teatro e ir construindo a mulher professora, coordenadora, diretora, entendo que esses eus se formaram concomitantemente, tanto na formação acadêmica, quanto no dia a dia, e é interessante perceber que, neste processo, "todos os meus eus" se questionaram (e continuam em profundo questionamento) sobre sua prática.

Finalizo a escrita aqui, mas todos os anos, mesmo na época da pandemia, continuamos trabalhando a questão das emoções dentro do teatro, porém com outras perspectivas, com outros tipos de jogos, não mais sendo o foco de um produto artístico no final, mas trazendo essa abordagem para dentro da sala de aula, possibilitando essas discussões de formas diferentes, constatamos que os assuntos que permeiam cada emoção, muitas das vezes são os mesmos, porém com outros pontos de vista. A exemplo dessa pesquisa que segue se desenvolvendo, em 2023 fizemos "as caixas das emoções", durante um trimestre elas ficaram disponíveis no teatro, junto a papel e caneta. Sempre que os alunos tinham aula de teatro e quisessem expor o que estavam sentindo, poderia usar um momento da aula para expressar a sua emoção, e deixar esse material na caixa. No final do trimestre, as professoras fizeram uma pré-seleção, analisando os assuntos mais recorrentes, e mais uma vez, as emoções, os temas que as causam, as diferentes perspectivas de como lidar, foram discutidas e trabalhadas no palco, não com a finalidade de se tornar um novo espetáculo, mas sim, como uma maneira de através do fazer teatral darmos vazão ao nosso ser sensível e intuitivo.

A conscientização e melhor direcionamento das formas como lidamos com as emoções, pode não acontecer de imediato, mas com a prática, com o direcionamento correto, percebemos os gatilhos que as provocam e assim temos uma maior autonomia na forma que lidamos com elas.

Esta pesquisa não termina aqui, muito pelo contrário, ela se tornou o começo de uma investigação muito maior que eu desejo realizar, seja dentro ou fora dos espaços acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papyrus, 2000.

ACHCAR Ana. **Cadernos de texto sobre rasaboxes**. Rio de Janeiro: UNIRIO/ Núcleo do Ator - Investigação e Documentação Teatral, 2016. (Coleção Cadernos; n. 4).

BECKER, Fernando. Jean Piaget e António Damásio: Ensaio de aproximação. Schème **Revista Eletônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 6, n. Especial, nov. 2014. Disponível em: <www.marilia.unesp.br/scheme>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BENETTI, Collodel Idonézia. Resenha do livro “Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro”. **Rev. Neuroscience**, v. 17, n. 3, p. 301-3, 2009.

Bíblia Sagrada. Disponível em:

<>https://www.bibliaon.com/a_parabola_do_semeador_explicacao_significado/#:~:text=A%20Parábola%20do%20Semeador%20é,Jesus%20acerca%20do%20seu%20significado. Acesso em: 9 set. 2023.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2019.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <Notas sobre a experiência e o saber de experiência*>. Acesso em: 4 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Especialistas indicam formas de combate a atos de intimidação**. 2018. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487#:~:text=O%20bullying%2C%20também%20chamado%20de,v%3%ADtima%2C%20em%20uma%20relação%20de>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

CÁFARO, Vivian. **Currículo Mínimo: Clausura ou legitimação do Ensino de Dança na Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro**. 2016. Disponível em:

<<http://www.unirio.br/cla/ppgeac/dissertacoes-defendidas-em-2016/CurriculomnimoCafaro.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

COLE, Paula Murray e MINNICK, Michele. O ator como atleta do coração: o exercício dos Rasaboxes. **O Percevejo** [Online], v. 3, n. 1, 2011 [2002]. Vista do O ator como atleta das emoções: o rasaboxes | Michele Minnick Towson University (Towson, MD, USA) e Paula Murray Cole Ithaca College (Ithaca, NY, USA) | O Percevejo Online.

COUTINHO, Marina Henriques. **A Favela como palco e personagem**. Rio de Janeiro: FAPERJ. 2012

COUTINHO, MARIA Henriques. O uso da abordagem dialógica do teatro em comunidades na experiência do grupo Nós do Morro, na favela do Vidigal no Rio de Janeiro. **InterAÇÕES - Cultura e Comunidade**, v. 1, n. 1, 2006.

CUNHA, Juliana Blasi. O mito da “cidade partida”: análise relacional de favelas e bairros no Rio de Janeiro, Brasil. **E-cadernos CES**, v. 36, 2021.

DE MORAES, Danielle Rodrigues. Teatro na escola: A reinvenção do espaço vigiado. **Urdimento–Revista de Estudos em Artes Cênicas**, n. 17, set. 2011.

EDUMAIS BRASIL: **CAIXA DE PANDORA**. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/caixa-de-pandora#:~:text=segundo%20a%20lenda,-,história%20da%20caixa%20de%20pandora,criação%20dos%20primeiros%20seres%20vivos>>. Acesso em: 2 jun. 2024.

Escola Integral Solar Meninos de Luz. Disponível em: <<https://www.meninosdeluz.org.br/>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

FARIA, Paula Maria Ferreira de; DIAS Maria Sara de Lima; CAMARGO Denise de. Arte e catarse para Vigotski em Psicologia da Arte. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 3, set./dez. 2019. Disponível em: <Arte e catarse para Vigotski em Psicologia da Arte>. Acesso em: 20 out. 2023.

FEIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GONSALVES, Elisa. **Núcleo de Educação Emocional**. Universidade Federal da Paraíba - UFPA - Centro de Educação - CE. Disponível em: <<http://www.ce.ufpb.br/neemoc/contents/videos/emocao-x-sentimento#:~:text=Emoção%20e%20sentimento%20são%20coisas,percepção%20e%20avaliação%20de%20algo>>. Acesso em: 9 ago. 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

ICLE, Gilberto; HAAS, Marta. Gesto decolonial como pedagogia: práticas teatrais no Brasil e no Peru. **Urdimento–Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 36, p. 96-115, nov./dez .2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 1 mar. 2023.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. IMP. O que é a violência doméstica. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

INSTITUTO DE ESTUDO DO TRABALHO E SOCIEDADE. **Caderno**: Pavão-Pavãozinho. Disponível em: <https://iets.org.br/IMG/pdf/iets-caderno_upp_pavaopavaozinho.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos a educação (do) sensível**. 4. ed. Curitiba: Criar, 2006.

KARAMESINIS, Sotiris. M.U.S.A – O uso da música no trabalho do ator no sistema musical de atuação. (The Musical System of Acting and the trance-acting experience). In: JORNADA LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS TEATRAIS, 7, 2014, Blumenau/SC. **Anais...**Blumenau/SC:FURB, 2014.

KARAMESINIS, Sotiris. **Following the traces of Dionysus**: From Athens to Rio de Janeiro. (Seguindo os passos de Dionísio de Atenas ao Rio de Janeiro). Disponível em: <<http://www.apebfr.org/passagenseparis/editione2016-vol1/articles/pdef/pp12Entretien2.pdf.2016>>. Acesso em: 20 maio 2024.

LIV. **Inteligência de Vida**. Disponível em: <<https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/#:~:text=Para%20os%20professores%2C%20LIV%20%20C3%A9,lidando%20com%20as%20quest%C3%B5es%20socioemocionais.&text=Cuidar%20dos%20sentimentos%20dos%20alunos,enfrentar%20os%20desafios%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 20 maio 2024.

FONTE, Paty. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/in/patyfonte/?originalSubdomain=br>>. Acesso em: 9 set. 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. A pedagogia histórico-crítico-social dos conteúdos. 28. ed. São Paulo: Loiola, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 159, p. 38-62 jan./mar. 2016. Disponível em: <Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar>. Acesso em: 12 out. 2023.

LLENAS, Anna. **Diário das Emoções**. São José dos Campos: Benvirá, 2015.

LLENAS, Anna. **O Monstro das Cores**. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

MALAGUTTI, Pedro Luiz. **Os quatro elementos da natureza e a matemática**. II Bienal da SBM. Sociedade Brasileira de Matemática - Universidade Federal da Bahia, 2004. Disponível em: <os quatro elementos da natureza e a matemática>. Acesso em: 3 jun. 2023.

MELO, Alessandro de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Fundamentos da didática**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

MELO, Maria Luisa. "Educar para libertar". Entrevista com Iolanda Maltarolli. **Jornal do Brasil**. 1 de junho de 2018.

MORAES, Danielle Rodrigues de. Teatro na escola: A reinvenção do espaço vigiado. **Urdimento–Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, n. 17, set. 2011.

NOGUEIRA, Marcia Pompeo. **Teatro com meninas e meninos de ruas**: nos caminhos do grupo VentoForte. São Paulo: Perspectiva, 2008.

OLIVEIRA, Maria Eunice; STOLTZ, Tania. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 77-93, 2010. Editora UFPR. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/hLkXfdZ65VDTfztn8ng75Bd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PARANÁ. MPPR - Ministério Público do Paraná - **CAOP - Núcleo de programa da igualdade Étnico - Racial**. Disponível em: <[https://site.mppr.mp.br/nupier/Pagina/Intolerancia-religiosa#:~:text=\(...\),práticas%20religiosas%20consideradas%20não%20hegemônicas](https://site.mppr.mp.br/nupier/Pagina/Intolerancia-religiosa#:~:text=(...),práticas%20religiosas%20consideradas%20não%20hegemônicas)>. Acesso em: 9 set. 2023.

PRENTKI, Tim. Acabou a brincadeira. Pode o teatro salvar o planeta? **Urdimento–Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, n. 17, set. 2011.

RUFINO, Luiz: **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

RUSSEFF, Janaína Meira. O que foi que aconteceu? Inventário artístico-pedagógico do ensino do teatro fluminense nos tempos de pandemia. **Urdimento–Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 42, dez. 2021. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/20408/13778>>. Acesso em: 19 set. 2023.

RYNGAERT, Jean – Pierre. **Jogar, representar - Práticas dramáticas e formação**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SCORZELLI Ateliê. Disponível em: <<https://www.scorzelliatelier.com.br>>. Acesso em: 2 jun. 2024.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

VELLOSO, João Paulo dos Reis; PASTUK, Marília. **Favela como oportunidade**. Plano de desenvolvimento de favelas para sua inclusão e econômica. Organização Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://issuu.com/marcelaescobar/docs/favela_como_oportunidade_2>. Acesso: 12 mar. 2024.

ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. **Desigualdade racial, racismo e seus efeitos**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/Qnm4D67j4Ppztvz3tfb4kwx/>>. Acesso em: 22 out. 2023.